

revista gueto

leituras para a quarentena
#FiqueEmCasa



número treze

edição trimestral | 2020

JANEIRO | FEVEREIRO | MARÇO

leonardo tonus	franklin carvalho	julianne veiga	
dirce waltrick do amarante	sergio leo	christiane angelotti	
raquel laranjeira pais	fred di giacomo	micheliny verunschik	
rafael gallo	marcelo maluf	juan manuel dominguez	
flávio morgado	julia raiz	maria jorgete teixeira	
margarida patriota	dani rosolen	yuri pires	diana pilatti
jorge ivan ferreira	mailson furtado viana	danielle magalhães	
andré luiz pinto	ernesto antonio moamba	mauricio simionato	
jeanne callegari	fion esau ferrari	daniela delias	
joão augusto	francesca cricelli	maria esther maciel	
maria joão carvalho	esther alcântara	maíra vasconcelos	
richard plácido	fernando da rocha peres	guilherme dearo	
leandro rodrigues	maria rezende	michaela v. schmaedel	
mariano alex rosa	adriane garcia	rodrigo garcia lopes	
joão leal edição	helena arruda	edimilson de almeida pereira	

gueto editorial



revista gueto número treze edição trimestral | 2020

JANEIRO | FEVEREIRO | MARÇO

curadoria editorial

Tito Leite e Marcos Vinícius Almeida

editores da revista e do selo gueto editorial

Rodrigo Novaes de Almeida e Christiane Angelotti



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© revista gueto, 2020

<https://revistagueto.com/>

edição trimestral | número 13

183 páginas | Selo Gueto Editorial © 2020

Fundador e Editor-chefe

Rodrigo Novaes de Almeida

Editora

Christiane Angelotti

Curadoria Editorial

Tito Leite

Marcos Vinícius Almeida

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

[Creative Commons](#)

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

Detalhe de Tempestade no Mar da Galileia | Rembrandt (1606-1669)

Sumário

entrevista

Leonardo Tonus | 06

crônica

Franklin Carvalho | 12

Julianne Veiga | 15

Dirce Waltrick do Amarante | 17

conto

Sergio Leo | 20

Christiane Angelotti | 23

Raquel Laranjeira Pais | 27

Fred Di Giacomo | 32

Micheliny Verunschck | 36

Rafael Gallo | 40

Marcelo Maluf | 54

Juan Manuel Domínguez | 57

poesia

Flávio Morgado | 61

Julia Raiz | 67

Maria Jorgete Teixeira | 70

Margarida Patriota | 71

Dani Rosolen | 75

Leonardo Tonus | 77

Yuri Pires | 81

Diana Pilatti | 83

Jorge Ivam Ferreira | 86

Mailson Furtado Viana | 89

Danielle Magalhães | 92

André Luiz Pinto | 101

Ernesto Antônio Moamba | 103

Maurício Simionato | 105

Jeanne Callegari | 107

Fiori Esaú Ferrari | 111

Daniela Delias | 117

João Augusto | 120

Francesca Cricelli | 123

Maria Esther Maciel | 125

Maria João Cantinho | 130

Esther Alcântara | 131

Maíra Vasconcelos | 134

Richard Plácido | 136

Fernando da Rocha Peres | 138

Guilherme Dearo | 140

Leandro Rodrigues | 147

Maria Rezende | 149

Michaela v. Schmaedel | 154

Mário Alex Rosa | 157

Adriane Garcia | 160

Rodrigo Garcia Lopes | 163

Jozias Benedicto | 169

Helena Arruda | 172

Edimilson de Almeida Pereira | 175

gueto entrevista



Leonardo Tonus | Professor Livre Docente em literatura brasileira na Sorbonne Université (França). Em 2014 foi condecorado pelo Ministério de Educação francês Chevalier das Palmas Acadêmicas e, em 2015, Chevalier das Artes e das Letras pelo Ministério da Cultura francês. Curador do Salon du Livre de Paris de 2015 e da exposição *Oswald de Andrade: passeur anthropophage no Centre Georges Pompidou* (França, 2016). É o idealizador e organizador do festival Printemps Littéraire Brésilien. Publicou diversos artigos acadêmicos sobre autores brasileiros contemporâneos e coordenou a publicação, entre outros, de *Samuel Rawet: ensaios reunidos* (José Olimpio, 2008) e das antologias *La littérature brésilienne contemporaine — spécial Salon du Livre de Paris 2015* (Revista Pessoa, 2015), *Olhar Paris* (Editora Nós, 2016), *Escrever Berlim* (Editora Nós, 2017) e *Min al mahjar ila al watan — Da Terra de Migração Para a Terra Natal* (Revista Pessoa, Abu Dhabi Departement of Culture and Tourism/Kalima, 2019). Vários de seus poemas foram publicados em antologias e revistas nacionais e internacionais. É autor de duas coletâneas de poesia: *Agora vai ser assim* (Editora Nós, 2018) e *Inquietações em tempos de insônia* (Editora Nós, 2019).

1. Para começar, conta um pouco sobre o livro *Inquietações em tempos de insônia* (Editora Nós, 2019)?

O conjunto dos poemas que compõe a antologia *Inquietações em tempos de insônia* foi redigido, em quase sua totalidade, entre o período eleitoral e os primeiros meses do governo atual. Não que eu pensasse na altura elaborar um livro que dialogasse com o momento político pelo qual atravessávamos. Meu ponto de partida era outro. Pelo ato da escrita, buscava, antes, entender o “trauma discursivo” a que éramos confrontados, e mais particularmente os que, como eu, trabalham com a literatura. Nunca o Brasil vivera um momento de tanta dor. Nunca o Brasil conhecera tamanha violência veiculada por seus representantes políticos, pela mídia e pelas redes sociais. Nunca, ao longo de toda a nossa história, a palavra fora tão atacada no

Brasil. Durante este período (e ainda hoje), assistimos, como evoco no poema “Menino-pássaro”, à morte anônima e solitária da palavra “abandonada, no meio-fio” das ruas. Ora, não há nada mais aterrorizador para quem com a palavra trabalha e que em sua capacidade de fazer emergir o cuidado para com o outro acredita, do que ver a palavra, assim, pisoteada em praça pública. Vivi este momento de maneira traumática sentindo corporalmente os seus efeitos nefastos. Os primeiros textos da coletânea decorrem deste sentimento e de minha impotência diante dessa tragédia. Eles evocam este corpo social à beira do abismo presenciando a vertigem das perdas e da crença no poder da palavra. Não sei se dos abismos consegui (e conseguimos) retornar. De todo modo, fica aqui o registro desse grito tão necessário.

2. Como costuma ser seu processo de criação? E como foi esse processo com *Inquietações em tempos de insônia*?

Antes de me dedicar à literatura trabalhei durante muitos anos no Brasil como músico. Estudei piano e, posteriormente, ingressei a universidade no curso de Composição e Regência. Não que a música exija mais do que outras práticas artísticas ou científicas, mas o rigor metodológico que ela impõe deixou marcas profundas em minha formação e em minha atuação de docente, de pesquisador e de escritor. Prezo pelo rigor, aprecio a organização sistemática, cumpro horários pré-definidos, componho diariamente listas de tarefas redigindo de maneira metódica meus cursos, artigos acadêmicos e poemas. Meu exercício de escrita se aproxima, em grande parte, da prática do músico e, nomeadamente, do improviso jazzístico cuja arte reside justamente neste tênue equilíbrio entre rigor e liberdade: o rigor do estudo para absorver o material musical necessário ao improviso (citações de outras músicas, figuras rítmicas, fraseado relacionado do gênero em questão, etc.) e a liberdade da escolha no momento da performance em que se colocam em prática as conexões entre os elementos estudados e aquilo que nós executantes desejamos como resultado final. Mais perceptível em minha primeira antologia (*Agora vai ser assim*, Editora Nós, 2018) cujos poemas apontam em seus diálogos “inter” e “transtextuais”

para um anarquivamento litero-cultural (Márcio Seligmann), em *Inquietações em tempos de insônia* tal postura se manifesta pela tensão inerente ao improviso (que não se restringe à sua tecnicidade) e que o estado de vigília em que nascem tais textos vem corroborar. Como afirma Márcia Tiburi ao citar a escritora Margueritte Yourcenar na apresentação da antologia: o homem que não dorme (e que não deixam dormir) se recusa ao fluxo das coisas. Há tempos que eu recuso os fluxos das coisas. Há tempos que eu não durmo e que vivo, tragicamente, a atualidade brasileira, nomeadamente em meus improvisos poemáticos.

3. O que você diria para quem está começando a escrever? Por que você começou a escrever?

Trata-se de uma pergunta quase impossível a ser respondida, sobretudo se levarmos em conta as motivações pessoais que levam à escrita. No que me diz respeito, ela decorre de uma urgência transformada em grito por justamente ainda não se saber palavra. Gosto de pensar minha escrita como este clamor capaz de expressar uma dor diante da impossibilidade de compreender as guerras, o racismo, a homofobia; diante da impossibilidade de conceber a tragédia dos refugiados. Neste sentido, coloca-se aqui menos a questão das motivações que me levaram ao exercício ficcional (que sempre é um exercício falho) do que o desejo de as fazer conhecer junto a um público leitor. Este talvez seja o grande desafio do processo de escrita: escrever para assumir publicamente suas falhas fazendo emergir, pela leitura, a experiência da hospitalidade, aquela que muitas vezes somos incapazes de praticar no cotidiano. Que conselho, neste sentido, dar aos jovens escritores? Que nunca percam de vista o que define, em minha opinião, a própria literatura: a capacidade de acolher e de reconhecer o outro. Ou como evoco no poema “Estar-em-comum” (*Agora vai ser assim*): a hospitalidade que sempre começa pela hospitalidade da língua de “nomear o outro que desconhecemos”, de “acolher em nossa língua o outro que não conhecemos”; a hospitalidade que nada espera, exceto o próprio “gesto da hospitalidade”: “um estar-em-comum, um respeitar-em-comum, um gesto, apenas”.

4. Como professor da Universidade Sorbonne, em Paris, e um dos principais divulgadores da literatura brasileira no exterior, que avaliação você faz do modo como os europeus enxergam nossa literatura e o Brasil, ontem e, principalmente, hoje, sob o impacto de um governo de extrema direita que ataca as universidades, a ciência e a cultura do país?

Para que leitores possam conhecer a nossa literatura fora do país é necessário que ela seja traduzida. Este foi um dos grandes desafios da política de soft power implementada pelo governo brasileiro ao longo dos anos 1990 e 2000, quando se deu o início do processo de internacionalização de nossos bens culturais, nomeadamente de nossa literatura. Criaram-se bolsas de tradução, o governo passou a apoiar a presença de escritores em eventos internacionais, incrementou-se a visibilidade de nossa literatura por meio da participação do país nas grandes feiras internacionais. Um grande quiproquó instala-se, no entanto, desde o início deste processo. Em minha opinião, ele diz respeito à incapacidade do país em optar entre uma verdadeira política em matéria de diplomacia cultural (fortalecendo a sua marca Nação pelo viés da cultura) e entre uma política de exportação de seus bens culturais permanecendo assim atrelado às leis do mercado e às forças do campo literário e de seus agentes que, como sabemos, compartilham interesses em comum mas que não dispõem dos mesmos recursos e competências (Pierre Bourdieu). O que dizer hoje da (não) presença de nossa literatura na cena mundial? Aliás como defender a literatura de um país confrontado a um poder totalitário? De um país que não defende os seus cidadãos? De um país que não respeita o meio ambiente? De um país que dismantela a sua educação ou que através de seus órgãos oficiais difama os seus atores culturais, como no caso da recente nota da Secom atacando a cineasta Petra Costa? O Brasil com o que sonhávamos já não existe, nem dentro e nem fora do Brasil.

5. Como surgiu a ideia da Printemps Littéraire Brésilien? Conta-nos um pouco sobre este projeto?

O projeto Printemps Littéraire Brésilien nasce dentro da sala de aula, nomeadamente em minhas aulas de literatura brasileira na Universidade da Sorbonne onde leciono há quase 20 anos. Ele tinha (e ainda tem) por objetivo fazer com que meus estudantes descobrissem a nova literatura brasileira pouco lida aqui no exterior. Foi em 2005, durante as comemorações do ano do Brasil na França, que comecei a receber escritoras e escritores brasileiros em minhas aulas. Diante da boa recepção por parte de meus estudantes decidi criar em 2013 a primeira semana Brasil na Sorbonne que, em 2014, se transformou na Printemps Littéraire Brésilien. Desde sua criação mais de 200 autores já participaram do evento que, em 2016, ganhou uma dimensão internacional com apresentações realizadas em países europeus e em diversas cidades nos Estados Unidos. As atividades da 7ª edição do festival [N.E.: cancelada por causa da pandemia de Covid-19] conservam ainda seu caráter colaborativo, participativo e itinerante. Elas começam agora no mês de fevereiro na Universidade de Indiana (Bloomington) e prosseguirá por cinco países europeus (França, Portugal, Bélgica, Itália e Alemanha). Retornaremos aos Estados Unidos no mês de abril com atividades programadas em 12 universidades norte-americanas. Para além da participação de mais de 70 convidados (autores, editores, jornalistas, ilustradores, etc.), contaremos este ano com a parceria de diversos atores do mundo do livro no Brasil e no exterior (revistas literárias, editoras, livrarias, blogs, etc.). Felicito-me da parceria estabelecida com a **Revista Gueto** que, ao longo do ano, acolherá textos ficcionais e ensaísticos redigidos pelos participantes da Printemps Littéraire Brésilien em torno do tema: **“Brasil : (im)possíveis diálogos”** [N.E.: o acolhimento dos textos na **Gueto** foi mantido]. Este será um momento profícuo para debater, entre outros, os possíveis e impossíveis caminhos que se abrem à nossa cultura e à nossa produção literária. A nossa maneira de contribuirmos, criticamente, a uma possível política de diplomacia cultural, se esta ainda for possível no contexto atual.

crônica

0

Franklin Carvalho | Jornalista e autor dos livros de contos *Câmara e Cadeia* (2004) e *O Encourado* (2009). Em 2016, o seu romance *Céus e Terra* venceu o Prêmio Nacional de Literatura do Serviço Social do Comércio (Sesc), e em 2017, o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Autor Estreante com mais de 40 anos. O autor participou da comitiva brasileira na Primavera Literária Brasileira e no Salão do Livro de Paris (2016), eventos realizados na capital francesa, e foi palestrante também na Feira do Livro de Guadalajara (México — 2017), na Festa Literária de Paraty 2018 e em outros eventos literários. Tem contos publicados na Revista Gueto e na *Ruído Manifesto*.

um país deserto e sem céu

O ônibus que seguia para o sertão deu uma parada e ali subiu um senhor com aparência sexagenária que vendia pastéis e outros salgados. Na caixa plástica dos seus lanches exibia um grande adesivo com a frase “Arrependei-vos e crede no Evangelho”. Ele desfilou pelo corredor anunciando seus produtos e, nas cadeiras do fundo, encontrou dois homens seus conhecidos. Comentou com eles algum episódio de crime, e concluiu:

— Conheci um cidadão que foi preso e na cadeia havia um ferro quente, desses de marcar gado, e lhe gravaram na traseira uma letra. Devia ser assim até hoje. Deviam pegar cada preso e arrancar as unhas todos os dias, durante uma semana, de alicate.

Ele voltou e me ofereceu as peças de trigo que eu já havia recusado.

— O senhor é cristão? Não foi isso que Jesus sofreu?

Não precisei colocar mais detalhes, o vendedor já sabia que eu estava entrando na sua conversa sobre tortura. Sem aparentar qualquer surpresa argumentou que “no tempo de Jesus” já havia castigos.

— Sei disso, houve o caso de Maria Madalena, e Cristo se opôs àquela barbaridade.

— No velho testamento se castigava assim também!, afirmou o ambulante, já se adiantando para descer no próximo ponto, sem ouvir minha comparação entre os dois livros da Bíblia.

Uma mulher jovem do outro lado do corredor olhou para mim parecendo concordar com o que eu dizia. Lá atrás os dois amigos do pasteleiro mergulharam numa conversa cheia de risadas que eu não conseguia ouvir direito, mas que tinha expressões de contentamento com a brutalidade. Senti que eles precisavam rir enquanto faziam comentários carniceiros, e que era melhor não escutá-los. Prossegui a viagem crendo que nenhum daqueles valentes assumiria a tarefa de arrancar unhas, que delegariam a função a um miserável mal assalariado, como os governantes fazem, que contratariam um carrasco faminto para a manutenção da sua grande moral e do seu grande Deus.

No retorno a Salvador, num carro de frete, o motorista jovial falava também de temas de segurança pública. Eu vinha calado ao seu lado, a conversa dele era com um idoso que viajava atrás. O velho, que balbuciava contra os direitos humanos, mudou o assunto para a economia e disse que “era grande o rombo na Previdência”. O homem ao volante concordava mas desviou, e falou que o presidente da República fala muita bobagem, é fraco e não se comporta como um governante. Também condenou a “trambicagem” que fizeram para prender o Lula. O velho, desistindo, abriu uma Bíblia e começou a gaguejar na leitura de algum trecho sem começo nem fim.

Vontade de chegar em casa. Como no dia em que saí da Festa Literária de Cachoeira (Flica), em 2017, e peguei uma van de frete e, na viagem, fui submetido a um ritual cheio de “aleluias”. A produção da Flica tinha me oferecido transporte, mas eu me atrasei e voltei em condução improvisada. A van pegou engarrafamento na rodovia e eu até dormi, mas acordei no meio da noite, o som gospel em alto volume no carro. Quando o cantor elevava a voz, o motorista empolgado soltava o volante e erguia as mãos em transe. Mas chegamos.

Vontade de chegar em casa. No dia seguinte à Festa Literária de Cachoeira eu já estava em Maceió, para apresentação na Bienal do Livro da capital alagoana. Terminado o trabalho, fui passear pela orla, a lua cheia na praia serena, ao longo da avenida urbana. Vi na

areia um grupo religioso, jovens com violão simulando um luau, mas o assunto era muito grave. Novamente muitos “aleluias”.

— Cada um promete fazer sua irmã deixar de ser imoral? Cada um promete lutar para que a universidade não seja ambiente de prostituição?

Segui pela calçada, conheci as barracas, a tapioca, alguns moradores de Maceió e regresssei. No retorno comentei com alguns dos rapazes que desarmavam a cena religiosa: “Tem gente com fome! O Brasil precisa de revoluções em tudo”. Responderam com o código que tinham, excitados: “Jesus te ama”.

Vontade de chegar. Segundo as Escrituras, na casa do Senhor há muitas moradas.

Nota do autor: Título da crônica tirado da música italiana *A casa de Irene*, de Nico Fidenco, que diz “*I giorni grigi sono le lunghe strade silenziose / Di un paese deserto e senza cielo.*” (“Os dias cinzentos são como as longas estradas silenciosas / de um país deserto e sem céu.”)

Julianne Veiga | É de Goiás, uma antiga e histórica cidade do interior do estado de Goiás. Casada, três filhos, três netas.

parte bicho

(a parte bicho da moça sobrevivente)

Goiás, 04 de julho de 2019.

A moça é adulta agora. Tem quem, inflexível que é, a considere envelhecida. Ah, pobre do sujeito que pensa assim. Sabe pouco este, pensa reduzido, fechado no espaço curto de um torto tempo limitado pela visão isolada de um. Ela, caso estivesse aqui ditando o norte do relato desta sua histórica, talvez até desse razão a quem assim o diz. Fazia pouco de si mesma esta moça. Mas isto de ser ou de estar velho quase nenhuma diferença faz. Pode fazer uma diferença meramente subjetiva, já que ou a velhice é coisa de dentro, introjetada em cada um, ou é coisa apenas de quem, de fora, olha só por olhar e, embora pouco ou nada veja, julgue: está velho aquele. Em geral, ser velho na atualidade é situação vexatória, segundo os padrões predominantes. Bom, mas predominância é como a maioria sobre cuja definição o cronista foi duro ao indicar a respectiva e insuficiente inteligência. A moça da nossa história, porém, aceitou envelhecer. Nada disto, tampouco, importa aqui. A moça, que é agora adulta, desde sempre consumiu seu tempo, todo ele, é o que lhe parece porque tempo também é subjetivo, procurando a porta de saída. Não é bem assim, na verdade, esta moça não tinha uma noção clara sobre si, sobre sua história e sobre como ela e sua história se inseriam, bem ou mal, no mundo, no vasto mundo que circundava a si e àquilo que era tido por ela como sendo a sua vida. Bem, a porta de saída era um desafio. Sair nunca é fácil, principalmente quando você não tem certeza de que é a saída aquilo o que busca, que ela é o fim almejado ou, pior, que ela existe e que é preciso que por ela se saia para algum lugar onde estará, enfim, salvo. Pensa bem: você nasce num grupo familiar, num determinado lugar, cresce nele, vive segundo aqueles padrões. Então, não me diga que a porta de saída é visível a olhos desnudos. Ora, se fosse, sequer haveria procura, menos, ainda, a saída seria necessária, estaríamos delas e de tudo

mais todos a salvo. É preciso, por isto, entender que a moça percorreu caminho. Foi menina. É adulta agora, velha como podem preferir os apressados. Antes engatinhou confusa sobre uma história que construiu para si mesma e nela se salvou e se perdeu. Esta tal moça é forte e ardilosa: sobre a história de base, que deixou submersa em seu inconsciente, construiu uma outra ficta, assentada sobre falsos cenários verdes, com céus azuis de primavera, igualmente irreais. Sobre tal virtualidade perfeita se assentou como pessoa feliz. Só que a base falsa tem sempre frestas incontidas por via das quais a verdade escapa, infalivelmente. A moça, antes menina, desde então, cresceu sentindo-se um blefe. Inadequada. De fato, era ela um blefe, vez que firmava-se sobre aquelas bases falsas e inseguras que, sabia, eram produto de suas idealizações de sobrevivência. A menina da moça, precedendo a agora adulta, creu em seu mundo virtual de felicidade, idealizado como campo de paz. Num determinado momento, ousada, fez tudo ruir. Ela fez ruir. Estava cansada de não saber bem quem era. E aí, ela desmistificou sua felicidade falsa, sua segura insegurança. Pulou de “de ponta” no poço fundo que era ela. Teve coragem. Submergiu. Emergiu faz pouco à superfície. Está agora tomando fôlego, quieta ao seu próprio lado. Tem a si como companheira.

Dirce Waltrick do Amarante | É autora, entre outros,
de *Cem encontros ilustrados* (Editora Iluminuras).

a economia do céu

Sentada na fileira 14 de um avião que ia de Brasília a Florianópolis, participei, gratuitamente, de uma palestra motivacional proferida pela colega da poltrona ao lado. Com muita segurança e propriedade, a palestrante formulou, em quase duas horas de voo, as teses mais diversas: “devemos reconhecer nossas inteligências e desenvolvê-las” ou “somos a imagem e semelhança de Deus”. Não era a mim que ela se dirigia, mas à colega da poltrona ao lado da dela. Contudo, foi-me impossível escapar da sua ladainha, pois o voo estava cheio e eu não tinha para onde ir. O fato é que o que ela dizia, em tom bíblico, parecia chegar aos meus ouvidos antes de chegar aos ouvidos de sua real plateia.

A palestra não começou sem um introito em que a palestrante contou um pouco de seu percurso até aquele momento: era médica, mas a “medicina havia se tornado ‘pequena’” para ela, depois que descobriu sua missão nesta vida, e sua missão era ser influenciadora. Explicou que temos os influenciados e os influenciadores e que, quando somos fortes, inteligentes e capazes, não nos deixamos influenciar, mas influenciamos. Aqui, desviei o olho do meu livro (sim, tentava ler sem sucesso um livro sobre Georgiana Houghton, a espiritualista inglesa considerada a precursora da arte abstrata) e olhei para ela com curiosidade; queria saber quem era aquela pessoa tão especial que sentara justo ao meu lado.

Sua ladainha prosseguiu com ela afirmando que sua missão era ensinar. Nesse momento, embora disfarçadamente, não pude mais tirar os olhos dela e até prestei atenção, pois sou professora e podia tirar algum proveito de sua sabedoria.

De repente, para a minha surpresa, ela disse que o que ensinava mesmo era economia e mostrou à sua plateia, com muito orgulho, um livro que acabara de ler, *Chaves para a economia do céu*, e profetizou: “Nele vamos reconhecer Jesus Cristo”. “Senhor!”, pensei, “não estou entendendo mais nada”.

Mas logo entendi que o livro, cujo título achei muito criativo, beirando o nonsense, era coisa séria, tratava de princípios

econômicos ditados pelo Senhor. Um desses princípios, segundo a palestrante, era fazer a economia girar, e para fazê-la girar, disse ela, “temos que dar e receber; entretanto, não podemos esperar para receber primeiro, temos que dar início ao ciclo; então, temos que dar, doar, nos esvaziar e só depois...”. Não escutei o resto porque tive que ir ao banheiro, vou muito ao banheiro quando viajo de avião.

Quando voltei, ela já estava nas sete leis espirituais do sucesso, que eram citadas em inglês (ou algo parecido) e, em seguida, em português. Essa coisa de falar em duas línguas parecia dar mais credibilidade. A moça que a ouvia atentamente parecia embasbacada e disse: “*Yo hablo español*”.

A ladainha só teve fim quando chegamos a terra firme. No primeiro aviso de desatar os cintos, pulei da poltrona, peguei minhas tralhas e parti.

Disso tudo, confesso, ficou um aprendizado, do qual agora não me recordo.

conto

0

Sergio Leo | Escritor, jornalista, artista plástico. Prêmio Sesc de Literatura com o livro de contos *Mentiras do Rio* (Editora Record); publicou *Ascensão e Queda do Império X, sobre o fiasco de Eike Batista* (Editora Nova Fronteira), “Segundas Pessoas” (conto, e-galáxia) e contos nas revistas Pessoa, La Pecera e Flaubert. Foi curador da 3ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura, em Brasília, e jurado do concurso de contos Machado de Assis (Sesc/DF); participou de duas exposições coletivas no Museu Nacional de Brasília. Trabalhou no Valor Econômico, O Globo, Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, TV Globo, Isto É Dinheiro e Isto É.

certezas

Acho que acabava de abrir uma garrafa de cerveja quando vi o primeiro crocodilo, ou assim me pareceu; como se um pedaço da carapaça pardacenta do bicho deslizesse acima da linha d’água por segundos, para submergir rapidamente em seguida. Não tive tempo de avisar Marina, distraída na popa da pequena lancha de motor discreto, nem Marcelo. Ele, apoiado no banco de madeira do barco — ou ligeiramente inclinado em minha direção, sorrindo, as duas imagens se confundem na memória — tagarelava, falando mal das nossas origens.

Creio que não cheguei a comentar sobre o bicho. Marcelo ou Marina, naturalmente, duvidariam da aparição de um réptil, tranquilo, a passeio em um canal europeu. Não me lembro se tiveram essa reação. Seria previsível, bem provável, mas, se aconteceu, não mudou a falta de rumo da conversa, frouxa, distraída.

É possível eu não ter mencionado o animal, e notado, apenas, as poucas garrafas plásticas de água mineral e latas de cerveja boiando, por perto. Deve ter sido, aliás, um comentário sobre canais e sujeira que levou Marcelo a falar das tantas vantagens de viver sob costumes da Holanda.

“Imagina se os holandeses, e não os portugueses, tivessem colonizado o Brasil”.

“O país seria um imenso Suriname”.

Marcelo riu; e levei um tapa no braço. Nada disso, camarada.

Eu não sabia nada de ocupação holandesa, nem imaginava o que Nassau fez em Recife e Olinda. De como era democrática a política no Brasil holandês. Do financiamento pioneiro aos usineiros de cana de açúcar.

Não, eu não conhecia nada, não tinha ideia, nem sabia se ele estava falando a verdade ou confundia a história. Mas, se progresso fosse financiamento a usineiro, o Brasil, hoje, seria uma Suécia.

Marina riu alto. Você é um idiota, ela disse.

Eu sempre fui um idiota. Não lembro se concordei, rindo também, ou se fiz algum gesto amistoso, enquanto aproveitava para me recostar no assento, entorpecido pelo calor, meio hipnotizado pelas oscilações do barco.

Talvez tenha sido, aquele, o momento em que vi o segundo crocodilo, algo que poderia ser o topo da cabeça do bicho, de olhos opacos, aflorar por um instante na superfície cinzenta do canal e desaparecer em uma espuma amarelada, fazendo rodopiar um copo de plástico também acinzentado. Uma janela amarela refletida na água tremulou, mais adiante, num movimento que pareceu, por um momento, provocado pela passagem de um bote, à direita do nosso, ou por algum animal submerso, grande, lento.

No restaurante, foi Marina quem passou cuspir no país em que nasceu. Alguma coisa sobre nossa incapacidade de usar lixeiras, a falta de regras e respeito aos outros. Ou isso das lixeiras ela havia dito no barco, já a caminho do hotel.

Complexo de vira-lata, eu disse. Vira-lata é elogio, ela respondeu. O vira-lata é independente, ladino, um sobrevivente que aprendeu a explorar ou evitar o ser humano, conforme o caso. Sem dívidas com a humanidade. Quem é submisso, de saúde frágil, bajulador e previsível é o cão de raça, o fifi da madame.

Marina era boa de argumentos. Mas, agora, já não lembro se foi mesmo ela ou Marcelo quem veio com essa história de vira-latas e cachorros com pedigree. Poderia ter sido ele. Lembro vagamente de ambos discutindo sobre vídeos de gatos no Facebook e como os detestavam mas não conseguiam deixar de vê-los, todos. É possível que essa história de gatos tenha surgido depois da conversa sobre vira-latices. Eu tinha abusado do vinho. E pensava, calado, como sobreviveriam os crocodilos, em canais urbanos, por mais limpos que

fossem — e esses não eram limpos, nem de longe. Talvez os bichos estivessem acostumados, por anos de sujeira; talvez a sujeira os tivesse atraído. Fosse no Brasil, quem sabe, eu veria capivaras.

Não sei se saímos tarde do restaurante porque havíamos chegado tarde, ou porque nos demoramos no almoço; lembro que abri a porta para Marina, Marcelo veio atrás, os dois argumentavam, concordavam, e soltavam palavras desbotadas, que se dobravam sobre si mesmas assim que pronunciadas, e rachavam ao tocar o chão, seus pedaços bicados pelos pombos, em meio a migalhas de pão, restos de comidas, resíduos de turistas. A luz da tarde deixava reflexos amarelados nos olhos de Marina, tornava enrugada a pele de Marcelo, me feria os olhos.

Falavam, os dois, àquela altura, de uma notícia, lida no avião, sobre salários absurdamente altos de professores de ensino médio em alguma capital brasileira importante. Não me recordo se usaram exatamente esse adjetivo, mas acho que não prestaram atenção quando lhes disse que, convertidos em dólares, absurdo era o muito pouco que as escolas pagavam para ensinar.

Talvez eu nem tenha falado, só pensado nisso, ao ouvir de Marina que era compreensível pagar o triplo a funcionários do Banco Central. Marcelo, provavelmente, teria lembrado que trabalhava no Banco Central, antes de se aposentar, dias antes de nos convidar para aquela viagem. Ou semanas antes, eu não sabia com certeza.

Por cima dos ombros de Marcelo, eu via os lampejos do sol refletidos nas águas do canal, remexidas pelas embarcações. Eu enjoava. O canal parecia pulsar, num movimento estranho. E meus amigos, com sorrisos de dentes pontudos e movimentos nervosos, de réptil, me convenceram a terminar a tarde — ou começar a noite — numa coffee shop.

Christiane Angelotti | Editora de Literatura Infantil e de Educação, e criadora do site [Para Educar](#).

mais uma Maria

Maria Luiza tinha apenas sete anos quando deixou a casa da mãe na cidade de Descalvado, interior de São Paulo. Daquela época ainda guardava na memória as brincadeiras com os irmãos menores na rua. Havia outras crianças também, mas não se lembrava mais delas. As risadas infantis, a poeira do chão de terra, a bola colorida rolando e levantando poeira. Dos dois irmãos só conseguia lembrar da fisionomia da irmã do meio, Maria Rita. Maria Rita, então com três anos, era a sombra de Maria Luiza. Onde ela ia a pequenina a seguia com seus passos trôpegos. Tomás era o bebê chorão. Dele, lembrava-se apenas de estar sempre no colo da mãe e de mamar. Talvez o leite fosse pouco, pois o pequeno esmurrava o peito da mãe e gritava e chorava. Maria Luiza vivia com raiva dele.

A mãe era uma mulher triste e cansada em sua memória. Fugira com os filhos de um marido alcoólatra que a espancava. Maria Luiza recorda dessas cenas, embora se esforçasse para esquecer. Mas eram delas que reteve mesmo os detalhes, para sua tristeza.

Não conseguia se lembrar do rosto do pai, apenas das cenas de violência, do barulho de garrafas quebradas e do medo que sentia quando ouvia que ele havia chegado em casa. E do cheiro dele também. Era um odor forte de álcool. E isso lhe causava repugnância, mesmo depois de tantos anos.

A nova vida era difícil. Raramente tinham algo para comer. A mãe trazia pão, mas era raro. O leite que ganhavam de vizinhos era diluído em água para alimentar os quatro. Por vezes, Maria Luiza não via a mãe comendo e, como era criança, nem imaginava que os adultos também comem. Quando a barriga doía de fome a mãe fazia uma mistura de água com açúcar e os colocava para dormir.

Uma manhã, a menina acordou com os gritos da mãe que sacudia o pequeno Tomás com força e desespero. O caçula havia morrido de fome. Era o que diziam aos cochichos os vizinhos que vieram à porta ver o que havia acontecido, alguns com olhares de julgo, outros de comiseração.

Após a morte de Tomás a mãe passou dias catatônica. Não falava com as filhas, não se levantava para nada. Maria Luiza preparava farinha de milho com água para as três.

Foi em uma tarde, dias depois da morte de Tomás, que bateram na porta do casebre de três cômodos, cozinha, banheiro e a sala que servia também de quarto para a família, três senhoras bem vestidas. Uma delas parecia ser conhecida da mãe, e vieram lhe fazer uma proposta. Até que ela se recuperasse da morte do filho e arrumasse trabalho, Maria Rita ficaria sob os cuidados de uma das senhoras e Maria Luiza ficaria com a outra. Prometeram-lhe escola para as meninas, roupas, comida e que seriam cuidadas como pessoas da família. Daquela tarde, Maria Luiza só se recorda do olhar da mãe, longe, como se estivesse sem vida, e do choro da irmãzinha que não queria soltar sua mão.

Maria Luiza viajou de carro com dona Solange e um motorista por tantas horas que não saberia dizer. Imaginou que sua nova casa seria longe. Comunicaram-lhe que era no Rio de Janeiro, que tinha praia, mar. Mas como ela nunca havia saído de sua região, não tinha muita ideia de onde estava indo morar.

Logo em sua primeira noite no novo lar, Maria Luiza dormiu em um quarto que disseram que seria seu a partir daquele dia, um dormitório sem janelas com um colchão e um pequeno banheiro, nos fundos da casa de Solange. A menina sentiu medo, pois foi trancada lá sem nenhuma instrução.

Na manhã seguinte recebeu um copo de leite e um pão com manteiga de café da manhã, roupas novas e itens de higiene. Recebeu também uma caneca de porcelana, prato e talheres que seriam de uso exclusivo dela, não podendo usar outros utensílios da casa para se alimentar.

Solange lhe apresentou seu marido, Jonas, os cômodos da casa e o cachorro Pepe. Passou a chamá-la de Marta. A menina estranhou e a mulher explicou que Maria era um nome muito comum e que teria novos documentos com o nome de Marta.

Em sua nova vida Marta aprendeu a limpar a casa, fazer a comida e lavar e passar as roupas. Marta tinha horários rígidos para acordar e fazer suas tarefas. Podia assistir televisão com o casal,

sentada no chão, à noite, após deixar a cozinha toda arrumada, e apenas nos dias em que permitissem.

O tempo passou e o dia de ir à escola nunca chegou. Marta só podia sair de casa acompanhada de Solange para ir à feira e ao mercado. Enquanto limpava o quintal ou estendia as roupas no varal, via as crianças na rua brincando. Lembrou-se que era criança, será que poderia sair para brincar?

Na primeira vez que Solange a viu cumprimentar uma criança da vizinhança levou uma surra ao entrar em casa. E assim a menina foi tendo cada vez mais medo de Solange e de seu marido.

Jonas também batia em Marta. Se ela falava mais alto, se demorava para levar algo que pediam, se a comida ficava salgada ou o arroz passava do ponto. As surras dele eram as piores, pois ele batia usando um cinto.

O único momento de brincadeira de Marta era com o cachorro da família. Quando recebiam amigos a menina era trancada em seu quarto. Quando o filho do casal ia visitá-los com a esposa, a menina era proibida de interagir com eles. Certa vez ouviu Solange dizer ao filho que ela tinha problemas e quase não falava. A esposa dele, Graça, lhe dirigia um olhar gentil, mas nunca tentou saber mais sobre ela.

A vida de Marta era cerceada de todas as formas. Havia dias em que mal via a luz do sol, quando era castigada por algum mau comportamento e trancada novamente no quarto dos fundos.

Viver assim era quase um não viver. E Marta mal tinha ideia do que havia do lado de lá do portão. Nunca havia visto o mar, como fora prometido. Não sabia ler nem escrever.

Os anos se passaram. Pepe morreu. Marta sofreu muito com a perda. Já tinha quinze anos e sua vida era a mesma. Alegrava-se quando as crianças de Júnior e Graça chegavam para visitar os avós. Nessas ocasiões ela podia cuidar das crianças e brincar com elas. Alice, de cinco anos, era sua preferida, pois lembrava sua irmãzinha.

Mais cinco anos se passaram e Marta, agora com vinte anos, acompanhava Jonas na sessão de fisioterapia no hospital. Ele sofrera um derrame e tivera várias sequelas. “Bem feito!”, pensava Marta. Mas logo se arrependia, pois era ela quem cuidava de Jonas debilitado e trocava suas fraldas.

A família precisou contratar uma enfermeira para ficar durante o dia. Elza era seu nome. Ela tentava conversar com Marta, estranhava o fato de a jovem não conversar. Escreveu-lhe um bilhete, recebido pelas mãos trêmulas de Marta. A jovem não sabia ler. Picou o papel e jogou na descarga com medo de ser descoberta por Solange.

Pouco tempo depois Jonas veio a falecer. Elza não apareceu mais. Marta continuou a cuidar da casa sob os olhares de Solange. Permanecia trancada no quarto com frequência cada vez maior. Certa vez passou o final de semana trancada e sem comida.

No ano em que Marta completou vinte e dois anos, em uma manhã morna de outono, Solange saiu para fazer compras e não retornou. Marta achou estranho. Passaram-se dois dias. Ela não sabia usar o telefone e era proibida de atendê-lo. Fora espancada mais de uma vez por isso.

No terceiro dia, o filho de Solange apareceu. Marta soube que Solange havia sofrido um mal súbito na rua e morreu antes de chegar ao hospital.

Marta correu para o quarto dos fundos, trancou a porta e chorou.

Raquel Laranjeira Pais | Nasceu em Lisboa. É licenciada em Psicologia e mestre em Psicanálise e Filosofia da Cultura pela Universidade Complutense de Madri. Dá continuidade à sua formação em São Paulo onde frequenta o centro literário Escrevedeira e publica contos em revistas literárias. Em novembro de 2019 publicou o seu primeiro livro de contos *Trinta e Três de Agosto* na coleção Arranhacéu da editora Perspectiva. Atualmente vive e trabalha na sua cidade natal.

krypton e krypton

Rómulo e Remo, duas crianças na teta de uma loba. Os rostos em bronze, em mármore, em cobre. Há quem diga que se trata de Krip e Ton, e que Roma, com seus frescos, o seu papado, o seu pó amarelo sobre a cidade, seriam o princípio de uma encenação tosca sobre a história do mundo. Fellini teria muito a dizer, mas o apocalipse* não era nos seus filmes, mais que o encontro de um jovem menino com um mulherão size 42. Talvez o sexo seja sempre assim, um intervalo entre o lógico e o absurdo, entre o natural e o oculto.

Talvez como os dois homens tocando os dedos sobre a capela sistina, criando Adão parece, ocultando e mostrando um cérebro como possível origem da vida, não passe de uma encenação do Big Bang de Krypton. Dois irmãos tocam os dedos e nasce o mundo. Talvez Kryp e Ton não fossem nem irmãos, mas amantes, e o sexo, afinal, só contorne a questão da origem da vida, como uma formiga africana que caminha sobre a banda de Möebius, sem nunca achar início ou fim de nada.

O importante de reter, desta encenação romanesca, é que há origens e origens, e o paradigma científico das mesmas descansa sobre os ombros do Apocalipse, esse filho de Bertron** e da ciência, a mistura do adn de bebês escravos com animais pré-históricos. Uma coisa assim entre humanos vitimizados num shaker com dinossauros. Uma imagem a mais, um passo além do Jurassic Park, o filme, os filmes. A mesma ideia, no entanto, a vaidade humana em primeiro plano, e depois dois ou três tiozinhos procurando criar um

Supersoldado. Algo como um elemento suspenso entre a vaidade e a ganância. Fantasias. Sexuais, como em Freud. De poder, como em Adler. De evolução, como em Darwin. Referências bibliográficas em rodapé. Em todos os casos: o Apocalipse. O fim dos Voch, de Bertron, dos científicos do Jurrassic Park, sobretudo aquele gordinho que faz de “Newwwwman” em Seinfeld.

É claro que enquanto o mundo gira e o mito desliza, algumas luzes se acendem no horizonte: o cinema, a literatura, a música, e a própria luz. Uma luz que se pode apresentar como oculta, lançando a inevitável questão: haverá outra luz que não aquela que brota no intervalo entre a fantasia e a procura, o dentro e o fora, a insistência no vazio?

Analisemos o caso de William Ramsey. Isso mesmo, Ramsey. No dia 30 de maio de 1898, em Londres, Ramsey, em conjunto com Morris Travers, um homem que podemos facilmente imaginar um híbrido entre Alfred, o mordomo de Batman, e Watson, aquele do Elementar, meu caro Watson, descobriram algo. Primeiro o árgon, quase como o filme Argo, mas sem N. Quase como Fargo, o filme, a série, mas não quero ir demasiado longe nas minhas especulações, se bem que, nenhum elemento da vida, ou da tabela periódica é sem relação com o anterior, isso estes homens deixaram provado. Descoberto o árgon, ficaram como Fellini olhando para a dona descalça à beira-mar, a suspeita de algo a mais ali, aquele plus onde o desejo se reactiva, se renova, nunca cessa de não se realizar. Decidiram liquefazer o ar, destilando o ar líquido e separando-o em frações, depois exploraram as mais leves procurando um elemento gasoso. Como Bertron descobriu ao criar o Apocalipse, o erro é parte do mistério da vida, parte desse salto em suspenso. Aqueceram demasiado o ar, a maior parte da amostra evaporou. Restaram 100ml. Insistiram. Eliminaram o oxigénio e o nitrogénio usando cobre e magnésio aquecido a alta voltagem dentro de um tubo vermelho. Ali estava o árgon ainda, mas também duas novas linhas: uma amarela e outra verde, nunca antes observadas. Mais tarde, devido ao sol que se faz sentir na região desértica de Los Angeles, e ao conseqüente uso de lentes polarizadas, seriam adulteradas para vermelho e azul e usadas em fatos de lycra com chumaços. Para mais, veja-se notas em rodapé.

Ramsey e Travers calcularam o calor específico e a pressão constante, o valor foi de 1,66. Era um gás. Um novo gás. Um gás até ali, oculto.

Impunha-se a nomeação, e ao tratar-se do oculto, a imprudência era pecado, estávamos apenas em 1898. A mulher de Ramsey sugeriu então: Um nome em grego, grego ninguém entende. Estava o gás apadrinhado: Krypton. De número atômico 36, três vezes mais denso que o ar, o intervalo entre o dedo de Kryp e Ton.

Foi com Dirty Dancing e Cocktail, os cabelos permanentados e as franjas lisas, as camisas havaianas, e o mundo rendido aos chapéusinhos chineses nas bebidas alcoólicas que Krypton brilhou: As luzes neón, as máquinas fotográficas de alta velocidade, os flashes. Um mundo cruel para epiléticos, mas romântico à sua maneira, deliciava-se com gente que dançava enquanto a luz piscava, algo do tempo entrecortado, suspenso entre um gesto e o outro parecia prometer a captura, o isolamento do instante em que o desejo se apresenta e desaparece, em que o tempo fica e o tempo passa, em que saltamos de um elemento da tabela periódica para o seguinte. Tudo, pela excitação do Krypton.

Cabe registrar que nem só de vaidade vive o homem, os frescos apagados na construção do metro de Roma, bem o recordam. O homem move-se no instante entre a lentidão e a procura da rapidez, entre o eterno e o efêmero. Manter a vida. E por isso encontramos Krypton também nos laboratórios, nos hospitais, nas cirurgias médicas, que abrem as entranhas sem medo de deixar escapar as 21 gramas, elemento ainda não inscrito na tabela, para concertar os fusíveis de uma raça híbrida entre escravos e animais pré-históricos, reconectando cabos, e fios, e ataduras, ignorando que o Apocalipse aconteceu no passado e viaja à velocidade da luz.

Charles Wibstear , Chemistry Today, dezembro 2019— — — — —

Podem chamar-lhe Verdade, e apontava para a gata, obesa e cinzenta que dormia sobre o tampo da secretária. Verdade tinha o nariz raspado e a cauda demasiado longa. Quando ouvia o seu nome, levantava o focinho e estendia a pata direita, juramento ou aceno.

Cresciam-lhe, como a Charles Wibstear pêlos brancos, no bigode, nas orelhas, na barriga contornando a zona genital.

Charles notara isso há mais de vinte anos, um pêlo branco aqui, outro ali. Não tinha com quem dividir essas questões, foi assim que começou o seu sistema de anotação. No canto inferior direito da página do livro que estava a trabalhar, logo depois das notas de rodapé, acrescentava em letra miudinha: Acontecimento, (Quantidade), data (dia, mês, ano). Por exemplo: Ruga persistente no canto da boca, 1, 23/07/1998; Hoje foi o funeral de John, triste infinito, 15/02/2001; Hoje Stephen Hawkins apareceu no Big Bang Theory, episódio 108, 05/04/2012. Coisas que lhe pareciam relevantes.

Podemos assim, para efeitos da escrita deste livro, reconstruir com base na sua biblioteca, como foi o caminho do brilhante químico, professor catedrático da Universidade de Columbia, três vezes nomeado a Nobel, até ao artigo de Dezembro de 2019, na Chemistry Today.

O posterior suicídio de Charles em pouco nos deve impressionar, defendera sempre que para homens e Verdades, o melhor era escolher a retirada, ser posto a dormir antes de que por a ou b o paradigma que sustinha a existência particular fosse quebrado.

Apesar de o ter desacreditado como científico, é pela infeliz publicação, e não pelas três nomeações, que ficou conhecido do público estado unidense, e quem sabe, mundial. Stan Lee Inc., que o próprio é falecido, declarou na primeira terça-feira do ano 2020, que tinha interesse em adquirir os direitos de autor da vida de Charles. Também por esta biografia, escrita por Ghost Writer, embora todos saibam que o autor sou eu, o seu sobrinho, acedendo ao pedido que o próprio me fez no natal de 2018, a editora Penguin declarou seu interesse. Investigando a biblioteca do tio, pude localizar o motivo de seu pedido: "Estudos sobre a tabela periódica", página 30, nota de rodapé: Perdi meu último pentelho negro, 0, 25/12/18.

Charles negava-se a quantificar o tempo, mas para efeitos desta narração direi que passou pouco entre a saída do artigo e o seu último suspiro. Foi Luísa Bettencourt de Aragão, a empregada, que o encontrou sem vida, e para mim a sua primeira chamada. O escritório

estava quente ainda, e Verdade dormia sobre o seminário de Lacan, volume X, A Angústia. Pelas suas patas percebíamos que o livro era branco, mas o seu pêlo tapava a imagem central: várias formigas gordas passeando sobre uma fita de Möebius. Perto do candeeiro verde o compilado da editora Honey-trap *“Krypton, o planeta e o mito, muito além de Superman”*, a Bíblia com as suas folhas de papel de arroz, e uma edição antiga de *“O poder do mito”* de Joseph Campell. No centro uma lupa, um caderno de folhas impressas, scans aparentemente, do artigo original de Ramsey e Travers: *“Krypton, o gás oculto”*. Um post-it amarelo sobre a primeira folha com a letra meu tio: Nego-me a usar a forma portuguesa de Crípton ou a brasileira, pior ainda, de Criptônio.

Ao que tudo indica as notas sobre Fellini e demais referências cinematográficas foram feitas de memória, uma quebra no seu estilo científico rigoroso, que demonstra um amor oculto, kryptónico, pela sétima arte.

De Seinfeld o único registo encontrado foi um dvd da temporada 5 esquecido ao lado do tomilho, na janela da cozinha. Não saberíamos precisar como e quando ali chegou. O tomilho estava seco.

Michael Tissue da Chemistry today, declarou ainda, na semana do suicídio do tio que se perdera *“Um grande homem, capaz de tecer fios profundos entre a humanidade e a ciência”*.

Deste grande homem fica ainda a cadeira gasta, sóbria como o mogno, mas danificada por uma unhada de Verdade.

John Wibstear, O grande homem e a pergunta (em processo)

** Apocalipse, significa Descoberta. ** Origem pré-histórica de Krypton, fonte: Wikipedia.*

Fred Di Giacomo | Escritor e jornalista multimídia, caipira punk, nascido e criado em Penápolis, sertão paulista. Seu romance de estreia *Desamparo* (Editora Reformatório, 2018) esteve finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2019. Quando dava aulas de jornalismo para jovens de periferia na Énois, coordenou e editou o Prato Firmeza: guia gastronômico das quebradas de SP, finalista do Prêmio Jabuti 2017. Tem sido convidado para debater literatura e narrativas multimídia em eventos como a Primavera Literária Brasileira, em Paris, a Feira do Livro de Frankfurt e a Campus Party. Toca contrabaixo e rabisca versos na Bedibê.

infância

Observava, faminto, as duas meninas. Claudete e Marina girando. Rodopia céu pra cima. Rodopia verde aos lados. Rodopia chão, terra esvoaçante, frágil marrom. Partículas poeirentas tingindo o azul de barro seco. Cantam a cantiga rápida, mastigando as palavras. Ao soltar as mãos uma da outra, são arremessadas pela força centrífuga ao chão. Gargalhadas espalham-se pelo mato. Sol das quatro da tarde. Formigas em fila na terra tremem ao terremoto das titãs. Um Jaó distante. Gritaria verde. Maritacas. Claudete pele canela, Marina pele carvão. Vontade de beijá-las. Naqueles tempos ainda sabia o que era ser cabra inteiro. Gambé me segurou.

— Tás doido? Não vinhemo pro sertão deflorá virge, Cuiabano.

Não tinha me atentado pra pouca idade das duas. Irritei-me com o sol, pelos do braço e da cabeça coçando. Terra de ladrão de cavalo. Odiava ladrão. Meus pais tiveram a vida desgraçada por bandoleiro no Mato Grosso. Queimaram nosso sítio. Pai tinha sobrenome Correia, mas mudou pra Correto pra deixar claro de que lado da vida estava. Quando furtei goiabas no pomar da véia torta, me encheu de cacete. Pegou na vara de marmelo e sangrou minhas pernas. Quando joguei o gato no tacho de doce de banana quebrou um cabo de vassoura piaçava nas minhas costas. “Prefiro ter filho defunto que filho bandido”. Ser honesto em terras onde só manda o artigo 44? Onde o calibre é a lei? Quem tem inimigo não dorme nunca. Rajadas de pipipi eram normais por lá. Tretas de coronéis

sempre. Lembro da cara de ódio dele quando os vagabundos do Wa'uburé Negro botaram a 44 na cabeça da Mãe e disseram que iam violar ela e a Mana de cinco anos se Pai não entrasse em acordo com o Doutor Salles. Mãe branca, Pai preto e eu dessa cor sem nome. O sentimento de impotência do Pai, seu olhar repentinamente frágil parecendo que ia desmanchar, aquilo foi o pior castigo pra mim. Credo. Cheguei a pensar que Pai ia chorar. “Se ele chora, eu implodo.” Ia ter que pular na orelha do Wa'uburé e arrancá-la com o dente, mesmo sabendo que me matavam. Mas era a única coisa que se podia fazer. Lágrimas do Pai valiam mais que a honra da Mana. Ninguém podia roubar aquilo dele. Pai chorando? Desaba o céu sobre nós e esmaga tudo que nos sustenta. Senti o osso molinho, molinho.

— Marina, sua peste. Tio me mata.

— No duro?

— Cê sabe que é verdade.

— Tua mãe volta mais, não?

— Sei nem se tá viva.

— Queria ser igual seu tio Rabo Gordo.

— Credo cruz, creio em Deus pai.

— Vida de bicho solto é tão bonita.

— Que o que, Marina? Se nós casa com algum hómi menos imprestáver já tamo no lucro. Muié bicho solto?

Nessa hora ouviu-se baque. “Mapinguari?” “Pé de Garrafa?”. Grito doido. Marina e Claudete. Coração serelepe rebolando peitos púberes. Suspiro de virgem. Rabo Gordo tinha rastreado onça-canguçu dia inteiro. Comera-lhe um bezerro. Marina, engolindo angústia, queria averiguar. Franziu o cenho, como o pai fazia. Sol cocento. Arrepio na espinha: “Passa morte que eu tô forte”. Viram um bugiozinho feio demais se pendurando nas árvores. Barba e bócio, macaquinho barulhento. “Era bugio, Claudete, afe que cagona”. Flauteado de Sabiá-laranjeira lembrava que entardecia. Melodia agudinha agradava. Claudete precisava cozinhar pra vô Felipinho e Rabo Gordo. “Vida miserável”, pensava Marina. Claudete achava que miserável era complicar a vida. Marina, tão sonhadora, não se conformava com único destino. Caminharam de mãos dadas pela estradinha de terra, no sentido contrário à vara de porcos que Carlão Vaca Louca, filho do maquinista, tocava. Cabelos fartos e

negros, nariz grande e bem desenhado, peito de pomba. Claudete olhou pra ele até que o moço tímido se sentisse obrigado a cumprimentá-la.

— Tá facinha, hein, Claudete?

— Cê que não gosta de hómi, Marina.

— Credo, fia, meu mano cheira calçolas até da mamãe. Homem é âncora na vida.

— Por que ele apronta dessas?

— Sei lá, cheira as calçolas sujas de toda mulher que acha na frente e mexe no pingolim até espumar nata do leite.

— Até as suas? Que nojo!

— Hómi, Claudete. Que cê acha que o Carlão Vaca Louca vai colocar dentro d'ocê pra ter fio?

— Não tenho nojo de espuma de hómi, Marina, mas dessas coisa de cheirar calçola suja.

— Mano diz que tudo nas muié é sagrado, mas suspeito que seja balela. Hómi gosta de buraco quente. Já viu quantidade de moleque barranqueiro que propaga em Penápolis?

Deviam separar-se na encruzilhada, mas Claudete estava tão empolgada em encontrar Carlão que caminhou até a casinha de Marina.

Meio da mata, entre aroeiras e angicos — jacutinga no céu, uma família de quatís correndo no chão — a uns 50 passos largos do bugio berrante, Tenente Galinha esfolava um homem lentamente. Eu não gostava desse procedimento. Por mim era bala e pronto. Nem bicho eu gostava de fazer sofrer.

— Bandido gente tem que surrar bem, cambada.

— Sou bandido não, moço.

— Alguém, aqui é moço, Serelepe?

O jovem golfava sangue. Porrada cantava. A Captura procurava ladrão de cavalo e cigano. Éramos policiais da Força Pública convocados para missões especiais no interior do estado. Trombamos o rapaz; pele escura, roupa velha. Se engruvinhava atrás daquele sítio, casinha barreada de pau a pique. “Sou bandido, não”. Se não era bandido, que porra estava fazendo atrás de casa de família com aquela calcinha na mão? “Tarado também vai pra vala”.

Naquela tarde Marina não encontrou o mano em casa. Claudete ficou proseando um pouco e depois se mandou pra cozinhar pros parentes. A mãe de Marina se preocupou com o filho mais velho. Moleque andava estranho, muitas espinhas na cara, voz grossa, sempre agitado. Precisava pedir pra Dona Hermínia rezar um terço pra ele, mas o filho nunca voltou. Encontraram o cadáver desfigurado e apodrecido num charco.

Micheline Verunsch | Autora dos romances *O amor, esse obstáculo* (Editora Patuá, 2018), *O peso do coração de um homem* (Editora Patuá, 2017), *Aqui, no coração do inferno* (Editora Patuá, 2016) e *nossa Teresa — vida e morte de uma santa suicida* (Editora Patuá, 2014), projeto com patrocínio da Petrobras Cultural. Também é autora do livro *Geografia Íntima do deserto* (Landy, 2003), finalista do Prêmio Portugal Telecom de 2004. O romance *nossa Teresa — vida e morte de uma santa suicida* foi ganhador do Prêmio São Paulo de Literatura 2015.

a mulher engoliu um Pinóquio

A mulher engoliu um Pinóquio quando era criança. Não lembrava desse episódio e espantada e incrédula vê o médico apontar na radiografia a exata localização do boneco, ao fim da traqueia, onde deveria estar o brônquio direito. Não é grande, deve medir uns oito centímetros de altura talvez, e na chapa de acetato, se percebe no brilho branco-azulado, o seu contorno humano, o seu nariz de mentiroso, e mesmo o chapeuzinho pontudo. A mulher imagina que ele está vestido, pois não faria sentido um boneco nu apenas de chapéu, mas não consegue distinguir se está de botas ou descalço, e pensa que não é nada impossível que ele esteja despido, mesmo de chapéu, o que a faz lembrar rapidamente de um conto de fadas em que um rei estava nu, embora pensasse que estivesse vestido.

O médico numa voz calma e confiante pergunta se seus pais ou outro familiar poderiam elucidar as questões que surgem a partir da inequívoca imagem: com quantos anos ela estava quando engolira o Pinóquio? Por que não se fizera nenhuma cirurgia para tentar extraí-lo? Se era de plástico ou madeira, uma pergunta importante, afinal, pois se fosse de plástico, seria uma réplica, mas se fosse de madeira era um autêntico Pinóquio, o que certamente teria consequências diversas. Doera? Chorara? Sentira imediata dificuldade para engolir ou respirar?

O consultório é espaçoso, há diplomas e certificados na parede, e em um quadro se pode ver todo o sistema pulmonar em relevo. Sobre a mesa de vidro alguns porta-retratos, um porta-lápis

preto com detalhes em bege e o laptop prateado atrás do qual o médico fala como se estivesse defendendo uma tese acadêmica, a voz monótona e ligeiramente anasalada. Os brônquios são os tubos que levam o ar aos pulmões, estruturas que se assemelham a árvores, termo que aliás se usa, “árvore brônquica”, que é o conjunto formado pelos brônquios principais e suas ramificações pelos pulmões. Fala-se em brônquios principais ou de primeira ordem, porque existem ainda os brônquios de segunda e de terceira ordem. O brônquio direito é menor, mais vertical e mais largo que o esquerdo.

Mas a mulher não escuta nada ou quase nada que o médico diz àquela altura, já que sua atenção se dispersou no exato momento em que ele proferira a palavra árvore e ela lembrara que comera brócolis no almoço do dia anterior e que possivelmente faria mais sentido se as ondas eletromagnéticas detectadas no alvo, que era ela, revelassem que seu brônquio direito tivesse se transformado num talo generoso de brócolis com centenas de pedúnculos florais densos e verde-escuros.

A mulher aperta a mão do médico e sai com requisições de exames soltas de maneira desleixada dentro da bolsa. Avisa à secretária, sem muita convicção, que telefona depois para agendar o retorno. A secretária é uma moça magra e morena, muito bem ajustada ao uniforme cor-de-rosa, e com unhas pintadas de base e decoradas com flores de pétalas vermelhas. A secretária balança positivamente a cabeça e sugere um sorriso enquanto entrega o recibo pela consulta.

A mulher desce três andares de elevador e se vê na rua, sem muita noção do que deve fazer em seguida. Vai caminhando pela calçada, compassadamente. O dia está frio e ela não colocou sapatos adequados por isso sente os pés um pouco adormecidos. Ela se sente perplexa e seu percurso é realizado ora como se estivesse anestesiada, ora como se pudesse sentir a ponta do chapéu, ou seria do nariz?, do Pinóquio, a espetar-lhe a garganta.

Por mais que remexa nas memórias não lembra do dia em que engoliu o boneco, nem mesmo de a família tocar nesse assunto, mas aos poucos uma vaga noção de que tenha realmente acontecido começa a se infiltrar em pequenos flashes, como num sonho. Então

começam a surgir os questionamentos que lhe fugiram diante do médico. Se eu engoli mesmo um Pinóquio, isso significa que alguém mentiu para mim e eu aceitei a mentira ou que a mentirosa sempre fui eu, e de um modo mecânico e pouco inteligente, dei um jeito de fazer com que isso se tornasse parte de mim? Se meu brônquio direito foi substituído pelo Pinóquio isso significa que ele está vivo e é por ele que respiro? Se é assim, é impossível removê-lo? Se ele está vivo isso significa que a cada mentira que eu possa eventualmente contar seu nariz cresça e se pudermos observar isso, seu nariz crescendo entre as capilaridades do que antes seria um brônquio, é possível que perfure cartilagens, ossos, músculos e me fure a garganta de dentro para fora me matando ou, na melhor das hipóteses, me transformando numa aberração a olhos vistos? É possível conviver com ele? Há algum remédio ou tratamento que possa controlá-lo ou até mesmo matá-lo?

A mulher se desespera de que o médico não esteja lá para responder às perguntas que teimam em jorrar, atropeladamente, e pensa em retornar correndo ao consultório o que seria, decerto, uma loucura, pois não poderia invadir o horário de atendimento da mulher seguinte, aquela senhora de vestido azul que com toda a certeza sentia os efeitos da menopausa, o suor teimando em escorrer da testa, a afobação que, indisfarçável, ameaçava romper os limites do busto, decote afora. Então a mulher pensa que talvez o Pinóquio, o seu Pinóquio, seja o efeito de uma menopausa precoce, afinal no mês anterior a menstruação atrasara um tanto, coisa que a assustara na possibilidade de uma não planejada gravidez. Entretanto duas semanas depois o sangue fluiu como se nunca tivesse faltado ao compromisso, e ela prontamente esqueceu a ausência, desculpando o corpo como desculpara sua memória pelo descuido.

A mulher dá voltas em torno de si mesma enquanto caminha e se pergunta, no meio a tantas questões, se o Pinóquio terá uma voz e se a tiver não se confundiria com a sua. Em desespero, começa a cogitar que talvez aquela faringite que a fez perder a voz no dia da apresentação do trabalho, quando ainda fazia faculdade, não teria sido uma abrupta substituição da sua voz pela voz do boneco, coisa que poderia soar absurda uma semana antes, mas que agora, depois do exame e da consulta, não parecia nada inverossímil. A mulher

para por um instante e retira da bolsa um pequeno estojo redondo que se fecha sobre si mesmo em dois espelhos, um normal e outro de aumento, depois de abri-lo se mira detidamente para constatar que ainda é ela a dona do seu rosto e não o Pinóquio que se alastrou para fora de si.

A mulher continua andando e anda horas até que chega à entrada do seu prédio. O primeiro portão é aberto, ela fica entre as duas portas de vidro por instantes, o segundo portão então se abre e o porteiro a cumprimenta. Ela o cumprimenta de volta, mas na verdade sua percepção não registra essa interação. Um outro problema se agiganta em sua mente, como contar qual é sua doença, como detalhar e exibir o exame que aponta a presença de um boneco mentiroso de madeira (ou plástico, caso seja uma réplica) onde deveria existir um brônquio. A mulher entra no elevador, suas paredes metálicas e frias fazem disparar o seu coração porque por um instante se imagina morta, dentro de um caixão sendo conduzida terra abaixo, embora claramente o elevador ascenda ao décimo quinto andar.

O elevador chega, finalmente, ao destino e a mulher hesita, entra ou não em casa? Não entra, fica parada diante da porta procurando um meio de entrar, de chegar ao apartamento em que vive. Pode ficar uma eternidade ali, pensa. Ou pode fugir, recomeçar a rota sem rumo entre ruas e calçadas, com o Pinóquio que ela traz consigo e que de certo modo, ou de modo total, agora é ela. Não precisa esperar muito, a porta se abre, o marido que iria comprar pão se depara com ela, imóvel. Então a mulher fala, e nessa hora não se sabe se é ela mesma ou o boneco quem flexiona as palavras da curta frase: Eu tenho câncer.

Rafael Gallo | Nasceu em São Paulo em 1981. É autor de *Rebentar* (Editora Record, 2015), romance vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura 2016, e de *Réveillon e outros dias* (Editora Record, 2012), livro de contos vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2011/2012. Tem ainda diversos textos em antologias e coletâneas, incluindo publicações na França, nos Estados Unidos, no Equador e em Moçambique.

a única estação

“No fundo, posso dizer que um verão depressa substituiu outro verão.”
(*O estrangeiro*, Albert Camus)

Deveria ter pensado melhor, antes de sair de casa. “O casaco não coube na mala, vou carregar comigo”, escreve para Pedro, após despachar as bagagens. O corretor ortográfico do celular sempre a atrapalha quando redige mensagens em inglês, mas a língua é o ponto de encontro entre o casal, a meio caminho dos idiomas de cada um. “Pode deixar aí no aeroporto, nunca vai usar aqui”, a reposta dele almeja algum riso; quase tudo o que diz tem pitadas de humor, feito o ingrediente típico da gastronomia de outro país.

O difícil, para Kathrin, é ter a medida exata do que considerar com seriedade, ou relevar, entre as falas do namorado. As menções dele ao calor de lá — onde mora e para onde ela está prestes a se mudar — soam quase irreais, diante da neve de fevereiro que vê do lado de fora das vidraças. Pedro costuma dizer que na região dele é verão o ano inteiro. Kathrin acredita que só pode ser outro de seus exageros essa fala; a percepção dela há de ser diferente. É impossível ser verão o ano inteiro, isso acabaria com a própria ideia de ciclos anuais. Restariam apenas repetições de um estado do qual nunca se sai. Ela imagina: o tempo todo, uma única estação; suga com nervosismo o cigarro, na cabine fechada do aeroporto.

* * *

A viagem é longa: além do trem que a trouxe de Salzburgo — onde se despediu de todos — serão três voos daqui, de Viena, até o destino final: Recife-Guararapes. Impronunciáveis esses nomes em

português; e pensar que Pedro reclama da dificuldade de falar alemão. Todo o período que ele passou na Áustria, por conta do doutorado, apoiou-se na língua inglesa ou, depois que se conheceram, na ajuda dela. Ninguém apostava na união dos dois, mas “o brasileiro” abriu leque tão novo de vivências, que Kathrin se atraiu quase de imediato. A volta dele para o Brasil daria fim à história dos dois ou novo começo. Escolheram a segunda opção.

O avião pousa no Recife, afinal. É a primeira viagem dela para outro continente; logo essa, permanente. Saber que Pedro a espera logo ali, na saída desses caminhos estrangeiros, dá segurança à excitação. Quando o encontra, ele está segurando uma placa com o nome dela escrito errado, feito um funcionário que não conhece quem veio buscar. Ela gargalha. Beijam-se, em comemoração a tanto porvir.

“Não está tão quente, está agradável até”, Kathrin caminha contente pelo terminal, o casaco nos braços. “Você ainda não viu lá fora”. Assim que a porta ao exterior se abre, ela compreende. É tanto calor, tanto. E há algo diferente de outras temperaturas quentes com as quais se deparou antes; a pele fica pegajosa e, por cima dos braços, o casaco parece prestes a inflamar-se. Quando entram no carro, o ar-condicionado refresca um pouco, mas a dor de cabeça já está instalada: talvez do cansaço das tantas horas de voo, talvez da insolação nesses poucos minutos em solo pernambucano.

No trajeto para casa, Kathrin olha curiosa os entornos do que agora se torna seu país de morada. Preferia ter outra sensação íntima quanto ao que se apresenta. Quantas vezes pensou nesses preconceitos a serem evitados, na disposição para um contexto muito distinto do que viveu até hoje; mas alguma sensibilidade no corpo reage de outra maneira quando se está cercado pelo que antes era só hipótese. Vai ficar tudo bem, é apenas o estranhamento inicial, ela se convence.

O apartamento de Pedro é aconchegante, um oásis de reconhecimento por tê-lo visto nas conversas em vídeo, enquanto estiveram longe. “Casa”, ela pronuncia uma das poucas palavras em português que conhece, boas-vindas a si mesma. Eles deixam as malas na sala, circulam pelos cômodos e vão à cozinha. “Que barulho é esse?”, Kathrin pergunta e Pedro tem de encontrar brechas de

silêncio entre os motores dos carros lá fora, para captar bem o som. “Esse tum-tum? É alguém tocando música na rua. Mas está longe. Bem que você falou que tem ouvidos sensíveis”.

* * *

Música: aqui, é quase onipresente. No começo, parece divertido ver a empolgação induzida, em quase todos os lugares. É como se houvesse, espalhadas, partes de uma daquelas festas temáticas de férias, na qual estereótipos tropicais — ajudados pela embriaguez alcoólica — servem de brincadeira a adultos, fomentam alegria. Kathrin filma, com a câmera do celular, gente dançando na rua, nos botequins, no meio de alguma atividade de trabalho. Nunca viu povo tão musical. Manda os vídeos, pela internet, para os pais na Áustria e para Ilse, a melhor amiga. Riem como se vissem um lugar que nunca poderia ser a residência dela. Mas agora é.

Só que tal qual acontece em toda festa — e toda embriaguez — o barulho constante, depois de algum tempo, começa a exasperá-la. Muitas vezes Kathrin quer silêncio, mas é acossada pelas batidas daquele estilo dominante, que lhe soa como mistura de guitarras caribenhas, programações de teclados de karaokê antigos, cornetas *marachi* e vozes que — Deus do céu — vão das repetições mecanizadas do pop moderno até os arroubos mais melodramáticos dos filmes de Bollywood. Perde a graça rápido. E a quietude, que ela aprecia, é tratada como um mal a ser erradicado. Alto-falantes se projetam de todos os cantos — desde barracas de vendas até igrejas pentecostais — televisões permanecem ligadas onde quer que haja tomada elétrica, carros espirram o gosto musical dos donos pelas ruas. Até no modo de falar das pessoas há algo de música alta.

O corpo de Kathrin não processa tantos impulsos e decibéis da mesma maneira. Continua a reagir como se perturbado por um agente invasor, cada vez mais fatigante. Passadas as primeiras semanas, por mais que resista a se queixar com Pedro, a exaltação compulsória acaba por dobrá-la. “É sempre assim? Ou só na temporada de férias?”, ela vislumbra a possibilidade de ter fim a sagração generalizada do verão. Na mesa ocupada por eles no restaurante, os copos em tremores de vidro a cada golpe do bumbo,

vindo de um carro parado na esquina. O namorado responde e ela pouco se atenta às palavras dele; o que a choca é perceber em si mesma o comportamento, até então, julgado bizarro: o de falar alto demais, para encobrir os ruídos de fora, que também se erguem continuamente. Acaba de cair no ciclo inflacionário de ruídos e sons, que leva todos a um estado de tumulto constante.

É muito discrepante de sua terra natal. “Terra natal”, ela repete em pensamento, na língua-mãe. Impressionante como a expressão adquiriu tons diferentes em tão pouco tempo. A imagem mental de Salzburgo recoberta de nostalgia e distância, como se no porta-retratos da memória o vidro se empoeirasse. A música seguinte tem início no carro ao longe e ela percebe: só ouviu o próprio pensamento, agora, por conta da pausa entre uma faixa e outra.

* * *

Perto do prédio deles, Kathrin descobre por acaso um grupo que treina capoeira a céu aberto. Transforma em ritual sentar-se à mesa do bar mais perto, de onde é possível observá-los. Na primeira vez, acende um cigarro, mas logo o garçom manda apagar, por ser proibido fumar ali. Ela não considera esse um lugar fechado — a mesa fica na calçada — mas aparentemente a presença do toldo é o bastante para a interdição.

Ver os capoeiristas compensa, eles a fascinam de verdade. Por mais estranho que possa parecer, são eles que mais a lembram do lugar de origem. As únicas pessoas, entre as conhecidas aqui, absolutamente centradas nas próprias ações, na atividade à qual se dedicam. Estão inteiras no que fazem, não há distrações forçosas, dispersões de energia e ruído. E são magníficos na realização da luta, da dança. A ela, parece mais dança do que luta. É tão belo de ver: pernas que se erguem velozes e rentes, mãos precisas nos pontos de força, composições detalhadas dos gestos. São como os músicos que tocam Mozart em Salzburgo: graciosos e potentes, indefectíveis nos movimentos. Ela se anima, só por acompanhá-los com o olhar. Negros como se eternamente resistentes ao sol, eles jogam até o cair da noite, que, infelizmente, chega rápido demais. No verão da Áustria, anoitece só por volta das 21h; é no inverno de lá que o

crepúsculo se dá nessa faixa das 17h30. Nem a duração dos dias se alterará aqui?

* * *

A solução encontrada para a vontade de fumar é fazê-lo em casa. Kathrin vai para perto da janela do apartamento com o maço e o cinzeiro. Quando perguntou a Pedro se deveria ficar na rua, com seus cigarros — dadas as proibições e falta de alternativas — ele alertou para o perigo de assaltos, ataques. “Especialmente porque você é um alvo fácil, com sua aparência de estrangeira”.

Sua aparência de estrangeira. Pele tão mais branca que as dos outros, sem proteção do sol inclemente; olhos claros, também alérgicos a tanta luz. Cabeleira ruiva, que na Áustria era, no máximo, comentada com elogios esparsos, mas aqui se tornou uma espécie de atração turística reversa, chamativa aos locais. A forma mais frequente de interagirem com tal beleza forasteira é com as mãos. Parentes de Pedro, amigos e gente próxima dele, estranhos que ela nunca viu antes, atendentes ou clientes dos estabelecimentos aonde vai, não há diferença: todos se dão o direito de pegarem nos cabelos dela. Às vezes, riem dos sustos que leva; Kathrin protege os peitos, à altura onde as madeixas terminam e onde quase sempre são buscadas. E, talvez seja falta de entendimento dela, mas parece haver certo ressentimento nesses gestos de cordialidade. Algum rancor pelo que apreciam, mas não possuem.

“É normal isso, de colocarem as mãos na gente, mesmo quem a gente não conhece?”, pergunta a Pedro, que balança a cabeça em confirmação. Kathrin não consegue se acostumar; depois de algumas semanas, entra no salão e pede um corte bem curto, rente à cabeça. “Muito calor”, a moça com a tesoura repete para ela, como se falasse com uma criança que não entende quase nada. Kathrin sinaliza concordância, aprendeu logo essas duas palavras, por serem proeminentes no que há para se falar aqui. Muito. Calor.

“Eu preferia comprido”, o namorado diz, quando se depara com a novidade. “Ah, é? Eu também. Mas se todo mundo pegasse no seu pau quando sai na rua, você também ia querer resolver isso”. Ele fala para a companheira, que se afasta: “Vamos lá, é bem diferente.

Ninguém enfiou a mão dentro da sua calça”. Kathrin volta para perto, irascível feito todo animal que se vê sob ameaça: “Não é tão diferente quanto você pensa. E faz eu me sentir perto de ter alguém enfiando a mão na minha calça. Você mesmo falou: é perigoso pra mim, na rua”.

* * *

Conversando com os pais todos os dias, pela internet, ela percebe que suas experiências se abstraem na percepção deles. O corte de cabelo foi tratado como uma pequena excentricidade; quando lhes mostra algumas das músicas que agora a irritam, os dois riem do lado de lá. Claro, falta potência de som, falta constância e proximidade real, para que compreendam. Aos poucos, a distância entre eles parece aumentar, como se a deriva continental ainda estivesse em curso, afastando ainda mais o que antigamente foi uma só Pangeia.

Esse efeito se atenua quando o avô participa das conversas. Os pais vão à casa dele para fazer tais chamadas. Muitas vezes, deixam-na sozinha com o velho, que sempre tem histórias para contar e, mais do que isso, também a escuta com atenção. Pede para ensiná-lo palavras em português conforme as aprende. É bom ouvi-las na voz dele, adquirem outro aspecto, mais brando. “Saudades” é a preferida dos dois, sempre se despedem com o termo tão singular do idioma de onde ela mora. Quase todas as vezes, Kathrin chora ao desligar as chamadas.

Outro contato frequente é Ilse, a melhor amiga. Mas os diálogos com ela têm se escasseado mais rápido do que com os pais. Kathrin não tem muito que contar: nenhum amigo ou experiências interessantes lá fora, nenhuma perspectiva de atividades com sua formação profissional. Nada de novo debaixo do sol. Já as transformações na vida de Ilse perdem substância, por serem transmitidas só em discurso. O novo namorado dela, por exemplo, é descrito com todos os pormenores, tem fotos mostradas e ações narradas, mas continua a ser um estranho, de certa forma. Não se conhece uma pessoa através de explicações. E Kathrin também só

pode ser ditada para ele; configurou-se como “a amiga que foi morar no Brasil”. Não é quem queria ser.

* * *

Chega a data de início oficial do outono; Kathrin a pesquisou na internet antes, marcou no calendário. Embora Pedro houvesse dito que, no Recife, ninguém acredita nas previsões meteorológicas, ela conferiu-as dia a dia: hoje é esperado que chova. Fica à janela, fumando os últimos cigarros do maço, enquanto aguarda a chuva prometida pelos satélites. Talvez as quatro estações se assemelhem aqui, mas está confiante de que haverá diferenças: hoje pode ser apenas o começo de algo semelhante a um outono veranil, mas já significa mudança. Imagina o desconhecido a partir do que viu antes: há de vir um inverno veranil e a primavera veranil, antes de ser retomado o verão veranil, esse excesso da qual se livra hoje.

O vento começa a soprar, caem os primeiros pingos. Ela inspira o ar molhado, a esperança na transformação. Tudo precisa ser renovado, em algum momento, é a natureza das coisas: bichos e homens têm seus momentos de recolhimento, de migrações ou colheitas, de extroversão; as plantas florescem, dão frutos, depois ressecam, guardam energia e brotam de novo. São imprescindíveis à vida esses ciclos, nada sobrevive na intempérie ou no cio permanentes. Ela sabe através do corpo agora: é necessário o tempo de se fechar e de se abrir, as transições. E essas chuvas não de direcionar todos a um estado menos eufórico, é bom que seja assim. Ela sorri por um instante.

Dura menos de quinze minutos, a chuva. Logo o sol retoma o poder, esgarça as nuvens e arrebenta em luz amarela. As paredes não demoram a esquentar, do asfalto sobe o vapor estremecido. Carros abrem os vidros, um deles lança no ar a música que insiste, viril: “Senta, senta, senta”. Kathrin conhece ambos os significados do termo, passa a mão nos cabelos encurtados. Os termômetros se restabelecem. Hoje é todos os dias.

Quando Pedro chega em casa, faz piada sobre o aguardado início da outra estação. Pela primeira vez, Kathrin mantém a cara fechada com um gracejo dele.

* * *

O outono se vai como se não fosse nada, a passagem dos meses confirma: é mesmo verão o ano inteiro aqui. Pedro estava certo, aquela fala dele era para ter sido levada a sério. Kathrin sentiu-se como se traída, pelo fato de ele ter brincado tanto antes, diluindo previamente a gravidade dos avisos quanto ao que ela esperava. Ele deveria ter enfatizado que é exasperante esse verão crônico, que há barulho demais, caos, tensão constante entre as pessoas acaloradas, e nada disso concede alívio. Nada se renova, só se reitera. Não que seja calor absoluto todo o tempo, há chuvas e dias nublados, mas são meras variações de humor da atmosfera, passageiras. Falta separação verdadeira entre fases, alterações mais consistentes. As folhas deveriam ter caído nesse hemisfério, a atmosfera se apaziguado; a luz deveria ter se tornado mais tênue, em tons de sépia e azul claro, inspirando sobriedade. O frio se anunciaria em seguida, convocando as diferentes atividades, demandas, temperamentos. É preciso sair desse torpor coletivo, dessa tensão de cio nunca concluído.

E pensar que em Salzburgo, a essa altura, a primavera tem nutrido outras belezas, coloridas, depois da neve. Nessas imediações da linha do Equador, o sol está sempre perto demais, dá a impressão de que o planeta nunca sai do mesmo ponto, apenas gira ao redor de si mesmo. Um presente perpétuo, dividido somente entre dia e noite, mas sempre o mesmo dia e a mesma noite. Sem alívio, sem horizonte. Plantada na estagnação, Kathrin resseca.

* * *

Por dias seguidos, ela volta à mesa de onde assiste à roda de capoeira, buscando ânimo na força daqueles rapazes e garotas, daquele mestre distante. Mas o espaço ocupado por eles, a certa altura, esvazia-se e permanece assim. No começo, Kathrin pensa que a ausência pode ser temporária, mas com o passar do tempo fica claro não ser o caso. Pensar que seria por conta do chamado inverno não faz sentido; o calor permanece o mesmo de sempre, nada se

alterou na rotina de ninguém. Aqui está ela, na mesma mesa, rodeada pelos garçons de sempre, as ruas em seu moto-contínuo. Só os capoeiristas sumiram.

Sem domínio suficiente do idioma, ela pede que Pedro a acompanhe até o bar, para perguntar aos garçons sobre o que aconteceu. O diálogo que se dá à frente dela é incompreensível. Ao fim, o namorado explica-lhe, em inglês: “O mestre foi preso. Tentou proteger um aluno, pego por policiais, e se lascou junto”. A perplexidade nos olhos dela expõe mil perguntas, antes de ser pronunciada a primeira: “Eles eram bandidos, então?” Pedro indica as cadeiras para que se sentem. Pede uma cerveja, estende-se sobre os muitos sins e não cabíveis entre prisão e crime, entre policiais e pobres, culpados e negros. Kathrin não se conforma. Olha para o vazio deixado no lugar do mestre e seus alunos. O sol, ainda potente, parece que nunca mais vai baixar.

* * *

O sono dela continua prejudicado, mesmo passados meses, como se o fuso horário não se ajustasse. O problema é outro: o sol, penetrante pelas frestas do quarto desde às 5h da manhã. Pedro dorme sem problemas, depois passa os dias fora, na universidade. Ela não tem muito mais o que falar com os pais ou Ilse. Os capoeiristas se perderam. E dentro do apartamento, ou fora, faz tanto calor, tanto barulho. Ela, muitas vezes, lembra-se de uma Kathrin muito diferente dessa, que vaga pelos cômodos, à espera de nada. Quem é ela?

Entre todas as mudanças possíveis, a única que acontece é para pior: a chamada dos pais, tão fora de hora, provoca nela alarmes antes mesmo de atender. Nem mesmo calcula que altura da madrugada é em Salzburgo, quando o celular toca. Na tela que se abre, do aplicativo de vídeo-chamadas, os dois choram. Pedro, ao lado de Kathrin na cama, nada compreende das palavras, mas deve conseguir presumir — pelas reações, pelo cenário vazio na casa do avô, pelo choro — que o velho faleceu. É isso mesmo, ela confirma, antes de sair do quarto.

Na sala, está quente demais, apesar de ser noite há horas, de ser inverno no calendário. Tudo se configura absurdo: esse calor, o

desarranjo do tempo e do espaço, a morte, a impossibilidade de se estar onde deveria estar. Ainda que fantasie os itinerários mais mirabolantes, a conclusão fatal é de que não há como chegar em Salzburgo, dar o adeus final ao avô. Kathrin odeia estar aqui, odeia a si mesma, e seu ódio é constituído de desamparo.

Pedro a abraça no sofá, ela treme em choro. Ficam ali até o sol nascer. O que não tarda.

* * *

“Existe alguma palavra em português para quando as coisas ficam piores do que insuportáveis?”, Kathrin pergunta com olhos trincados, dias depois. Pedro responde com uma negativa. “Eu imaginei. Acho que não existe em nenhuma língua”.

Ela precisa, de alguma forma, ter alívio. Alívio de tudo, de si mesma. Sair da letargia perturbada. Mas não há trégua: o luto, somado às angústias anteriores, a deixa mais fragilizada às apoquentações de buzinas e músicas, gritos e risadas, precariedades e excessos de toda espécie. Outro dia de sol e mais outro. Kathrin não consegue comer, não consegue ficar parada, nem iniciar qualquer coisa. Fica fechada em casa, em meio às janelas incandescentes e as paredes febris. A morte do avô é vasta, impõe outra dimensão a tudo; mas os ruídos da vida e da alegria lá fora não se remodelam, continuam a zunir e picar feito mosquitos. Enxames deles.

Nas ruas, a cidade que já lhe parecia hostil se torna doentia: o lixo espalhado tem mais lixo, o cheiro de mijo entra mais alcalino pelas narinas, as rachaduras nas calçadas se aprofundam, a miséria impõe outro nível de horror, os ruídos das pessoas são mais pontiagudos. Risadas e falas altas, gritinhos de crianças, correria, música para dançar: o absurdo nauseante da alegria.

Ela decide ir à farmácia, precisa comprar algum remédio para a dor de cabeça, a apatia e tantas outras coisas. A melancolia. Existe medicação suficiente para tudo isso? Na entrada, um homem grita ao microfone as promoções de remédios. Mexe com Kathrin, que só entende, ao final, a palavra “gringa”. Todo mundo ri no balcão de atendimento.

Todo mundo ri. É tanta alegria, tanta. Por todos os lados, a alegria a encurrala. Crianças correm entre as prateleiras de medicamentos, berrando de alegria. A música no sistema de som, assim que o anunciante para, bombardeia alegria por entre as paredes. Não há resguardo possível. Kathrin menciona à atendente os sintomas decorados em português, vistos no aplicativo de tradução. Recebe comprimidos que desconhece e nos quais deposita pouca fé. Queria dizer: o que precisa ser detida é toda essa alegria, essa terrível alegria. Ela chora no meio de todos.

* * *

Se fosse só luto pelo avô, já teria passado. Se fosse só luto pelo avô, não estaria presente nela desde antes: essa desolação, esse estado do qual nunca sai. *Weltschmerz*. Kathrin acende cigarros que se queimam até o fim, sem que ela sequer os leve à boca.

É primavera. Que diferença faz? Nem as flores realizam seu potencial completo aqui. Quase não se vê cores brotarem pelos caminhos, por entre as calçadas cinzas, quebradas.

Ilse, após sinalizar preocupação tantas vezes, diz em uma das chamadas por vídeo: “Eu decidi que vou te visitar no fim do ano”. Kathrin, depois que desliga, percebe nem ter agradecido. Não foi indiferença, foi alguma outra coisa que deixou de ser acionada no raciocínio. Parece que em seu corpo os fios de energia se derreteram.

* * *

No dia da chegada de Ilse, Kathrin espera do lado de fora do portão de desembarque, olha-se no reflexo do vidro: a amiga deve estranhá-la bastante. Além do cabelo curto — já visto nas chamadas por vídeo — a pele adquiriu outro tom e textura, as roupas parecem de alguém muito diferente dela. Encosta o nariz ao ombro nu, até seu cheiro mudou; tem algo de maresia.

A amiga surge, as duas se abraçam e começam a chorar juntas. Não são lágrimas do mesmo tipo. Elas caminham pelo aeroporto, têm mil coisas para falarem uma à outra, mas não ultrapassam perguntas e comentários banais, sobre o voo, o aeroporto daqui, o clima. Um

constrangimento novo entre elas demora a se dissipar. Nos dias seguintes, a presença da amiga austríaca traz algum alento: conversar o dia todo na língua-mãe, ter perto de si essa voz germânica — e inteira, sem o achatamento da transmissão eletrônica — atentar para pequenos hábitos, microscópicos, que ela já perdeu e agora relembra na outra. Tantos detalhes de familiaridade, a companhia de alguém que também se sente morrer pelo calor. É verão de novo, porque nunca deixou de ser. Ilse tem a vantagem de estar na posição de turista; sabe que não se afogará nessa imensidão de sol e caos, só faz um breve mergulho e volta para respirar no seu habitat. Isso lhe dá a liberdade da qual Kathrin se perdeu.

Quando saem em viagem — itinerário bolado por Pedro até Maceió, indo pelo interior e voltando pelo litoral — a visitante tem disposição para conversar com ele sobre o Brasil; faz muitas perguntas e ouve longas explicações. A História do país, os caminhos pelos quais chegaram até a situação atual. Kathrin percebe, escutando a amiga falar estranhamente em inglês, o quanto deixou de descobrir sobre o lugar onde veio morar. Nunca fez todos esses questionamentos; mal chegou aqui, perdeu o fôlego e não recuperou mais. Pedro, ao volante, explica sobre a colonização, as capitânicas hereditárias, a escravatura e o tráfico negreiro, a república e as ditaduras.

“Está tudo aqui ainda”, Kathrin quebra o silêncio de repente, após observar as grandes fazendas na estrada, os casarões coloniais, a presença intimidadora de militares. Pedro a provoca, dizendo que na Europa não foi muito melhor, com todas as batalhas sangrentas e os sistemas de dominação. Também há os muitos resquícios da História lá. Aliás, em Salzburgo tem aquela fortaleza medieval, acima de toda a cidade. “Eu sei, não estou dizendo que lá foi melhor. Só é diferente. Depois de tantos séculos de guerras e revoluções, das muitas reconfigurações dos territórios... As coisas mudaram mais, acho. Aqui parece estar tudo ainda sob os mesmos controles, desde o começo. Não se supera o começo. É o mesmo estado, do qual nunca se sai, uma espécie de presente perpétuo. E, sim, nós ainda temos a fortaleza, mas ela não é mais o que era, ninguém mais fica preso nas masmorras de lá. Nas daqui, sim”. Ilse olha para Pedro, esperando

ver qual será a reação. Ele concorda, resignado. “É desolador”, Kathrin murmura, antes de cair em silêncio de novo.

Em meio às plantações, ela vê um menino cravar enxada na terra. Pede que Pedro pare o carro. Desce e vai até o garoto, negro como se eternamente sob o sol mais opressor. Não deve ter mais do que oito ou nove anos de idade; é pouco maior do que a enxada. “Como você se chama?”, ela pergunta em português, já aprendeu um tanto do idioma. “Antônio”, quase nada da voz dele sai da boca. “Onde você mora?”, esforça-se para evitar sotaque muito diferente. “Aqui, ué”, o pequeno fala em tom quase aborrecido, como se a única constatação possível fosse esse lugar, de onde nunca saiu. Um senhor se aproxima, também negro, de cabelos grisalhos. Lembra o mestre de capoeira, mas tem outro aspecto. “Tudo bem, dona?” Ela balança a cabeça, tenta o melhor sorriso do qual dispõe agora. Pedro vem até eles, é perceptível no companheiro o temor. Tanto medo aqui no Brasil, Kathrin pressente; enxerga-o manifestado também nas maneiras e nos olhos do velho e do menino, precavidos contra ela. É como se estivessem todos aqui sob alguma ameaça invisível, ou como se para cada pessoa as demais representassem perigo. Cada um esperando ser predado pelo outro. “O senhor é pai dele?”, ela pergunta e, antes que o senhor responda, Antônio se antecipa: “Vô”.

“Vô”, ela repete. Fica um tempo em silêncio. “Você mora aqui também?”, pergunta a ele, cobrindo os olhos do sol, que não aguenta. “Sempre morei, dona”. Há quietude nesses campos, ouvem-se aqui os detalhes pouco percebidos na cidade. Ela tem poucas palavras ainda a oferecer, eles também. “Para ir a Maceió, é por essa estrada mesmo?”, Pedro atravessa a conversa, na intenção de disfarçar motivo justificável para a abordagem. Não precisam disso, Kathrin tem vontade de dizer; por que sempre essa mania de disfarçar as tensões? Qual é o próximo passo: ligarem o som alto no carro, dançarem ao redor das enxadas, dessa criança na lavoura? O mal-estar geral, aqui, resplandece feito o sol. E, tal qual, não se olha diretamente para ele.

Pedro põe a mão no ombro de Kathrin, “É melhor a gente ir embora”, diz em inglês, código cifrado aos outros dois. Ela se volta para Ilse no carro, que em breve voltará a Salzburgo; olha para o namorado, que pode transitar entre estados e países; Antônio e o

avô, que nunca saíram nem sairão dessas terras. Baixa o rosto e vê sua sombra inscrita pelo sol no solo desse lugar. “É melhor a gente ir embora”, repete, sem saber ainda o alcance exato da frase.

Marcelo Maluf | Escritor e professor de criação literária. Autor do romance *A imensidão íntima dos carneiros* (Editora Reformatório, 2015), livro finalista do Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA, 2015), finalista do Prêmio Jabuti (2016) e vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura (2016), na categoria estreadante com mais de 40 anos.

nada para contemplar

Nada para contemplar além da imensidão silenciosa do deserto. Como havíamos chegado? Nem mesmo ele saberia dizer com precisão. Ele que sempre soube perceber os espaços, coordenar nossas vidas, que nunca deixou faltar nada a nossa casa, que sempre soube o que fazer, estava tão perdido quanto eu, tão sem saber quanto eu. Tão frágil quanto eu. Mas uma coisa era certa, ele quis que estivéssemos ali. E fez de tudo para que chegássemos ao deserto. Foi só depois que ele descaminhou. Se lhe perguntassem se tinha algum arrependimento na vida, a resposta era sempre a mesma: a de não ter sido um santo. Estávamos no deserto. Sem água há doze horas e ele não parava de repetir que me amava. Há três dias que só víamos areia e vento. Céu sem nuvens. E ele a repetir eu te amo, eu te amo, eu te amo. Apesar da sede e do sol eu ainda me mantinha lúcida. Comecei a compreender que poderia perdê-lo a qualquer momento. E pedi para que ele não dissesse mais. A boca poderia secar. A língua ficar pesada. Estávamos a sós. Enfim. Tínhamos desistido da vida na cidade, tínhamos desistido da vida em sociedade. Há três anos que vivíamos como nômades descobrindo e desistindo de lugares, não se fixando nem a terras, nem a pessoas. Só tínhamos a nós dois como cúmplices nessa jornada. Questionávamos, às vezes, se não era egoísmo vivermos assim sós. Ensimesmados. Mas Dalton sempre tinha resposta para tudo e logo ele nos convencia, a mim e a ele mesmo, de que o nosso estilo de vida era o menos egoísta de todos. Havíamos escolhido o anonimato e a não continuidade, ele dizia. Havíamos escolhido a certeza da impermanência. Havíamos escolhido *todos* e não *alguns*. “Hilda, querida, nascemos para servir aos outros, e só podemos fazer isso vivendo desta maneira”. Dalton sempre me convencia com seu modo

lento e fino de falar. Foi por isso que me apaixonei por ele. Éramos jovens demais quando nos conhecemos. Mas Dalton sempre pareceu mais maduro do que sua idade. Vivia falando dos poetas e dos santos. Trazia na carteira um retrato de Garcia Lorca e uma imagem de São João da Cruz. Para ele, seus poetas preferidos. Gostava da coragem com que Lorca encarou a morte de frente e sempre achou burra a igreja por não compreender, verdadeiramente, homens como João da Cruz e Francisco de Assis. Ele se enchia de entusiasmo quando falava deles. Eu, ainda menina, mesmo sem saber exatamente por que, fui atraída pelo seu mundo e, aos poucos, descobrindo que aquele também era o meu mundo. Há vinte e cinco anos que comungávamos tudo. Mas no deserto, tudo aquilo era tão pouco. Só tínhamos a nós mesmos. E era de nós que teríamos tudo. De nós, a vida possível naquele mar sem fim de areia. Dalton perdia as forças. Falava mais lento ainda. Sintetizava sua declaração apenas numa única palavra: amor. A M O R. Desejei ser água, nuvem de chuva, casa de gelo, sereno e gota de orvalho. Para que ele me bebesse. Para que ele não secasse. Dalton sempre temeu sentir sede no deserto. Esse era o seu único medo. Não eram a insolação, os escorpiões e as tempestades de areia. Nada. “Tenho medo da sede, posso não me saciar”, ele dizia. Num ato de desespero, por que queria salvá-lo, beijei-lhe a boca de modo a deixar que minha saliva pudesse servir-lhe de água. Sua língua estava tão pesada e seca que tive que salivar muito para trazê-la à sua consistência natural. A sede começava também a tomar conta de mim. E quanto mais sede eu sentia, mais deserto ficava o deserto. Caminhávamos para não desfalecer e ser encobertos por areia. As mãos dadas. Seguíamos sem pronunciar qualquer palavra. Silenciávamos. Contemplávamos a nós mesmos naquela situação e chorávamos, mesmo sem lágrimas para escorrer. Há cinco dias que eu e Dalton estávamos perdidos no deserto.

Na manhã do sexto dia, Dalton me acordou fazendo um gesto de carinho nos meus ombros. Gesto seguido por cinco palavras: “Amor, Eu Não Sinto Sede”. Dalton tinha os lábios vermelhos, o rosto corado. Uma felicidade iluminava o seu corpo inteiro e contagiava o seu olhar e me contagiava, a ponto de eu também não sentir mais sede alguma. No sétimo dia, levantamos cheios de entusiasmo,

seguimos dançando por entre as dunas. Não demorou muito para que a areia cedesse lugar ao oceano. E onde antes víamos escorpiões e tempestades de areia, passamos a contemplar peixinhos, baleias, cavalos-marinhos e ondas. De longe avistamos um humilde barco de pescadores. Dalton me disse com seu jeito fino e lento, que era provável que fosse apenas miragem. Nadávamos.

| conto do livro *Esquece tudo agora* (Terracota editora, 2012). |

Juan Manuel Domínguez | Escritor e jornalista, com colaborações no *Le Monde Diplomatique* BR e Arg, *Mídia Ninja* e *Caos filosófico*. É também produtor e diretor de fotografia especializado em fotografia de documentários para a defesa dos direitos humanos.

tarauacá-ma

Se diz que o povo Tarauacá-ma, que ocupou uma porção pequena de solo entre o norte do Paraguai e Campo Grande, acreditava que a raça humana não passava de um sonho produzido por uma mente divina, e que o nosso destino é a irremediável e fatal desapareição. A nossa duradoura existência depende da fidelidade da memória desse deus. E a memória, para eles, é similar a uma pedra que com o tempo se desgasta e perde sua forma, até virar um pó amorfo e indistinguível.

Esse povo acreditava que a mente era algo assim como um animal selvagem, um Caite-pê (assim a chamavam). Em alguns casos, alguns de nós conseguimos dominar nosso Caite-pê, e conviver com ele em relativa paz e harmonia. Porém, os desafortunados e os delirantes herdam uma mente descontrolada, que faz enlouquecer a alma do seu possuidor. Os Tarauacá-ma, então, entendiam que o Caite-pê do deus que sonhou um planeta diverso, com uma raça bípede e falante, não conseguiu controlar sua criação, e por isso a abandonou à sua sorte. Aos poucos vamos desaparecendo. Tornamos cada vez mais difusos e dispensáveis.

Os Tarauacá-ma sabiam que seu entendimento teológico não era o único. Perto da cultura Tupí, por um lado, e da Aimará, por outro, fundamentaram que a diversidade se deve a que Deus precisa se disfarçar de diferentes formas para cada povo. O entendimento pleno da origem e da existência divina não são uma coisa com a qual o nosso Caite-pê conseguiria lidar. O segredo que revela todas as coisas, em todos os tempos, permanece velado a nós porque ele é parte substancial de nós (o segredo da existência está dentro de nós) e subjaz a nosso entendimento.

Existem boatos que especulam com a existência de um livro, escrito por um expedicionário espanhol que avistou o povo dos Tarauacá-ma à beira do rio Paraguai, entre 1734-36. O nome desse

explorador é Fernando de Nardoñas e o nome do livro diz-se que é *Nômadés da Luz, o misterioso povo dos Tarauacá-ma*. No livro, Nardoñas afirma ter convivido com ele, e compara essa cultura aos exóticos povos da Ásia meridional. Segundo os que afirmam ter lido a obra, a comunidade inteira reunia-se toda noite ao redor de uma fogueira para permanecer por umas horas em estado de semi meditação. Alimentavam-se, sobretudo, dos peixes que conseguiam pescar, de forma bastante rústica, no rio, também de frutos silvestres e de Javalis.

Entre as lendas que ainda sobrevivem naquela região, existe uma que indica que a cidade de “Lucia del Valle” leva o nome da sacerdotisa suprema dos Tarauacá-ma. A história (supersticiosa e banal, claro está) diz que os Tarauacá-ma suplicaram a Fernando de Nardoñas que não divulgasse a existência deles, nem o local onde eles costumavam habitar. Ante a negativa do espanhol, a sacerdotisa suprema, de uma beleza incomparável, ofereceu-se para casar-se com o explorador, em troca de não marcar o local onde tinha coabitado com aqueles indígenas.

A penemandu é uma flor que os indígenas costumavam usar para curar as crianças dos traumas ocasionados pelos pesadelos. Um chá produzido com flores de penemandu, bebido muitas vezes ao longo do tempo, poderia fazer a pessoa perder a memória. Além de usá-la para decorar a casa, Lucia se valia de flores de penemandu para cheirar a sala de jantar. O méleo perfume e seu açúcarado sabor encantavam o espanhol. Seus efeitos fizeram que aos poucos o entusiasta homem perdesse o rastro, na lembrança, do local onde tinha encontrado a divina e inusitada tribo. Lucia, que também bebia do chá amnésico, e cheirava das flores na sala de jantar, aos poucos começou a esquecer seu papel divino, sua missão como líder espiritual. O risco assumido, abandonar sua identidade, não significava uma despesa, comparado ao perigo de extinção que assolava à sua cultura, a todas suas crenças que agora desapareciam lentamente para serem substituídas por outras, as do cruel invasor. Lucia aceitou mudar de afetos, com a certeza de que assim salvaria seus verdadeiros sentimentos.

Durante todos os anos em que esteve casada com o espanhol, Lucia, o nome que a sacerdotisa dos Tarauacá-ma adotou para se

confundir com os colonizadores, dedicou-se a preencher e alegrar o coração do seu eventual marido, por amor ao seu verdadeiro deus, ao seu povo e, com o passar do tempo, por amor ao destino que uma indecifrável divindade tinha encomendado para ela. Em 1740, Fernando de Nardoñas foi eleito prefeito da cidade. Dois anos depois, uma poderosa doença quase o fulminou de forma definitiva. Só os cuidados da sua dedicada mulher, de quem pouco se conhecia sua origem, conseguiram salvar aquele valioso cidadão. Honrando a cristã devoção da dama, o povo decidiu batizar a cidade com o nome de “Lucia del Valle”. A história dos colonizadores lembra dela como uma devota da fé católica, apaixonada pelo seu marido, pelos seus filhos e por umas flores provenientes de plantas que só ela conseguia germinar no seu jardim. Ao ficar viúva, se recolheu de forma quase permanente na sua casa. Morreu sendo uma anciã alegre. Tem alguém que afirma que suas últimas palavras foram numa língua similar à Tupí Guaraní, mas é coisa do povo inventar histórias para criar confusão.

poesia

0

Flávio Morgado | Nasceu em 1989 na cidade do Rio de Janeiro. Autor de *um caderno de capa verde* (2012), *uma nesga de sol a mais* (2016) e *preciso* (2019).

o pênalti e Quintana

a camisa polo,
signo de federação entre os pés perdidos,
anunciava o cuidado materno
numa quase inadequação
à zona de êxtase
da irresponsável gargalhada
de uma AK-47
recém tomada pela facção rival
— proibindo o vermelho, o *é nós*
e o translado.

no sobrado dos ratos
que mendigos naturalmente
tomavam como lar o pé da escada e
eu vi uma tia ser currada
pelo moço do gás eu morava

eu também tinha
uma estadia no inferno
e acreditava nos sonsos
pássaros de Mário Quintana:
que anunciam as horas
e o lírico, que adormecem
os brutos e são amansados
pelos eleitos
— os poetas,
que escondido, eu queria ser.

com o que sobrava do micro-ondas
os traficantes vencedores simulavam
uma partida de futebol. também era

copa do mundo. eu passava pra treinar.

— vai, galego,
toma tua vitamina de degradação
e segue teu rumo.

num poema vejo graça. salvo.

menos esse dia.
que o neto da D. Ana, a costureira,
o federado, visivelmente deslocado
(e por isso) foi obrigado a cobrar
o irrevogável pênalti com a cabeça
do segundo filho de seu Carlos,
um homem que lembrava de tudo

e que agora como ele,
irremediavelmente, eu também saberia

que passarinho era o caralho.

litígio à bandeira

aos meus companheiros de sala de aula

Luis Gonzaga das Virgens, conjurado negro,
entregou a si, nascido cabeça a prêmio.
Luis Gama letrou-se em liberdade
e escreveu em costas brancas
a palavra justiça.
Liberata, escrava, alegou humanidade
aos bichos da lei.

Zumbi, sem cabeça, tem rosto.
o goleiro Barbosa não tem culpa.

175 mil africanos
a contragosto, em *kalunga*,
sob o descaso da compaixão e da língua
cristã aportavam na capital em 1736.

54% da população deste país
é declaradamente negra
(e na primeira constituição republicana
vinha o apêndice sintático-racial “forro”)

[minha cara
não encobre
minha culpa mas
não extingue
essa inquieta sensação de carregar
o que condeno.]

somos os irmãos vis
do continente. infanticidas notáveis
de nossas origens. exímios
engenheiros de silêncios irrevogáveis.

injuriados à própria beleza.

rever na bandeira o vermelho,
cobiça cabaço dos portugueses,
cor sobre os brasis
(melhores inquilinos da terra).

ou vermelho: resultado trágico desta equação.

que não seja,
já que até os tons
a tacanhez contextualiza.
por que então a manutenção?
das cores, das vozes, das práticas,
da eterna vez do homem, do quinto, do dízimo,
do cinismo e até do modo de fuder
— ou o que só entrou com a pica
na dita democracia racial.

mãe mais que gentil,

dos lázaros que sustenta em estrelado:
senna, escória de orleans&bregança, dória, ainda-sarney;
a bem-sucedida sonegação
da família marinho;
o tricentenário de propriedade
e embranquecimento social
do clube piraquê
e a sonsa cegueira do leblon.

agora alguém morre, negligenciado, no hospital
salgado filho: méier.
todo dia alguém nasce negligenciado, de antemão,
ao didático livro do capital: américa latina.

e salve a santa constituição!
salve a pálida cara do constrangimento,
o iluminismo engabelado
e a esteira de produção!

— o mundo nos descabe é esteticamente.

pensa,
oficialmente solitário,
jovem professor de história,
na zona sul do rio de janeiro,
em uma sala só de brancos,
ao explicar por quem
tremulam as nacionais
cores de uma bandeira
sem preto.

como ser minha terra

sobre minha terra:
preciso Conselheiro
acordar sua verde mão

disentérica e generosa sobre os homens
e ver elas dadas às mil
falanges pretas e insurretas de Carlos Marighella.
preciso não temer minha fé em Sebastião,
em Tranca-Rua e na Reforma Agrária.
preciso despertar Darcy
(ouvi-lo atento como um Zarvos)
me deixar morrer índio
e indigesto ao registro.

(preciso testemunhar meu fogo perdido)

e tirar o pó dos reis

amola a faca, Galanga. arma o fronte, Brizola.

preciso dar sombra à bandeira.
ver uma filha acordar, por Olga.
por outro pra dormir, por Zuleide.
escrever por Carolina, Conceição
e o suicídio literário de um silêncio
— nítido constrangimento desta História.
preciso beber Lima e seu rancor
à burguesia. trazer à praça os poetas:
desonrá-los todos em uniformezinhos
da oficialiesca conformidade nacional
(incluindo seus *jetons*)
e enquanto acotovelam-se pela eficiência
do século, deixar com eles,
devidamente inflamado,
Roberto Piva e seu livre-arbítrio.

preciso tomar a minha rua
como um príncipe e como um capitão de areia;
juntar os meus, confessar o público
até ver o fútil esgarçar
ver tremer a espinha gerencial da tradição
em meio ao miasma rubro e enérgico
de um coro de não.

preciso dispor o meu campo
de ação e sonho
a algo que se abrace.
cumprir essa culpa surrada,
redimir à maioria
na volta perdoada do ausente.

ser a profecia de um padre cego
como ser minha terra.

preciso não me entender. e me permitir.

erigir ao cerne do hino,
num poema já escrito,
essa aporia comovente:

meu povo. meu abismo.

Julia Raiz | Escritora e pesquisadora dos estudos feministas da tradução. Edita os blogs literários totem & pagu, firma de poesia, e Pontes Outras, dedicado à tradução de literatura escrita por mulheres. Em Curitiba faz parte do coletivo de escrita membrana. Seu primeiro livro *diário: a mulher e o cavalo* saiu em 2017 pela ContraVento Editorial. Lançou o megamini p/vc pela Editora 7Letras em 2019. [@julia.raiz]

s/título

Conheci o enfant terrible
quando ele ainda não era poeta ou músico ou carpinteiro
como José, o pai biológico de Jesus
Jesus Ricardo, o moleque aqui da rua de baixo
O enfant terrible foi do berço pro engatinho em 30 segundos
e já estava de pé mesmo que ainda chorasse
porque não podia confiar em suas pernas moles como
ficam as minhas se assisto Vertigo do Hitchcock
Ergueu os bracinhos de provolone trançado
e pediu ao mesmo tempo regaço e uma xícara cheia de café puro
Sem açúcar
Eu disse: isso vai te fazer mal
Ele respondeu: “eu quero” é a minha sentença
Existem outras, eu hesitei em busca de uma resposta mais precisa
“Eu agradeço”, por exemplo
mas nem eu acreditei no que estava dizendo
Ele teria dado de ombros
se já soubesse que o cinismo se dá principalmente
nos corpos que se movem pouco
Depois voltou ao chão e antes que fosse brincar com as ferramentas
passei repelente em suas perninhas de maria-mole
fazendo cócegas em seus pés o que me deu muito prazer
mas também plantou em minha mente uma cena perturbadora
de meu pai assistindo um vídeo meu dançando completamente nua
na praia fazendo movimentos que lembravam a postura do leão
na Hatha Yoga enquanto atrás de mim um velho
se dividia entre assistir a cena e segurar seu chapéu moralista

que teimava em ir embora

O enfant terrible agora desmontava pequenos objetos
e espalhava suas pecinhas férreas por todos os lados, destruía:
o controle do som estéreo, meu par de brincos favorito e a pistola
que Rimbaud tinha usado em sua expedição pela Filadélfia
Já demonstrava o enfant terrible um impulso irrefreável
por desmontar coisas para refazê-las a seu próprio modo
O problema é que não sabia montá-las de volta
ou melhor

não sabia fazer delas algo mais eficaz do que tinham sido
Por isso enjoava rápido com uma careta que ia do sorriso
ao choro iminente e o tédio crescia mais veloz do que ele mesmo
Tudo parecia escrito numa lasca de vidro
Mas as fraldas de pano preto lhe caíam muito bem
e quando dormia era bonito como nada e heroico
como um verdadeiro Power Ranger

cleo, a cleptomaníaca

não queria começar com:

sou cleptomaníaca

mas minha estirpe é a da mais tosca

estão a salvo os isqueiros e biscuits

prefiro o que vocês têm rondando de moto a cabeça

entro onde estão à noite (não estão em suas camas, posso garantir)

e levo tudo, passo meu longo braço derrubando o que encontro

pra dentro de um saco de lixo azul-celeste que carrego no ombro

feito um ladrão da Turma da Mônica

pego de ímãs de geladeira à certidão de nascimento dos seus
primogênitos

sei dos melhores horários porque sei quais de vocês

têm espíritos fortes que plainam por outras dimensões sozinhos

e quais levam companhia

quais têm liberdade de movimento

mas com materializações pequenas de alma

e quais continuam em vigília conversando com fantasmas

quando deveriam estar bem despertos
o amor não é nada mais do que o proveito da oportunidade
sinto quando abrem ou fecham suas pesadas portas na minha cara
ou quando dizem mentiras nadando com os amigos
em piscinas redondas e querem que eu assine contratos
que pingam no chão de mármore
por isso tenho cada vez menos pena de roubar de vocês
uma árvore também roubou de mim
porque cresci de frente pro bosque seus ramos vingavam fortes
se alimentando da minha energia vital
em troca não me dava coisa alguma
e quando eu subia alto em seus galhos
não fazia nada que pudesse me salvar de cair
as árvores não sentem remorsos
elas nem conversam entre si sobre isso
não têm a mesma preocupação que eu tenho
de escrever sobre o dia que um de vocês me lançou
um pedido de socorro:
“venha, leve tudo o que eu tenho, por favor,
não aguento mais todas essas coisas”
por isso eu acho que no final das contas
faço um favor a vocês
e por isso até deveria ser paga
talvez devesse ser essa mesma a minha profissão

Maria Jorgete Teixeira | Nasceu no Cunene, Angola. Professora aposentada, vive na cidade do Barreiro, Portugal. Obras publicadas: *O coração é puta sempre à espera* (prosa poética, Alfarroba, 2015); *Mulher à beira de uma largada de pombos, à volta das canções de José Afonso* (conto, Alfarroba, 2017); *A solidão das dunas* (poesia, Amazon, 2019). Participou em várias coletâneas e escreve em jornais e revistas locais.

feridas

Somos silhuetas desmembradas
num rio que corre esgarçado entre
o nevoeiro de pernas azuladas pelo frio.
As memórias são portas sem casa dentro, sem
enseadas onde se arrimem os ombros doloridos.

Deito-me sozinha entre cardos.

Não estendo a mão porque não te chego e
a consciência disso é cruel.
Deixei de invocar o teu corpo.
Não sei se por cansaço
ou se não me chegavam já as metáforas do poema.

Ainda me visita o sobressalto.
A teia de lamentos agudos como sal nas feridas.

Margarida Patriota | Carioca radicada em Brasília desde 1976, tem trinta livros publicados e foi professora do Departamento de Letras da Universidade de Brasília. Desde 1997 conduz e apresenta o programa Autores e Livros da Rádio Senado. É detentora, entre outros, do prêmio do Instituto Nacional do Livro, de romance, e do João de Barro de Literatura juvenil. De uns anos para cá, tem dirigido seu lirismo à apreciação do leitor formado, com os poemas de *Laminário*, de 2017, a prosa de *Cárcere privado*, de 2019, e *Tempo de delação*, seu segundo livro de poemas, recém-lançado pela Ibis Libris.

tempo de delação

Vi o sopro embaciar o vidro
Para o dedo traçar no bafo
O coração do amor proibido

Vi a ponta do punhal
Escorchar o tronco adusto
Riscar o manacá que eu amava

O sol inflamou o céu
Não prestou qualquer socorro
Nem se importou com isso

Dentes rasgaram carnes
Desmembraram gomos
Deceparam cachos, que eu vi

Flagrei a noite atropelando o dia
Pelotões de nuvens ladras
A assaltarem o luar

Vi a neve deflorar a campina
A hera assediar o muro
O mar abusar do penhasco

Vi sem asco o que delato
Antes que prescreva em juízo
O ardor dos fatos

luto

Em horas pluviosas
Langorosas, baudelairianas
Recolho-me dócil
Ao *boudoir* do meu *spleen*

Beijo a esfinge no console
Bocejo solilóquios no divã
No leque de pavão afago plumas
Aspiro com volúpia buquês murchos

Ao tilintar da sineta
Chávenas de porcelana flutuam
São os meus mortos
A tomar chá comigo

convite

Viesses a mim
Pisarias na juta
Que atapeta o meu solar

Verias as flores
Que bosquejo a bico de pena
Os meus mares de aquarelas

Ouvirias meu relógio de parede
Bater horas como um gongo
A chaleira apitar qual trem fugindo

Verias minhas conchas, caramujos
Conjuntos de azulejos, souvenirs de coletas
Escavações, prospecções, enfim...

Para bem do acervo
Bom seria que viesses
Num dia chuvoso

penhora

Quando vierem me arrestar os bens
Indicarei os valiosos

Na prateleira da aventura
O escafandro
Com que imergi nas funduras
E recolhi a dor das ostras

Na do método e disciplina
O vaso para bonsai
Em que forcei um junípero
A se entanguir

Na dos frissons
A lupa por meio da qual
Acendi fogos sem artifícios
Com um filete de sol

telepatia

Através das membranas retráteis
Que nos domam as transparências
Trocamos mensagens cristalinas

Confiantes na recompensa
Do mútuo contato visual
Elucidamo-nos sem sermões

No alargar e contrair das pupilas
Fios condutores nos unem
Dialogamos por osmose

E quando afirmas que sou
Tua “menina dos olhos”
Formamos um globo ocular

| poemas do livro *Tempo de delação* (Editora Ibis Libris, 2019). |

Dani Rosolen | 32, jornalista de São Paulo, escreve para elaborar o mundo dentro de si. Incabível é seu primeiro livro solo. Uma forma que encontrou de compartilhar os desafios e os pensamentos vividos durante a anorexia e a compulsão alimentar. Participou das coletâneas: *Não Pretendia Causar Discórdia* (Giostri, 2017), *Eros Ex Machina* (Alink, 2018) e *Era de Aquária* (2019, Oito e Meio). É integrante dos coletivos literários Discórdia e KriptoKaipora.

55 kg a 50 kg

Desenhar à la Botticelli
ou Picasso?
que nada
minha referência
desde a infância
foi sempre a mesma
mulher perfeita
mulher palito.

50 kg a 47 kg

O grunhido da barriga é meu despertador
mas ainda é cedo
não passaram três dias
volto a dormir
à espera da hora certa de comer
é preciso ter horários e ser regrada, dizem os nutricionistas
eu só obedeço.

47 Kg a 38 Kg

Sair com os amigos era assim divertido
eles pegavam seus fast food na praça de alimentação

eu, minhas pílulas coloridas no nécessaire
não dá pra dizer quem era mais saudável.

38 Kg a 55 Kg

O descontrole se apossa de um jeito de mim
muitas vezes me pega desprevenida
em outras, sei que está me espreitando há tempos
eu sinto
e sou pouco
pouquíssimo corajosa
não o enfrento de maneira alguma
me entrego fácil
pra minutos depois me arrepender
com a boca cheia
e o coração vazio.

55 Kg

Doutor, estou de alta?
não.
doutor, existe alta?
não.
então qual a prescrição?
alimentar-se de esperança
sem restrições.

| poemas do livro *Incabível* (Editora Patuá, 2019). |

Leonardo Tonus | É professor Livre Docente em literatura brasileira no Departamento de Estudos Lusófonos na Sorbonne Université (França). Membro do Conselho Editorial e do Comitê de Redação de diversas revistas internacionais, atua nas áreas de literatura brasileira contemporânea, teoria literária e literatura comparada com pesquisa sobre imigração. Em 2014 foi condecorado pelo Ministério de Educação francês Chevalier das Palmas Acadêmicas e, em 2015, Chevalier das Artes e das Letras pelo Ministério da Cultura francês. Foi Curador do Salon du Livre de Paris de 2015 que teve o Brasil como país homenageado e, em 2016, da exposição Oswald de Andrade: passeur anthropophage no Centre Georges Pompidou (França). É o idealizador e organizador desde 2014 do festival literário internacional Printemps Littéraire Brésilien. Participou da Delegação Oficial brasileira no Salão do Livro de Göteborg (Suécia) em 2014 e 2016 e atuou como moderador de diversos eventos literários internacionais (Flip, 2017; Salon du Livre de Paris, entre 2012 e 2018, Salão do Livro de Göteborg, 2014 e 2016). Publicou artigos acadêmicos sobre autores brasileiros contemporâneos e coordenou a publicação, entre outros, dos ensaios inéditos do escritor Samuel Rawet (*Samuel Rawet: ensaios reunidos*, 2008), do número 41 da Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, da edição especial da Revista Ibéric@l, em torno da nova cena literária no Brasil e das antologias *La littérature brésilienne contemporaine — spécial Salon du Livre de Paris 2015* (Revista Pessoa, 2015), *Olhar Paris* (Editora Nós, 2016), *Escrever Berlim* (Editora Nós, 2017) e *Min al mahjar ila al watan (Da Terra de Migração Para a Terra Natal*, Revista Pessoa/Editora Mombak; Abu Dhabi Departement of Culture and Tourism/Kalima, 2019). Em 2018 lançou sua primeira coletânea de poesias intitulada *Agora vai ser assim* (Editora Nós, 2018) e vários de seus poemas já tiveram publicação em antologias e revistas nacionais (*A resistência dos vaga-lumes*, 2019; *Em tempos de*

pós-democracia, 2019; *O que resta das coisas*, 2018 — finalista do Prêmio Ages 2019) e internacionais (*Aosnoivoirquinos*, New York, 2019). Seu livro mais recente é *Inquietações em tempos de insônia* (Editora Nós, 2019).

um homem de braços

o tempo já não há.
há um homem na cama.

coladas ao lençol estão suas mãos.
a pulsação arterial é de 65 bpm.
a temperatura estável.
os músculos intercostais se contraem do homem
cujas costas arquejam
nu.

concentro-me em sua respiração.
no diafragma,
na boca que relaxa o gás carbônico,
o oxigênio de um mundo
que o abandonou,
ofegante.

deito-me ao lado do homem,
do rosto virado ao meu.

adivinho suas perdas,
profundas perdas no corte do pescoço
da mão suspensa
que acaricia seu corpo:

o corpo de um homem de braços que expira
em seus lençóis de alfazema.

menino-pássaro

uma palavra morreu na calçada solitária.
uma palavra abandonada, no meio-fio,
que ninguém notara.

palavra cuja morte
nenhum jornal notificara,
tampouco eu, ao sair de casa,
e pisar o corpo inerte ainda morno da palavra
com a qual, há anos, no exílio, já não sonhava.

viver no exílio é viver o exílio das palavras
na possibilidade de todas, que é nenhuma.
acordar no exílio é acordar com as palavras
se sobrepondo uma a uma em nossas retinas,
girando a mistura de uma ilusão contínua.

à força de me aventurar pelas palavras
perdi seus rastros,
apaguei os vestígios de seus sonhos
que hoje sonho no eco oco
de um mundo mudo
sem ruídos.

há anos deixei de cantar a palavra
que às janelas emudeceu.
da copa das árvores silenciou a palavra
os órfãos epiléticos de meu bairro
que, pelas ruas frias e úmidas,
deambulam à sua procura.

repito: a palavra hoje morreu,
anônima,
às seis horas da manhã.

ela morreu sem pré-aviso,

devedora de sonhos aos pássaros
que de seus ninhos continuam a cair.
morreu a palavra alçando sonhos até as mãos
em sonho de um menino,
de um menino-pássaro,
sem palavras.

fui. foste.

porque doravante serás o des-
reencontro:

tu,
meu país,
que um dia foste.

| poemas do livro *Inquietações em tempos de insônia* (Editora Nós, 2019). |

Yuri Pires | Recifense, professor de Literatura e escritor. Autor dos livros *Artifício* (Intermeios, 2016) e *A Pedra* (Lote 42, 2017), entre outros.

poeminha heroico, nacional, imperativo e profundamente vinculado às aspirações urgentes do nosso povo

Neste país
todo mundo é feliz,
que grande nação,

menos ministros viris
que tiram nazis do nariz
na televisão.

Neste país,
todo mundo é feliz
diz uma canção,

menos o ministro-juiz
que instrui, prediz
e julga com convicção.

Neste país
todo mundo é feliz,
é nossa vocação,

menos generais (meio) senis
cuja pujança geratriz
só bufou um capitão.

Neste país
todo mundo é feliz,
em seu coração,

menos o mito de giz
cujos inúmeros mimimis
transformaram num chorão.

Neste país
todo mundo é feliz,
não há exceção,

vivas, pois, ao rufião aprendiz,
ao símio alegre, ao laranja raiz
e ao grande líder bufão.

Diana Pilatti | Paranaense criada em Campo Grande-MS. Professora e aprendiz de poeta. Formada em Letras (UCDB) e Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS. Autora do livro *Palavras Avulsas*, volume 7 da Primeira Coleção do Mulherio das Letras, 2019. Participou de algumas coletâneas e revistas literárias. Publica poemas também nas redes sociais: [@dianapilatti].

sem nome

a Loucura se avizinha
fica me olhando
imóvel
da esquina

fecho a janela
apago as luzes

está parada ali
Louca
no meio da rua
amarelada
intermitente
como o poste de lua

— Que estou dizendo?!
minha boca me sussurra

está aqui dentro
na minha cama
a Loucura

quer que eu tome cerveja
quer que eu fique nua
quer ser minha amante
a Loucura pálida insone
no meu ouvido canta aerada
seu verdadeiro nome...

alvéolo

raso
pensamento róseo
no desejo mínimo
amenidades

no leito último
essa poesia fútil
urgente
— Logo aos cravos, por favor!
e me deixem
útil
verso húmus
ao silêncio
e larva
e só

— A sete palmos
o poeta
eclode
eternidade.

tercetos sobre a Palavra e o Tempo

meu corpo cede
erodido
tempo precede

na palavra puída
tempo
um poema preludia

salobra rima
nos corais dos teus olhos
na ferrugem dos dias

impronunciável
a palavra
de ausências corroída

submerso
o verso encara
no olho do Kraken: seu destino

lenta (entre) ondula
maré e palavra
verso ferrugem

na preamar dos meus olhos
um sonho antigo
oxida

Jorge Ivam Ferreira | Nasceu em Iaçú-BA em 1959. Mudou-se para a cidade de São Paulo em janeiro de 1978 e depois para Ubatuba, onde mora desde 1999. É casado, tem quatro filhos. Graduiu-se em Letras, fez especialização em Literatura e mestrado em Linguística Aplicada. Atualmente é aposentado como professor da rede estadual de São Paulo e leciona em uma escola técnica municipal em Ubatuba. É coautor do livro de poemas *SERTÃO MAR*, publicação independente, e autor de *Travessuras do Curupira*, narrativa em versos, destinada ao público infantil — edição também independente. Adaptou e publicou em um livreto de cordel quatro lendas de Ubatuba. Foi premiado em algumas edições do concurso literário da FundArt de Ubatuba, participando com poemas, contos e crônicas.

berimbau

Para Mestre Jequié

Unindo as duas pontas dum cajado,
Um resistente fio de aço de pneu,
Cuja borracha o fogo derreteu,
Mantém-se para sempre esticado.

Para o som desse fio ser ampliado
E ficar belo como foi o de Orfeu,
Lixa-se até tirar-lhe a cor de breu.
Assim fica vibrante ao ser tocado.

Ata-se uma cumbuca de cabaça,
Serrada mais ou menos na metade
Como se fosse o bojo de uma taça.

Pondo ritmo, ginga e muita raça,
Pode-se percuti-lo com vontade.
Sua música gera transe e graça.

publicidade

Primeiro, a águia chega ao nosso toco
Com muita simpatia e assanhamento
E diz que é mister, nesse momento,
Preenchermos o branco oco do coco.

Depois nos aparece de mascate
Com muita lábia e muito atrevimento
E, para o referido preenchimento,
Nos quer vender caroço de abacate.

Contando com nossa credulidade,
Demonstra como a esférica semente
Se encaixa com total facilidade

No âmago da amêndoa carnuda,
Porém, se se apossar da nossa mente,
Nos venderá até de joio muda.

destinos

Se queria abater uma galinha,
Minha mãe apontava a escolhida
E me indicava um jeito, uma medida,
Para que a ave entrasse na cozinha.

Eu me aproximava da coitadinha,
Com um pouco de migalhas de pão
Que eu, devagar, ia atirando no chão,
Da forma ardilosa que me convinha.

A galinha acabava na panela.
Assim, acontece conosco um dia:
Sonhando com alguma bagatela,

Nós seguimos por falsas passarelas
E, por inexplicável ironia,
Terminamos a jazer entre velas.

cuidado com o cão

Spike, acamado num trapo,
A uma passada do umbral,
Dilui-se no breu da noite
Vigiando o meu quintal.

Embora seja um cão sagaz,
Não se oculta por astúcia,
Já que é cor de guarda-chuva
A sua nobre pelúcia.

Às vezes, ao abrir a porta,
Tropeço em sua negrura,
E ele se afasta ganindo,
Com ressentida amargura.

No átimo, peço desculpas
E esconjuro o desastrado
Que pusera o tal farrapo
Onde o cão ficou deitado.
(8/11/2008)

fordismo na floresta

Um pica-pau, outro beija-flor
Um papa-terra, outro papa-mel.
Um pintassilgo, outro pintarroxo.
Um rola-bosta, outro caga-sebo,
Um arranha-gato, outro assa-peixe
Um papa-capim, outro louva-a-deus.

Mailson Furtado Viana | Escritor, ator, diretor, produtor cultural e cirurgião-dentista. Com seu livro *à cidade* foi vencedor nas categorias de livro do ano e de poesia no Prêmio Jabuti 2018. Em Varjota, zona norte do Ceará, é produtor cultural da Casa de Arte CriAr, e desenvolve trabalhos como ator, diretor e dramaturgo e, atualmente, lidera a CIA teatral Criando Arte.

migração

foi Maria
foi José
foi Rosana
Lílian foi também
e foram todos

foram
porque o Marcos foi
a Rosário
o Pedro Augusto
e também fulano de tal

alguns voltaram
ficaram
outros de férias

nessa via dupla
há perdidos
feridos
e há quem abalroou a morte

—

a vida parece longe

* * *

sou menino de rio
não de mar
não sei pegar ondas
não cabem em minhas mãos

no rio ninguém pega nada
e tudo cabe
quando se vê
já passou

* * *

I.

ele foi criança
há tempos

sei pelos álbuns de retrato
que certo dia vi

não me lembro mais

ele talvez

II.

outra vez foi jovem
embora sem fotos pra lembrar

foi pra escola
graduou-se pra vida

e jovem
nunca mais

* * *

das lápides

uma de minhas quatro bisavós
virou nome de rua
por ter uma neta rica na cidade

um avô de quinta geração
morreu assassino
por ser contra o presidente da província
e seu nome sumiu de nossas certidões

um outro bisavô
virou escola
já demolida há anos
(sobrou-lhe a experiência
de ter se deteriorado duas vezes)

* * *

da luz sem pressa (a 300.000.000 km depois da hora)

há anos-luz
aquela estrela
— uma fotografia
de um calendário já dito

eu vi
eu vi
o passado eu vi
ainda lá. olha.

Danielle Magalhães | Nasceu em 1990 e vive no Rio de Janeiro. É formada em História (UFF) e faz doutorado em Teoria Literária (UFRJ). Atua como poeta e crítica, publicando poemas e ensaios em diversos periódicos e revistas eletrônicas. Lançou o livro de poemas *Quando o céu cair*, pela Editora 7Letras, em 2018.

para cima

I

só que às vezes tudo
que vai
não volta
para cima
ao atingir uma certa altura
a velocidade do projétil cai
a zero
ele despenca
como se fosse uma pedra
pequena mas a resistência
do ar
não deixa a bala passar
de 270 km/h
no fim
do trajeto
para perfurar
o tecido
do corpo
ela precisa atingir pelo menos 350 km/h
a situação complica quando o tiro é disparado
em ângulos menores o projétil traça
um arco no céu sem chegar a
parar
boa parte da velocidade inicial
é mantida para piorar
como a bala sai
do cano girando ela fura

o ar como se fosse uma broca
acaba caindo com a ponta
virada para baixo
quase sem perder
o pique
o drama
é que uma bala atirada
de um 38 parte a 1.042 km/h
o projétil de um fuzil AR-15 é ainda mais veloz
atinge 3.500 km/h mesmo que elas percam
metade da velocidade
no trajeto o tiro dado para cima
ainda pode ser letal

II

hoje me vi dizendo
de dentro do carro não aponta
para a polícia
enquanto eu passava pela mangueira
lembrei da minha avó dizendo
não aponta
para as estrelas
porque dá verruga nos dedos
entre as estrelas
e as minhas verrugas
caem todas as balas perdidas
como quase tudo que aponta
para cima
todos os dias
só não cai
o que aponta nas mãos
da polícia

linhagem

meu pai foi assassinado
o assassino do meu pai foi assassinado
a mãe do assassino do meu pai
teve o filho assassinado
minha avó teve o filho assassinado
dois primos meus tiveram o pai assassinado
dois primos meus foram assassinados
um prima minha teve o pai assassinado
três primas minhas tiveram o irmão assassinado
uma tia minha teve o filho assassinado
uma prima minha teve o filho assassinado
dois primos meus tiveram o irmão assassinado
dois primos meus tiveram o sobrinho assassinado
minha mãe teve dois sobrinhos assassinados
minha avó teve dois netos assassinados
meus primos tiveram os primos
da prima deles assassinados
marinete teve uma filha assassinada
a outra filha de marinete teve uma irmã assassinada
a neta de marinete teve uma mãe assassinada
maria rita teve o filho assassinado
a outra filha de maria
teve o irmão assassinado
o neto de maria carlos augusto
teve o pai assassinado
alexandre teve a companheira assassinada
thais teve a mãe assassinada
uéverton teve a mãe assassinada
pâmela teve a mãe assassinada
pablo teve a mãe assassinada
além dos quatro filhos
há também quatro sobrinhos
adotados ângelo samuel alexandre
e caio tiveram a tia ou a mãe assassinada
vanessa teve a filha assassinada

adegilson teve a filha assassinada
airton teve a neta assassinada
katia teve a filha assassinada
renata teve o filho assassinado
mônica teve o filho assassinado
bruna teve o filho assassinado
josé teve o filho assassinado
a filha de bruna e de josé
teve o irmão assassinado
as duas avós da filha de bruna e de josé
tiveram o neto assassinado
elisa teve o avô assassinado
isabela teve o namorado assassinado
isabela teve a sogra assassinada
isabela teve o sogro assassinado
camilla teve o irmão assassinado
camilla teve a mãe assassinada
camilla teve o pai assassinado
ágatha teve o companheiro assassinado
o filho de ágatha teve o pai assassinado
dulcineia teve o companheiro assassinado
o filho de dulcineia teve o pai assassinado
oito meses depois dulcineia e seu filho
também foram assassinados
e os pais já mortos de dulcineia
tiveram a filha assassinada
e o neto assassinado
aikyry teve o pai assassinado
valdelice teve o pai assassinado
ládio teve o pai assassinado
genilton teve o pai assassinado
marcos teve o pai assassinado
rosângela teve a filha assassinada
sônia teve o filho assassinado
gabe teve a irmã assassinada
salacione teve a filha assassinada
zilda teve a filha assassinada

jackson teve a filha assassinada
edna teve a filha assassinada
marli teve a filha assassinada
luiz antônio teve a filha assassinada
hildegard teve o irmão assassinado
zuleika teve o filho assassinado
cinco anos depois zuleika foi assassinada
hildegard teve a mãe assassinada
dona santinha teve o filho assassinado
lola teve a filha assassinada
álvaro teve a filha assassinada
gabriel teve a filha assassinada
gabriela teve a amiga assassinada
pérola teve o amigo assassinado
patricia teve o amigo assassinado
maycon teve o irmão assassinado
a avó de maycon teve o outro neto assassinado
elizabeth teve o companheiro assassinado
onze irmãos tiveram o irmão assassinado
uma empregada doméstica teve o filho assassinado
um pescador teve o filho assassinado
seis filhos tiveram o pai assassinado
anderson teve o pai assassinado
milena teve o pai assassinado
mais quatro irmãos tiveram o pai assassinado
michele teve o tio assassinado
luana teve a irmã assassinada
jorge teve a filha assassinada
jessylen teve a cunhada assassinada
jefferson teve a namorada assassinada
mônica teve a companheira assassinada
ana teve o companheiro assassinado
a amiga do cláudio
teve o companheiro assassinado
a amiga do amigo do meu companheiro
teve o companheiro assassinado
a companheira do amigo de laércio

teve o companheiro assassinado
o filho do amigo de laércio
teve o pai assassinado
laércio teve o amigo assassinado
patricia teve a amiga assassinada
heloisa teve a amiga assassinada
a amiga de heloisa teve a amiga
da amiga
assassinada
a amiga da namorada
do meu primo assassinado
teve o namorado da amiga
assassinado
o amigo do meu primo
teve o sobrinho do amigo
assassinado
a tatiana teve o tio assassinado
a cristiana teve o tio da companheira
assassinado
a minha amiga teve o tio assassinado
dizer a minha amiga teve o tio assassinado
é o mesmo que dizer eu tenho uma amiga
que teve o tio assassinado
é o mesmo que dizer eu tive
o tio da minha amiga
assassinado
é o mesmo que dizer eu também
pertencço à linhagem
dos assassinados
eu também
sou afetada pelo assassinato
eu também
carrego o peso do verbo ter
um assassinado ou uma assassinada
marcado ou marcada
no histórico da minha vida
o histórico da minha vida

também é um obituário
o histórico da minha vida
é marcado por nomes
mais próximos ou mais distantes
apagados da vida
nesse histórico
a amiga da anielle
teve a irmã da amiga
filha de marinete
assassinada
eu não conheço a anielle
mas um dia estive lado a lado
com sua irmã
eu não conheço a anielle
mas pessoas que eu conheço
conheceram sua irmã
eu não conheço a anielle
mas muitas pessoas a conhecem
e para sempre vão conhecer sua irmã
eu me chamo danielle
eu pertencço a uma linhagem
de assassinados
nós todos
estamos ligados
por uma linhagem de assassinados
como você eu pertencço
a uma linhagem de assassinados
como a maioria das pessoas
que sabem e como a maioria das pessoas
que ainda não sabem
da pessoa assassinada mais próxima
ou mais distante
a quem ela está vinculada
como essas pessoas
eu não fui
ou ainda não fui
assassinada

como todos esses nomes
que carregamos sem saber
como todos esses nomes
que trazem outros nomes
que todos nós temos
a responsabilidade
de dizer

legado

o meu pai dizia
que me amava
mas era escroto
com mulheres
na rua e em casa
o meu avô dizia
que me amava
mas era escroto
com mulheres
na rua e em casa
um dia vi meu avô
fechando o punho
para bater na minha avó
ele só não o fez
porque eu estava presente
um dia vi meu avô
atravessando a rua
aos berros xingando
saltando em direção
à minha mãe
para bater nela
ele só não o fez
porque os vizinhos o impediram
nesse momento
eu estava presente
e nem a minha presença

foi suficiente
nesse momento eu acabei
fazendo xixi nas calças
de medo e de nervoso
nesse momento minha mãe
saiu correndo
comigo no colo
para dentro de casa
anos depois eu soube
o meu avô
quis me tirar
da minha mãe
após a morte do meu pai
um dia meu pai
ameaçou minha mãe
meu pai andava armado
a serviço do estado
um dia ele disse que
se algum homem na rua
olhasse para a minha mãe
ele ia matar ela e o homem
mas meu pai me amava muito
e o pai dele também
hoje
só hoje
eu faço jus ao legado
que meu pai e meu avô me deixaram
nem hoje nem nunca mais
vou me sentir culpada
por não lamentar
a morte de ambos

André Luiz Pinto | Doutor em Filosofia e autor de *Flor à margem* (edição particular, 1999), *Primeiro de Abril* (Editora Hedra, 2004), *Ao léu* (Editora Bem-te-vi, 2007), *Terno novo* (Editora 7letras, 2012), *Nós, os dinossauros* (Editora Patuá, 2016), entre outros.

AA

Bom dia, meu nome é André Luiz.

Bom dia André Luiz.

Há dez dias não acabo na igreja nem nas mãos de um pastor. Eu tocava o terror, não havia passo que eu desse sem consentimento, mas agora a ignomínia não me satisfaz. Busco outra coisa, alegria que o dinheiro não compra. Pouco importa se amigos e familiares concordem. Bom dia, meu nome é André Luiz. Bom dia André Luiz. E estou há dez dias sem escrever. Venho me esforçando em não ceder às palavras como na última vez. Podia estar fazendo sol ou chuva, eu sentia em tudo a agrura do verso. A mãe podia estar sendo enterrada ou o sobrinho nascendo, estava eu lá, atrás do Graal. Nesse ponto, sou adicto. Um poema não faz mal a ninguém, por que ele faria comigo? Enfim... Meu nome é André Luiz.

Bom dia André Luiz. E estou há dez dias sem dinheiro. Descobri que dinheiro não paga o pato e a gula não apaga o tédio, e de fato é de cor esvoaçante a fome. Aprendi a não me dar por inteiro, mas a cada instante; e é por isso que cheguei aqui no grupo de apoio dos Andrés Anônimos. Está claro para mim que, em cada um de nós, o eu precisa controlar o ego, ente maravilhoso que costuma cair em bueiros e escapa de serpentes.

Bom dia, eu me chamo André Luiz.
Bom dia André Luiz.

Já faz dez dias
que estamos sem acidentes.

Ernesto António Moamba | Conhecido também como Filho da África (1994), é poeta e escritor moçambicano, nascido em Cidade de Maputo. Facebook: [\[link\]](#).

cicatrizes

(À minha mãe África esquecida)

Mãe

Tuas dores me lembram a escravidão
Quando éramos violentados nas senzalas vestidas de escuridão

Teus olhos recordam-me a opressão
Quando éramos maltratados sem perdão
Como cães vadios desta nação, minha mãe.

as sequelas e navalhas na carne do negro

Minha mãe

Se me procurar e não me achardes onde estou
Mergulhado no sangue da África,
Ontem cuspidos da boca do Negro,
não desista
Continue com as suas buscas,
peça reforço nos países vizinhos,
Bloqueia as fronteiras, os aeroportos e caminhos de ferro

Se possível ajoelha e faça acordo com Deus
Somente por um instante
Para que não me deixe atravessar os céus, minha mãe

Se procurar e não me achardes, não chores
Procure-me mesmo nos lugares sombrios,
Onde a noite não se transforma em dia
Onde foram enterrados restos dos meus ancestrais
Que no tempo da colónia se quer foram achados, minha mãe

Se me procurardes e não me achardes onde estou
Não fique lamentando pelas costas da cidade
Sai para os campos, revista-me no interior das palhotas
Nas antigas bases, onde nos escondíamos dos inimigos cessando as
armas
E bravamente massacrando os inocentes
Como se fosse caças furtivas, minha mãe

Se me procurardes e não me achardes
Percorra a grandes revistas e jornais
Difunda à meios de comunicação
Faça denúncia ao Balanço Geral
E deixa a Polícia e a PIC trabalhar

E se não conseguirem trazer os factos, minha mãe
Não pense em desistir
Mas somente perdoe a mim
Desde o início fui tão covarde
Esqueci-me de informa-te, que já não estou entre vós
Que a escravidão tirou-me completamente a vida.

terra de tristeza e sangue

Sou a cultura
Condenada sem legítima defesa
Sou África
Costurado de Xigubo e azagaia
Sou miserável e incógnito
Escolhido para contar a história esquecida do meu Povo
Que está gente má,
Clandestinamente força-me calar.

Maurício Simionato | Nasceu em Assis-SP em 1973 e reside em Campinas-SP, é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesia *Impermanência* (2012, premiado pelo Fundo Municipal de Cultura de Campinas) e *Sobre Auroras e Crepúsculos* (Editora Multifoco, 2017). Tem poemas publicados em sites como Ruído Manifesto e A Bacana, de Portugal, e em coletâneas. Como repórter, foi correspondente na Amazônia por três anos.

ao menino refugiado

Hoje,
cruzei mais uma fronteira,
sem querer.
Alguém me puxou por cima da cerca.
Alguém me segurou do outro lado.
Alguém quis me jogar de volta.

Aqui,
pessoas carregam sacos plásticos com miudezas sem sentido,
Pedaços de coisas mudas
E malas esfarrapadas como o que restou da vida.

Nestes dias,
os abraços
São mais dolorosos
Porque há o desabraço.

Nestes dias,
Os olhares
Tornam-se um pouco mais tristes.
Porque há o desolhar.

Nestes dias,
O aperto no peito
Aperta diferente.
Pois há também

A indiferença.

Nestes dias,

O destino

Rejeita-nos de antemão.

Jeanne Callegari | Poeta, artista sonora, jornalista e produtora cultural. Publicou os livros *Amor eterno 2* (Garupa e Pitomba!, 2019, contemplado com o ProAC — criação literária de poesia 2018), *Botões* (Corsário-Satã, 2018) e *Miolos Frescos* (Editora Patuá, 2015), os três de poemas, e *Caio Fernando Abreu: Inventário de um Escritor Irremediável* (Seoman, 2008), biografia do autor gaúcho. Em suas apresentações ao vivo, pesquisa a relação entre palavra, ruído e paisagens sonoras. É criadora, curadora e poeta residente do Macrofonia!, evento de poesia e audiovisual ao vivo realizado desde 2017 em São Paulo.

diagnóstico diferencial

não é possível que não haja um nome
alguém deve ter estudado analisado
catalogado
no dsm-5 deve existir uma categoria só para você
e pessoas do seu tipo
que fazem as coisas que você faz
e dizem as coisas que você diz

pessoas como você não devem ser muitas
mas com certeza estão por aí
alguém ficou encucado ensimesmado
tomando notas
pensando de si para si
que interessante
como quem olha imparcial uma jararaca
prestes a dar o bote

não é possível que não haja um nome
eu não sei qual é, mas deve haver um nome
tenho certeza que há
um nome
para o que você é
e não é um nome muito bonito

agora fobia

já não lembro o calor
de sua pele
a pressão exata de seus dedos
o cheiro dos seus cabelos
a curva do ar no seu peito
exausto ao lado

eu tive medo, sim
tive saudade
mas inútil tentar deter com as unhas
a corrente
reter, com apelos
a luz da tarde

: um segundo de silêncio, então
pelo instante decisivo
do qual chegamos rente
e saímos sem alarde

depois percorrer os dias
noites e nostalgias
até um novo nome
onde hoje o seu arde

educada

não é que eu não queira
são indecentes essas coxas
e você sabe
o mínimo de tecido
que a sociedade aceita
alonga as pernas

de ginasta ouvindo
chet baker
e se eu não te mordo é por ter
boas maneiras
convém não atacar
quem nos dá casa
mas tome tenência
: mais dessa mirada
e eu esqueço
a etiqueta

syagrus coronata

assim como são usadas
todas as partes do licuri
syagrus coronata
palmeira de cocos
pequeninos da caatinga
e se faz
das sementes óleo, do miolo
do tronco, farinha
dos frutos alimentos colares
elixir
para a vista

e como
ao enjoar dos colares
as pessoas tiram e comem
puras
as sementes
uma
a uma
conta
por
conta
como quem

reza um terço

ocupar cada milímetro
do teu corpo — as pernas
gangorras que nos alçam ao teto
os braços
ganchos de nos atar à cama
as mãos operando o baile
em minhas frestas
os cabelos
dossel negro
em nossos olhos
o suor
a nos dar liga
e tempero
a boca um atlântico
— sede água
a expandir
dos meus lábios
as fronteiras

Fiori Esaú Ferrari | Nasceu em Itapetininga. Professor de Literatura pela Uneafro e professor efetivo de Língua Portuguesa na prefeitura de São Paulo. Seu último livro, *Variações do Exílio*, 2019, foi lançado pela Editora Penalux.

apesar das flores

Haverá um dia, apesar das flores,
mais seco,
avesso ao carinho,
afiado e áspero.

Ele nascerá incólume,
totem.

Alguma esperança
será esmagada
e na praia populações inteiras
recolherão seus poucos costumes,
canções de trabalho,
o lado tenaz dos símbolos.

Haverá um dia de mais atrito,
quase nenhuma suavidade,
em que apoiaremos a cabeça
no banco de mármore
pra chorar.

E o que diremos
serão sílabas de vocábulos
quebrados,
extratos de uma pronúncia inaudível,
pequenas dispersões de radicais
no palato, nos lábios, na rua.

E estilhaços de um verso
incompreensível
pontilharão
o mar alto,
sementes em terra líquida.

Eu aprendi que toda lágrima é irmã mais nova do oceano.

sem parada

Eu escapei uma vez, a par de tudo.
Fugi com a franqueza
dos que sentem o primeiro
frêmito da morte
e não reconhecem a irmã que chega,
fugi às margens
do dia,
carregando um livro,
palavras dispersas e um arquétipo do futuro,
deixando fragmentos de mim,
meu corpo em estranho
gesto na esquina,
hemistíquios onde a cesura
ainda silencia minha vida,
e silencia agora,
a respiração no terço das mãos do meu pai,
a pausa triste das mulheres da igreja
diante do mistério mais doloroso
que é sempre Verônica
e o sangue da face do amado
eterno no tecido,
fragmentos de lágrimas,
de canções no quintal e das amoras,
viver foi as frases replicadas
de um nascimento,
as pessoas chegando e partindo

e o presente sobre o roçado,
o presente sobre a ação humana,
o estar porque não há a essência,
o estar na praça, na história,
na colina,
tão pontiaguda flor,
o nascimento de deus
e o que fazer com isto,
e o que fazer com isto?

pablo

A conversa incerta na esquina
onde poucas folhas
confessavam o outono.

Eu reunia gravetos,
construía com calma
e indiferença meu ninho,
ações da longínqua Cuba
eram a voz de Pablo Milanés
forjando ternura,
a esperança no muro.

Ainda que os porões se contorcessem
de terror e sombras,
ainda que a batida
da ordem
monocórdica
monocromática
fizesse da minha infância
lugares de ouvir a distância
e ver profundezas
abissais,
eu criei na face grandes olhos
de peixes tristes.

Atravessava o azul, vulto.

Mas, no breve espaço da ausência,
(e a sinto tanto hoje)
Pablo Milanés
me dava a dispersão da luz,
a decantação da lágrima
e surgia o diamante puro.

É lógico que eu era assíduo das pétalas.

aqueles dias

Eu posso até dizer
que as coisas
demoradamente
se tornam densas
e neutras
alongam as sombras,
este arreio,
a embocadura,
as tralhas.

Quem colocou ruído nisso tudo,
a montaria de um cavalo solto
que sabe da fazenda e da ternura,
um meio de sonhar
no desespero do latifúndio?

Como não mastigar esse fruto
através
sem situar alguma queda,
uns brinquedos que não deram certo,
o deslocamento míope dos olhos
que se enganaram de envelhecer

ainda em criança?

À solidão da lâmpada do quarto
juntavam
vozes baixas de cuidado
no corredor.

Ao pegar da noite,
nas coisas rarefeitas,
as ações do dia iam se acalmando,
se tornando mitos,
se despindo de política e terno.

O traçado de lã,
que as agulhas envolviam
e dançavam
e teciam,
aplacava as violências
dos costumes e das regras.

Concluíram:
— Este menino tem verme.

Parecia doença.
Era solidão.

artesão

Facas dançam.
Lâminas solares,
lanças atiradas
no azul
e o verde
timidamente
preparando o fruto.

O artesão do plantio
atravessa o campo
e sua roupa vermelha
é um toque de terra
na tela ainda em outono.

Borboletas destrincham
um saber longínquo
gestado no casulo.

Morrem breves.

Borboletas nascem no outono.

Daniela Delias | Nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul. Autora dos livros de poesia *Boneca Russa em Casa de Silêncio* (Editora Patuá, 2012), *Nunca estivemos em Ítaca* (Editora Patuá, 2015) e *Alice e os dias* (Concha Editora, 2019). Tem poemas publicados no *Livro da Tribo*, em revistas literárias e no blog de poesia Sombra, Silêncio ou Espuma. É psicóloga e professora na Universidade Federal do Rio Grande. Mora na Praia do Cassino, em Rio Grande.

fúria

sobrevive-se à fúria extrema das manhãs
à memória das portas que abríamos em silêncio
desejando que o amor nos ensinasse a cair

não tão alto, dizíamos
não tão longe

depois, alinhávamos as pernas
estendíamos mil pontes
e partíamos e partíamos
como se destinados ao cume

sobrevive-se, suponho
às cidades exiladas de nossos olhos
e à lembrança das janelas
que encostávamos um pouco
toda vez que distraíamos a morte

desterro

se todas as previsões estiverem corretas
amanhã ainda teremos chuva
e milhares de mulheres e homens
partirão de seus desteros
sorrindo ferozmente pro escuro

que importa se um homem de olhos terríveis
afunda suas garras e botas
contra seus rostos insones?

se todas as previsões estiverem corretas
amanhã não comerão os restos
não descerão aos fossos
não dobrarão os joelhos
a um deus que fale tão pouco

caixa

desinventar a estrada
que vai dar nas mesmas ilhas
partir com os dedos
as ruas que vão restando
reter entre os lábios
o mapa onde escondíamos
a palavra eletricidade
dizer outra vez teu nome
e te ver guardar o meu
entre as coisas mais selvagens

pele

a verdade
é que meu ombro não comporta
um pássaro negro

já tenho este mapa
tatuado em minhas costas
este céu de linhas vermelhas
este corpo tornado templo
de todo desejo e selvageria

e você sabe:
palavra alguma detém a jaula
palavra alguma impele o voo
palavra alguma alcança a porta

é sempre do olho o último grito

lanças

aconteceu de chover tanto
que cogumelos imensos
nasceram no concreto

justo hoje que não diria
dos punhais sobre o sonho
vesti minhas luvas
cerquei-me de lanças
vi meu coração partido

há coisas
que simplesmente nascem:
não se pode dissuadir a vida
de sua natureza terrível

João Augusto | Já foi premiado em concursos de prosa e poesia. Tem alguns livros publicados. O mais recente, de poemas, *A última estrela tropical* (Editora Patuá). É um dos curadores da Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto. Já escreveu para cinema, produziu e dirigiu documentários. Tem peças inéditas de teatro. Na imprensa, atuou como produtor, revisor, repórter, editor de jornal, gerente de reportagem, diretor e apresentador de rádio e TV. Casado com a professora Elaine, João é pai da Letícia, estudante de Medicina, e do músico Gabriel. João escreve porque ama.

I

Não sei soletrar a palavra mundo
sem abrir nela uma rosa, uma infância.
Queria fazer da vida um objeto de arte.
Fazer de cada passo um passo com alguém.
Como se cada derrota sobrevivesse a si mesma,
e um balão subtraísse do ar a solidão que voa
entre mim e você.
Me isolo num verso que não vem.
Escavo um poema de meu tempo.
A palavra só existe onde o silêncio permite.
É preciso amadurecer, como algumas palavras,
como essa barba que se vai desenhando branca.
O motor dos dias esconde de ti a cidade,
o reino, as fadas.
Sou menor que todas as coisas que
ainda não existem.
Porque cumpre em qualquer nascimento
alguma alegria.
Toda a minha vida está incomunicável.
Preciso desembrulhar o rosto do mundo
e dar um nome ao que desconheço.
Preciso fazer da loucura um pouso para o amor.
Preciso soletrar a palavra mundo
sem abrir nela uma partida.

E, mesmo se partir,
levar nas mãos alguma aurora.

4 de julho de 2012.

VI

*“Não fui, na infância, como os outros
e nunca vi como outros viam.”
(Edgar Allan Poe, em Só)*

Como Poe, amei sozinho,
o que sozinho me restava amar.
A vida começa atrasada.
Tinha, no irrespirável das noites sem ar,
uma secura de estrelas no peito.
Carregava duas cores no bolso,
o branco e o nada.
O pouco era longo e farto.
Na madeira gasta dos olhos,
um arco-íris de carvão sustentava o céu
que era impossível inventar.
A vida, irreconstruível do fim para o começo.
Na alucinação dos dias,
a admirável lentidão do amor,
que nunca florescia.
Amar sozinho é escrever para o silêncio.
De dentro dos olhos pretos da vida,
uma rosa explode o escuro,
tão universal como a fome,
como o ódio,
como o homem.
A vida que delira e inflama,
lenta e sozinha,
como um punhado de amor,
deixado pelo caminho.

XIX

A vida falha em mim quando não estende estrelas pelo lado de dentro. Sou alguma coisa entre o mundo e o verso, que vomita o amor e apaga o destino. Mas escrever me oferece um começo. Ainda há vagas para palavras desempregadas. O mistério natural de tudo que não poderá ser claro. Uma fantasia colhida no tempo certo pode se revelar a mais lúcida verdade. É para isso que escrevo: ranhurar na morte alguma ilusão. Vende-se a parte limpa da vida. O abraço, que ainda ontem inaugurou o amor. Meu coração pensa o que a nova ciência ignora. O tato antigo da fala com a fala. A biografia lenta do gosto dos lábios. A antiga tecnologia dos olhos, como as águas, que nunca se perdem; como os rios, que sempre se encontram.

Beirute, 28 de dezembro de 2017.

XXIX

Tarde as tendas da alma se abrem ao sol. Tudo é tão perto, e distante o amor, paralisado. Escrevo desarmado de palavras, como quem planta abraços de papel. Aqui assento meus pensamentos. A inatingível espera da vida que não és. A cidade está vencida, as flores, os ídolos, a vida vencida. Deixa que alguma luz limpe o teu rosto. Que o sal marinho queime as tuas tardes de melancolia. Não, o tempo não chegou de completa justiça. Somos todos inocentes. Seres de avolumados cabelos, pernas e tônus muscular. Temos olhos e tato. E fábricas onde se fabricam cartazes e sobremesas de medo. Onde te escondes mais, é ali que existes. Guardo uma canção antiga num peito cansado. Guardo apenas o ar necessário para encerrar este poema. Minha casa é a rua, a ruína, o relento. Mas meu corpo ainda respira, e deseja amar.

Francesca Cricelli | Poeta, tradutora e pesquisadora. Cresceu entre o Brasil, a Itália e a Malásia. Publicou os livros de poemas *Repátria* no Brasil e na Itália (Selo Demônio Negro, 2015 e Carta Canta, 2017) e *16 poemas + 1* nos EUA (edição de autora, 2017), na Islândia (Sagarana forlag, 2017) e na China (Museu Minsheng, 2018), além da plaquette *As curvas negras da terra / Las curvas negras de la tierra* (edição bilíngue, Nosotros Editorial, 2019). Suas crônicas de viagem e uma breve prosa de autoficção foram reunidas no livro *Errância* (Edições Macondo e Sagarana forlag, 2019). Participou de inúmeros festivais internacionais, entre eles a edição de 2019 de Printemps Littéraire Brésilien em Colônia e Zurique. Traduziu para editoras brasileiras escritoras italianas como Elena Ferrante (Biblioteca Azul, 2016), Igiaba Scego (Nós, 2018) e o primeiro livro em italiano de Jhumpa Lahiri (Biblioteca Azul, 2020) além de retraduzir Fernando Pessoa para o italiano (Interno Poesia, 2020). É doutora em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo, em sua pesquisa descobriu um acervo inédito de cartas de amor de Giuseppe Ungaretti para Bruna Bianco. Atualmente vive em Reykjavík, a capital mais ao norte do mundo, na Islândia.

***poema para a fiandeira de Remedios Varo em 'Les feuilles mortes',
de Francesca Cricelli***

não há de ser
só escuro o lado
de dentro do muro
o avesso do viço esse pesar

é a retina
que rege o furor das coisas

sob o descompasso da neblina
há terra úmida que germina —
o coração do ventre
mora no olhar

há de se descortinar o céu de si
vento estrela aurora boreal
arrancar da própria costela a mulher que ali habita
morrer-se a cada dia um tanto
concha
semente
pranto
navegar além do canto (e do silêncio)
das sereias do pensamento

Ribeirão Preto, maio 2019.

Maria Esther Maciel | Nasceu em Patos de Minas (MG) e vive em Belo Horizonte. Poeta, ensaísta, ficcionista e professora de literatura, publicou 14 livros, entre eles, *Literatura e animalidade* (ensaio, 2016), *A vida ao redor* (crônicas, 2014), *O livro dos nomes* (ficção, 2008), *A memória das coisas* (ensaios, 2004) e *Triz* (poesia, 1998). Lançará em breve o volume *Longe, aqui. Poesia incompleta 1998-2019* pela editora mineira Quixote + Do. É diretora editorial da revista Olympio — literatura e arte.

a vida ao redor

Os ramos do pé de jasmim
de Madagascar
sobem pelo tronco
da palmeira ao lado
rumo às tiras de madeira
que cobrem
o terraço.

Já as pimenteirias fazem
um leque vivo
de cores
com o roxo das verbenas
e o vermelho das bromélias
enquanto as avencas
pendem da prateleira
à meia-sombra
protegidas do sol febril
que entra
pela janela.

De repente
uma ave
pousa na pedra:

é um bem-te-vi
de olhos táticos
e pose rara

que parece me trazer
(com insolência alegre)

algum presságio.

conto de jardim

A pequena lagarta
que caiu da samambaia
sobre o meu braço
se movia em desespero

e quando a levei
de volta
ao vaso da planta
minha amiga Tereza
falou, sem pejo:

— jogue na lixeira,
lagartas são pragas
e estragam as folhas
do jardim inteiro.

Mas eu não podia
matar uma larva
tão verde e tão perplexa
como aquela

tampouco tive coragem
de jogá-la pela janela.

Desci até o jardim do prédio
e a coloquei sobre uma pedra

pois tudo o que é vivo
e me pede vida com medo
me entenece.

E sempre cedo.

temporal

Pelo vidro fumê
da porta do prédio
vejo a chuva espessa
que aflige a avenida
enquanto mulheres
de sombrinhas pretas
e amarelas
passam
 depressa
pela calçada alagada
ou se encolhem
 (em desamparo)
sob a marquise

No espelho que reflete
as imagens líquidas
 vindas do vidro
os carros deslizam
sob meu rosto
pouco nítido

enquanto a chuva
 (agora granizo)
castiga o asfalto
 incisiva

quinta-feira

Na despedida
o abraço

com todos os ossos
e nervos
músculos, artérias
e veias

pele com pele
dos pés à cabeça
numa teia
de afetos
e segredos

É quando o amor
feito só de palavras
se expressa
em silêncio
e de corpo inteiro

lux vivens

Um fio de luz no escuro
traz um brilho oblíquo
ao recinto onde
(em vigília)
a viúva de olhos tristes
ouve uma sonata
de Bach
para piano e violino
e vibra por dentro
rediviva

Num improviso
de alegria
(um quase extravio)
ela amplia o volume
ao máximo possível
e levíssima
quase levita

Maria João Cantinho | Nasceu em Lisboa em 1963. É doutorada em filosofia contemporânea e professora. Tem cinco livros de ficção publicados, quatro livros de poesia e dois de ensaio. É crítica literária e colabora regularmente em revistas e jornais. É investigadora do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Centre d'Études Juives da Universidade da Sorbonne IV. É membro do PEN clube, da APE (Associação Portuguesa de Escritores) e da APCL (Associação Portuguesa de Críticos Literários).

discípulos da madrugada

Que a sombra desça e nos tome
no seu mistério, em que tudo
é passagem e limiar, presença
furtiva e incandescente.

O rio flui e nele se submerge
o teu rosto, a tua voz,
talvez a memória de outros rostos
e de outras vozes
cruzando-se na dobra do tempo
aparentando-se na escuridão,
talvez não sejam senão destroços
de um antigo sonho
ou de uma visão em sobressalto
do eterno.

Esther Alcântara | Poeta e por vezes cronista. Paulista, hoje vive em Salvador (BA). Atua há 27 anos na área editorial como editora e revisora de textos e está à frente da editora Carpe Librum. Dedicase, ainda, à encadernação artesanal e flerta com livros de artista: em 2015 participou da exposição de livros de artista “Entre a dobra e a obra: memórias” na Biblioteca Mário de Andrade (SP) com a obra *Raízes*; em 2016 publicou o minilivro *Vinte poemas para serem lidos com lupa*; em 2019 promoveu oficinas de livros artesanais na Casa de Castro Alves, em Salvador. Participa de saraus e promove o Sarau Vosz. Tem textos publicados em antologias no Brasil e em Portugal, e em revistas e sites como Mallarmagens, Cult, Escambau, Gueto e Crônicas da Copa. Em 2017 lançou o livro de poemas *Piracema*. Em 2019 organizou e editou a coletânea *A mulher e o livro — uma relação em prosa e verso*, lançada na Flip do mesmo ano. No momento prepara nova obra poética.

longilínea

Longa é a linha
onde meu corpo
longilíneo
se aninha

Contorna
um (uni)verso
sanguíneo
por um fio

Verbo a dançar
na carne
pasmada de
silêncios

regresso

Nas mãos
que trabalham
estremece
a bandeira

Por ordem
mulas estimulam
o progresso
das liteiras

habeas corpus

Quis sair
mas só havia
in-concreto
vias de
abscesso

Acessos de
sexta concepção
por um triz
no cérebro de
segunda

A vida desanda
convulsa
e grita sonâmbula
o direito a seu
corpus

s/título

Um dia havemos de acordar
com a ressequida seiva
das árvores queimadas
doendo em nosso tronco oco
Ardendo em nada

então a amargura da saliva
nos dará notícia
de nosso rastro na Terra:
um sinal de fumaça

desvio — via Bandeira

Eu choro
como quem faz versos
no vã
entre as palavras
v(il)ãs
decapitadas
de senso e sonho

E sonho
em capítulos soltos
no desvio
das ruas
entre a literatura
e o meio fio
da página

Maíra Vasconcelos | Escritora e jornalista, de Belo Horizonte. Escreve crônicas, desde 2014, para o Jornal GGN. *Um quarto que fala* (Editora Urutau, 2018) é seu primeiro livro de poemas. Reside em Buenos Aires, e é aluna do mestrado em Estudos Literários, na Universidade de Buenos Aires (UBA).

três poemas s/título

há uma casa no alto
antiga e desabitada
à espera de um corpo vivente
uma casa tão lúcida
da necessidade de alguém
que nem sei se existe
tamanho trabalho e ousadia:
a casa precisa ser repensada.

* * *

como o silêncio do barulho dos pássaros
quando entram nas casas
e batem nas paredes
nos móveis ficam acurralados
a respiração abafada e o coração muito rápido
como o silêncio do barulho dos pássaros
quando entram nas casas
assim elas falavam das lembranças
de cenas não-imóveis
como tudo o que está fora das casas
esse princípio das asas.

* * *

não há garantia alguma
se onde estão os pés descalços estaremos

posicionados em luz.

olhe, por exemplo, aqueles barcos e as águas do rio

posicionados em luz

como se nunca pudessem nos afogar, mas apenas nos banhar.

Richard Plácido | É escritor. Em 2016, publicou o livro *entre ratos & outras máquinas orgânicas*, pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Em 2019, publicou o livro de contos *Da casa o nome*, pela Ofélia Edições. Site: richardplacido.com | placidorichard@gmail.com.

homem-gaveta

calibrações, bicicletas, terremotos
uma pilha de concreto se fazendo de morta
construções da China chegando ao Brasil
na aurora a vida
ainda
na aurora
pretos dançando na chuva
e sem querer ser firme no lampejo
não há mais o que se dizer em dez minutos
não há mais necessidades fisiológicas
o mundo se encerrou
fecharam-se as pastas
o expediente continua apenas para Carlos
tirar leite das pedras e doar à caridade
dobrar lençóis questionáveis
dividir a feira em 3x no visa ou master
e mesmo assim
mesmo quando tudo em estiver em jogo
a escuridão ameaça a tela do computador
o arquivo a salvar
os pratos batendo na cozinha, riscos pela manhã
indícios da caça
são eles
os inomináveis
fazem a festa novamente
deslizam no prato sujo e se penduram nos pequenos canos
cheiram a tua roupa, passam a pequena língua no teu seio
e mordem confusamente os teus pés
não encontram nada
encontram apenas remorsos, culpa e dívidas

partem rápido pelo lençol
o único rastro
é o seu canto

Fernando da Rocha Peres | Tem vinte e três livros publicados. É Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia. Desde 1957 atua na área cultural, em Salvador, quando fundou as Jogralescas (poesia teatralizada), a revista Mapa, a Yemanjá Filmes e as edições Macunaíma, com seus companheiros de geração. Entre 1974 e 2002 foi diretor do Iphan; para a Bahia e Sergipe, diretor presidente da Fundação Cultural de Estado da Bahia, pró-reitor de extensão e diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA. É da Academia de Letras da Bahia.

um e outro

*“Não tinham propriedade —
Um era a fazenda do outro.”*
(Castro Alves, Gonzaga, 1867)

Um era a cor do outro,
Um será a igualdade do outro.

Um era a mão do outro,
Um será a cabeça do outro.

Um era a reza do outro,
Um será o grito outro.

Um era a falta do outro,
Um será o oceano do outro.

Um era o labirinto do outro,
Um será a liberdade do outro.

Um era a fome do outro,
Um será a colheita do outro.

Um era a passividade do outro,
Um será o gatilho do outro.

Um era o lamento do outro,
Um será o discurso do outro.

Um era o trapo do outro,
Um será a figura do outro.

Um era a ignorância do outro,
Um será o ensino do outro.

Um era a sede do outro,
Um será o amor do outro.

as palavras

Para Sheherazade

As palavras têm escamas
(peixes, alcachofras, cristais),
escorregam mão abaixo,
sabem sonegar sentidos
— podem ser tudo ou nada —,
abrem espaço de luz como um farol,
apagam num fusco de vaga-lume.
As palavras são o poema:
nosso suor essencial,
nossa dificuldade
(arrumação de escamas e sentidos),
nosso desespero de buscá-las
como um diamante,
as palavras,
as lavras,
as cintilâncias do desejo,
no fundo do verbo.
As palavras batem forte
no coração dos poetas.

Guilherme Dearo (São Paulo, 1989) | É poeta e dramaturgo. Escreveu os livros de poemas *Cabeça de Touro* (Editora Garupa, 2019) e *Duas Hipóteses Para um Acontecimento* (Editora Giostri, 2014). Publicou poemas em diferentes edições da revista 7 Faces. Escreveu as peças *O Mar Além* (Festival Satyrianas 2013), *Câmara Escura* (Festival Satyrianas 2014 e Festival Janela de Dramaturgia de Belo Horizonte 2016), *Obscenos Gestos Avulsos* (Festival Satyrianas 2015) e *Terminal Princesa Isabel* (Festival Satyrianas 2019).

porque as samambaias são mais sábias

Veja a palmeira balançando suas garras
em abnegação selvagem. E veja

sua postura fiel e seus valores
pois silencia e permanece sob
um céu volátil e ignorado mas
firme sobre a terra. Sabe que

passará e entende
o que não enxerga.

Em movimento se solta
ao que lhe sopra aceita
seus membros estoicos
obedientes à dança natural.

E ela mesma sopra
sobre nossas faces
nos braços duros
nas pernas gordas
a paisagem perene.

Estática sabiamente
parada enraíza sua história
em sulcos profundos

eternamente ligada à terra
sólida construção edificada maleável.

E sopra a pergunta: quem chegou
primeiro quem mais pisa aqui e
dança e segue o vento sem maiores
questionamentos.

E continua a ser fiel.
E continua a silenciar

até o último de seus dias balanceia
suas garras na despedida de todos
nós
matéria frágil e dura.

uma manhã tropical se inicia

na praça se acumulam
esperam
palavras e ordens

(têm mercado de giz branco
suas costas e blazers)

andam sempre com uma mão
recolhida atrás do corpo
não abrem ou oferecem

mas dão breves tapas
nas costas dos companheiros
mais queridos

ali contam-se os homens
recolhem-se as mulheres

junto com os animais
outros objetos de valor:

espera-se deles o suor
e a hipocrisia
delas as pernas rotundas
e abertas
planejam apenas
breves riscos no chão:

não há muros e portas
são homens inteiros
sem ressalvas
e desentendimentos:

não esperam que haja
segredos e privacidades
entre sentimentos
puros de justiça e progresso.

nada além da limitada carne

I

Quando for para lembrar por que
se é e se está e por que tanto respira
levante quando os vasos estiverem caídos
leia os cimentos quando estiverem marcados
limpe a poeira quando a terra for muita

E quando a carne for fresca
e as moscas muitas

e as flores frescas
e as moscas muitas

E quando as moscas forem frescas
e a maçã na boca fresca
e a cidade, podre, muita

E quando o amor for fresco
e as flores, de plástico, poucas

E quando as asas baterem na boca
na narina no ouvido e zunirem muitas

e as palavras ainda tiverem um humilde significado:

lembre-se dos nomes com dignidade
lembre-se em festa dos nomes
que permanecem com dignidade
diga em voz alta os nomes
com dignidade.

II

somos a passagem das aves migratórias
somos a crueldade plantada profunda
somos as forças diárias resistentes e nulas
cada barco e porto cada festa e gozo
cada parto e cada amor

somos a crueldade que veio antes de nós
cada berro animalesco cruz e espada
que nada sabemos e tudo pagamos

somos servos de cada morto e cada morte
toda última luta e dança e fala cerimoniosa
cada corpo e inseto que não poupamos

para nos revelar a beleza
cobram ousadia
falam por nós e nos exigem
prontidão

nenhum alarde sobre os telhados

Em um breve domingo
me vejo na esquina
corpo reto no farol
que cruza o caminho
e pega o trem matinal
cheio e determinado.

Um passo
é um passo

dos destinos inéditos
dos desejos humildes e dignos
dos pequenos gestos altruístas
dos amores mais profundos
e verdadeiros.

atrás de outro passo

dos sinais cósmicos
das mensagens cifradas
das impressões digitais.

Sonho o meu sonho único
de um milhão de homens.

E assim me carrego
um lugar qualquer.

e não era com a própria boca que se ria

Ouça!
as juntas estourando
as fibras maculadas
os tendões disformes:

é o homem
virando do avesso
remexendo os mortos
reescrevendo éticas

Ouça!
as vozes cada vez mais próximas
o som do grotesco avesso
os gritos dilacerantes

são os homens
suas vozes
empurrando-nos
para mais perto das bombas

mais perto
mais perto

o homem era avesso
o avesso virou pele
a pele virou avesso
quiseram esconder
o que oculto sempre foi
para propósitos abjetos

há algo de proibido
no mau hálito de cada bom homem

Ouçã!
eles querem todos falar
mandar à merda
dar bons conselhos
serem apenas honestos

| poemas do livro *Cabeça de Touro* (Garupa, 2019). |

Leandro Rodrigues | Nasceu em Osasco, São Paulo, em 1976. É professor de Literatura e considera-se um antipoeta ermitão, avesso no desavesso, corinthiano de roer unhas. Pai de João Gabriel, casado com Lúcia e astrônomo de sextas e sábados. Já lançou os livros *Aprendizagem cinza* (Editora Patuá, 2016), *Faz sol mas eu grito* (Editora Patuá, 2018) e *Todas as quedas são livres* (Editora Penalux, 2020). Participou também de diversas antologias, entre elas: *Hiperconexões 3* (2017), *Sarau da Paulista* (2019), *MedioCidade* (2019), *70x Caio* (70 poetas homenageiam Caio Fernando Abreu, 2019). Já teve poemas publicados e traduzidos para Espanha e Estados Unidos (revista *Dusie* Nº 21 da UCLA — Universidade da Califórnia. Mas não acredita em nada disso. Continua aguardando na varanda os dois discos-voadores vistos na infância, para lhe proporcionarem um passeio que ainda não fez.

cadafalso

As marcas de um voo morto
açúcares espalhados pelo sótão
do avesso de minha carne
costuramos madrugadas sanguíneas
marchamos para um cadafalso difuso
cores desmembram o laço
no nosso pescoço um pássaro.

Natal no morro

de sobressalto

a mãe olha para o filho
— são fogos de artifício!

meninos sonham acordados
castelos, dragões, bolas, cometas

e um país imaginário
sem balas perdidas.

ode/elegia

a palavra / o canto / a casca

dis
se
cá-
los

o grilo a cigarra
e sua ode e sua elegia
para a lua para o sol

o poeta / a cicatriz / o novelo

des
mem
brá-
los

| poemas do livro *Todas as quedas são livres* (Editora Penalux, 2020). |

Maria Rezende | É poeta, performer, montadora de filmes e celebrante de casamentos. Publicou quatro livros: *Substantivo feminino* (2003), *Bendita palavra* (2008), *Carne do umbigo* (2015), *Hermanas* (2019) — edição bilíngue em parceria com a compositora espanhola Amparo Sánchez —, além de dois CDs de poesia. Em recitais e com seus espetáculos, *Carne do umbigo* e *Mulher multidão*, já se apresentou em palcos de todo o Brasil e também de Portugal, Espanha e Argentina. Como montadora audiovisual assina treze longas-metragens e pílulas de videoarte. Celebra casamentos com muita emoção, em cerimônias costuradas por poesia. Site: <http://www.mariadapoesia.com/>

do amor e outros demônios

(*inédito)

O amor nos tempos do cólera
o amor de coleira
amor livre mas não despido
nu de meias
o amor de capa de chuva

Amor que cuida
de si
do outro
da humanidade
amor sem temor
mas sem ingenuidade

Amor sem ilusão
amor de verdade
com força fé látex coragem

Amor que permanece
que atravessa as idades
amor que cura

Mucosa com mucosa
agora é só pra quem
mais do que duro
dura

memória e maravilha

(*inédito)

Com os cabelos cheirando a sexo
e o corpo limpíssimo de depois do gozo
me deito

A cama no cio sibila e pulsa

Uma vertigem habita a nuca
tenho um mar na carne
e uma cachoeira nas costas

A boca deságua sinuosa
a pele brilha
banhada em memória e maravilha

s/título

(*do livro *Bendita palavra*)

Nesse lugar-poema
Desse livro que eu escrevo
Invento uma fala clara
Palavra feita pra boca
Com jeito de todo dia
E destino de se espalhar:

Nu aqui é pelado
Seio é peito
Bruma é neblina
Pungente é tudo que dói

Vasta é grande
Casta é pura
Retém aqui é segura

Aqui bela é bonita
Adorna é enfeitada
Enreda é enrosca

Aqui não cabe floreio
Aqui revento a inversão:
Simplicidade, aqui, é sofisticação.

pulso aberto

(*do livro *Carne do umbigo*)

Somos porta de entrada
e porta de saída
somos deusas e escravas
há mil gerações

Dentes afiados
no escuro de entre as pernas
veneno na ponta da cauda
bruxas
putas
loucas
santas

Somos as que sangram sem ferida
donas do prazer
donas da dor
as invisíveis
as perigosas
as pecadoras
as predadoras

Insaciáveis e geradoras
os corpos secretas casas
somos seres de unhas e tetas
caminhando aos milhares as estradas

Somos a terra e a semente
carne de aluguel em alma de rainha
as submissas
as bacantes
as que procriam e as que não

Somos as que evitam o desastre
as que inventam a vida
as que adiam o fim
mulher
multidão

para Eduardo Galeano

kintsugi

(*poema do livro *Hermanas*)

Não ser a mulher do avião
ruminando a palavra amor
a vida escorrendo verde pelo canto da boca

Não ser a que se desculpa
pelo almoço
pela agenda
por voar
por existir

Ser vibrante
ter a voz inteira
não oferecer soluções pra inexistentes problemas
não se espatifar
não se desmilinguir

Nunca ser a mulher do avião
engolindo sua culpa com amendoins
mendigando afeto pelo telemóvel

Ser frágil
aceitar as quedas
desistir de polir cada mínima aresta
e remendar com ouro as rachaduras

Michaela v. Schmaedel (1976) | É jornalista de cultura, tem três filhos, nasceu e mora em São Paulo. Nos últimos anos, tem se dedicado à poesia. Coursou o Clipe (Curso Livre de Preparação do Escritor), na Casa das Rosas, e escreve resenhas para jornais e revistas sobre o assunto. Seu primeiro livro de poesia, *Coração cansado*, está em fase de edição.

por mais que não

Ainda somos o homem
ancestral agachado
na savana do Quênia.

Humano animal
da sobrevivência.

ser no mundo

Homem
do Kilimanjaro
eterno
recém-chegado
feito pedra
espreita o mundo.

Feito homem
sente a queda.

união

No passo
lento
dos elefantes
a busca pela
sobrevivência

se dá
em manada.

fuga

Só a voz que chega
a você me interessa
só a que diz
do que torna
possível
o tempo escasso
de nós dois.

Entre os dizeres
filosóficos
e a poesia
possível
na fuga eterna
das palavras
você me escapa.

linguística

(...) *“É terra,
e a terra escreve: tudo
é a cor do silêncio.”*
Paul Auster

A terra escreve
a árvore escreve
a montanha escreve
o rio escreve
a pedra escreve.

Nós é que somos
limitados na leitura.

localização

Ao contrário dos leões
que descansam da vida
debaixo da árvore
sob o sol do meio dia.

No lugar da caça
do bicho quase não vivo
na savana das presas
me encontro.

Mário Alex Rosa | É natural de São João Del Rei. Licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade de São Paulo, com dissertação sobre o livro *Farewell* de Carlos Drummond de Andrade, e Doutor em Literatura Brasileira também pela USP, com tese sobre a poesia de Armando Freitas Filho. É autor dos livros infantis *ABC futebol clube* (Editora Aletria, 2015) e *Formigas* (Cosac Naify, 2013); dos livros de poesia *Ouro Preto* (Editora Scriptum, 2012) e *Via Férrea* (Editora Cosac Naify, 2013). É editor na editora Scriptum — BH e da coleção *Lição de coisas* — Tipografia do Zé — Belo Horizonte.

a dimensão das coisas

Tenho por ela
a dimensão das coisas:
à noite, as estrelas aventuradas
contadas como segredo revelado.
O céu que se expande
no amor que se ganha
amplia o toque das mãos
enlaçadas por instantes de afetos
demorados na eternidade.
Tenho por ela
o que não se pode perder:
o silêncio das manhãs de cafés
a cor viva da laranja que convida
a palavra repartida na ponta da língua
a dar ao dia sua melhor fatia.
Tenho por ela
o que não se dimensiona
a começar pelo começo
que já é infinito.

poetry

Escrever preto no preto
não na imagem branca do branco
árido de luz branca que se ofende
ao dar a escrever preto no branco
vazio de infiltração?

Escrever com a luz negra da ponta
do lápis firme na sua empreitada
divergente à luz pálida do branco.
Escrever no escuro do preto
contra e sem ver você.

dúvidas apócrifas de JCMN

Sempre quis evitar a si,
Mas evitando um eu,
Outros apareceram:
Pernambucou-se e sevilhizou-se.
Não há de quê não testemunhar
Que se seu pudor cabralizou-se
Na confissão que por avesso se impôs
Habitado por fora o que se esconde por dentro?
Entre a palavra e a pedra, o poeta
Quis falar da coisa em si,
Substantivo concreto ou mineral
Quem não duvida era o (in)certo?
Não há como saber,
Mas sabendo por saber
Que diante de tantas coisas
Contrárias em si não seria a mesma coisa?

catar o sujo

Fazer o poema
é varrer o sujo da casa
acumulado por todos os cantos
da quina dos quartos
ao fundo das gavetas
abarrotaadas de mundos
impróprios.

Fazer o poema
é refazer o sujo
habitado na incômoda
cômoda estacionada
no quarto do passado.

Fazer o poema
é catar o sujo de onde mais
se esconde o oculto presente.
É olhar no espelho de frente
a impureza do poema.

três palavras

Tenho três palavras:
alegria, felicidade e amor.
E nada sei delas e nem elas de mim.
Se for para compor um poema sobre a primeira,
Bastaria apenas dizer: alegria.
E nada seria diferente com a segunda: felicidade.
Já o amor, essa sim demoraria o infinito
Para sabê-la numa só palavra
Que por si só o poema bastaria.

Adriane Garcia | Poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou *Fábulas para adulto perder o sono* (Prêmio Paraná de Literatura 2013, Editora Biblioteca do Paraná), *O nome do mundo* (Editora Armazém da Cultura, 2014), *Só, com peixes* (Editora Confraria do Vento, 2015), *Enlouquecer é ganhar mil pássaros* (e-book pela Vida Secreta, no Issuu, 2015), *Embrulhado para viagem* (col. Leve um Livro, 2016), *Garrafas ao mar* (Editora Penalux, 2018) e *Arraial do Curral del Rey* (Conceito Editorial, 2019).

mandrágoras

Nas profundezas escolho e colho
Tem que ser muito fêmea
Pra saber lavoura
Pedra, praga, erva daninha
Terra que não ajuda, chuva pouca

Nada de alfaces, a folha verde e suave:
Eu só arranco tubérculos.

o tamanho da fila

Olhe para trás
Sua fila
Todos esperam
O que você não tem
E você não diz
Eles têm olhos pedintes
E você quer fugir
A fila persegue

Olhe para trás
Melhore ou piore
A fila é insensível
E estendem a mão

E você não dorme
Tem pesadelos
A fila penetra
Seus sonhos

Você quer explodir
Quer mandar ao alto
A fila em pedaços
Mas o vendedor
Da nitroglicerina
Também vai para a fila

Você olha para os lados
Vê a fila dos outros
E vê você próprio
Várias vezes
Noutras filas.

o ovo

A Solidão botou um ovo
Azul, grande, esperançoso

A Solidão sonhou em ser
Para sempre acompanhada

A Solidão chocou sozinha
Meses, anos, séculos a fio

Seu mudo ovo gorado.

a teia

Presas
A aranha
Tece

esculturas vivas

Repare nas mães
Tendo ao colo filhos dormindo:
Pietás de carne e osso
Carregando destinos.

necrose

Tem coisa que dá errada
É certo
É saber escrever, dar ponto
Final com linha cirúrgica
Torcer que feche e ajudar
Não abrindo com os dedos
Ferida
Mas cheia de apego, a memória
Quer a sobra do amor
E gangrena.

Rodrigo Garcia Lopes | Poeta, compositor, romancista, jornalista e tradutor (Walt Whitman, Sylvia Plath, Arthur Rimbaud, Laura Riding, The Seafarer, entre outros). Em 2011 seu poema “Stanzas in Meditation” foi publicado no best-seller *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século 20* (Editora Objetiva). É Mestre em Humanidades Interdisciplinares pela Arizona State University, com tese sobre William Burroughs, e Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, com tese sobre Laura Riding. Em 1997 lançou *Vozes & Visões: Panorama da Arte e Cultura Norte-Americanas Hoje* (Iluminuras), com 19 entrevistas com nomes como William Burroughs, John Cage, Charles Bernstein, Marjorie Perloff, Chick Corea, Meredith Monk e Allen Ginsberg. Em 2018 lançou *Epigramas*, de Marco Valério Marcial (Ateliê Editorial) e *Roteiro Literário Paulo Leminski* (Biblioteca Pública do Paraná). *Experiências Extraordinárias* (poesia, 2015) e *O Trovador* (romance policial, 2014), foram finalistas do prêmio Oceanos de Literatura. *O Trovador* foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2015. Facebook [\[link\]](#) e site oficial [\[link\]](#)

um sonho

Nas ruínas dos shoppings, nas ruas vazias
de uma metrópole em miniatura, sem nome,
o mato dominando tudo. Ruídos estranhos.

Vitrines quebradas lembrando teias de aranha,
caixas de produtos, bolor, pôsteres manchados
de sangue. Um telefone público tocando para ninguém.

Elevadores, escadas rolantes (ainda funcionam)
E você alcança o quarto 2014 através
das barbas-de-velho e goteiras nos corredores.

Labirinto de imagens, HOTEL HADES, fantasmas
da amnésia afetiva. Você não só jamais esteve aqui
Como percebe um bilhete diante da porta

a seus pés, onde se lê:
*Faltam só mais alguns segundos
para Nada acontecer.*

quarto escuro

O detetive avança pela desordem do estúdio.
A mobília está calada como testemunha.
Lá fora folhas se reviram, se estudam.

O telefone calado como um caramujo.
Um ano depois e todas as pistas
Deram em becos sem saída e luto.

“Nada disso está acontecendo, escuto
meus próprios passos sobre o escuro.
Dois gatos negros transando num muro.”

E o criminoso ali perto,
pronto para revelar quase tudo.
E na pequena floresta da biblioteca

O verde é um código secreto.
O detetive deita e cai num sono profundo.
E a carta o tempo todo sobre o criado-mudo.

a última viagem

Pisou na praia
pela primeira vez
em séculos —

Gaivotas o vigiavam.
Olor de algas.
O vento salino, ardente e Sul.
Odisseu desceu
da balsa murmurando
alguma coisa para si
num dialeto quase extinto.
Arrumou os remos, poucos peixes,
sob a música de um alto-falante
contra um por de sol salmão.
Depois, viu as lâmpadas frouxas
piscando nas casas do povoado.
Maresia de maconha alcançou suas narinas.
Funk.
Risadas altas.
Nenhum pescador o reconheceu.
Penélope nunca existira.
Aquela não era sua lenda.
Ítaca nunca existira.
Odisseu virou-se para a praia sem história
e nada disse:
acendeu um cigarro e contemplou
o azul escuro absurdo do mar noturno
contra as linhas brancas incansáveis
da arrebentação.

tempos de celebridade

Carlos, na próxima encadernação
Nascerei filho de alguém famoso.
E então, como um cão raivoso,
Não largarei meu precioso osso.

Quem disse que é preciso ler,
Ter talento? Não seja ridículo.
Esforço é coisa de otário.

Meu sobrenome será meu currículo.

Vou escrever uns poemas fofos
Umaz cançõezinhas ordinárias
Com uma certeza: o Brasil nunca saiu
Das capitánias hereditárias.

et in Arcadia ego era seu lema

Viveu anos isolado no mato
Acreditando ser seu próprio mito.
Gordas gaivotas eram suas pastoras, Egito,
sua sala de estar. Amigos,
quase não tinha. Sua amante,
a escrita.
Termópilas, a caminhada pela trilha
até a praia do dia.
Por um tempo praticou a arte
da invisibilidade.
Levitação.
Hipnose de ondas.
Bibliomançia.
Com a natureza aprendeu a ficar mudo.
Fazia poesia sem receio, de tudo.
Da natureza aprendeu a ter apenas medo
Ou um imenso respeito.
Et in Arcadia Ego era seu lema.
Do que escreveu, ninguém se lembra,
Queimaram tudo.
Mas sua vida virou objeto de estudo.

Manasota Key

Nas páginas do mar
pelicanos em linha

escrevem as sombras de seus peitos
ao quase tocarem uma onda.
O sol rascunha rubros
bilhetes de despedida, toda tarde.
Golfinhos, suas barbatanas
relatam os rudes caminhos
pela pradaria das baleias.
Mergulhões redigem sua escrita kamikaze,
suicida, invisível por instantes.

Nas páginas da areia
(cujas conchas são suas obras completas)
fósseis negros de dentes de tubarão
escrevem a autobiografia
de dois milhões de anos.
Rastro de guaxinim,
seu romance de aventura
da duna à estrada.
Um siri deixa sua assinatura
sobre marcas de pneus de um SUV.
Garrafa com uma mensagem, um pen drive
com a história de um naufrágio.

Nas páginas do céu
nuvens ancestrais e sempre-novas relatam
suas viagens sobre o mundo, infinitas.
Furacões emplacam best-sellers
sobre o Golfo do México
enquanto folhas de outono caligrafam no ar
ideogramas precisos,
memórias do vento.
Satélites traçam haicais de luz.
A lua amarelo-limão descreve seu brilho solene
sobre as palmeiras da Flórida.

Eu não escrevo nada.

romance policial

A lanterna da lua banhava o morto.
No rosto do detetive, nenhum sopro
A não ser o ar pesado do mangue, o corpo
Caído, espesso sangue, e o pouco
Dito pelo policial com cara de mau
Que agora segurava um castiçal
Interrogando a loira de olhos negros
Que trabalhava para um restaurante grego
Da grana e dos bilhetes estranhos no porta-luvas,
Do estranho esgar de sorriso, do sangue em sua luva.
E antes que a canção no rádio acabe
Ele diz: “Para salvá-la, só um milagre”.
Nas mãos, a carta rasgada ao meio, garrafa de uísque
Pela metade. Mas ainda é cedo para que ele se arrisque.
Nada ficou claro nos depoimentos, de como essa sereia
Foi encontrada pela estrada à lua cheia:
“Do que não se pode falar, deve se calar”,
Ela disse, bem no momento dele virar
E ser beijado por seus lábios fatais.
A lua aumentava seus cristais.
Seguiu-se um minuto de silêncio
E os grilos pontuavam um indício. Ela disse:
“As pistas estão em toda parte, em seu diário,
No dia dezesseis em vermelho no calendário”.
Enquanto o detetive revistava a lua
A loira derramou uma poção branca na sua
Garrafinha de uísque. “Nessa profissão, é preciso jeito
Para resolver este quase crime perfeito”.
Ela não dizia nada, ou quase nada, só o olhava
Sabendo que a verdade estava em cada palavra.
A esta altura, tudo parecia bem nítido
E agora ele a forçava a beber o líquido.

Jozias Benedicto | Escritor e artista visual, com especialização em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo pela PUC-Rio. Participou da XVI Bienal de São Paulo, em 1981. Trabalha com videoinstalações, performances e pinturas que unem literatura e artes visuais. Seu primeiro livro de contos, *Estranhas criaturas noturnas* (Editora Apicuri, 2013), foi finalista do Concurso Sesc de Literatura 2012/2013. *Como não aprender a nadar* (Editora Apicuri, 2016) conquistou o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais 2014 na categoria Contos e o Prêmio Moacyr Scliar 2019, da Diretoria da UBE-RJ. Recebeu, ainda, premiações da Fundação Cultural do Pará (2018) por *Um livro quase vermelho* e da Fundação Cultural do Maranhão (2018) por *Aqui até o céu escreve ficção*, sendo editado pela Editora Patuá. Em 2019 lançou, pela Editora Urutau, um livro de poesia, *Erotiscências & embustes*.

quatro poemas para o livro de um amigo

[1]

*“Quando pronuncio a palavra Futuro,
a primeira sílaba já se perde no passado.”*
(Wisława Szymborska)

um livro sobre o voo
sobre o tempo e suas artimanhas
sobre o passado
e sobre um futuro que logo é presente e logo é passado

é um livro sobre um cubo e ele tem asas
— um cubo ao qual chamamos de casa —
solo, pátria, mãe, moradia, lume
um livro sobre mecanismos para contar o tempo

este é um livro sobre pássaros
e suas rotas
sobre paisagens terrenas divinizadas

é um livro sobre conter o tempo
sobre buscas e reencontros,
um livro sobre o desejo.

[2]

“O tempo o mesmo tempo de si chora.”
(Luís de Camões)

o livro é como uma bala prateada sobrevoando a cidade
sobre todas as cidades e moradias humanas
sobre amores e ansiedades
cristalinos iconoclastas

este livro é sobre navegantes e navegadores
sobre os sete mares dos sete vezes sete universos
sobre risos e lágrimas, sobre o farfalhar
de miríades de borboletas todas chamadas “tempo”

ah, este vagar por espaços
por tempos
por amores e por eternidades,

este querer ser dois e ser um,
este querer guardar e querer gastar,
este eu de mim mesmo chorando.

[3]

“Vivem de pouco pão e luar.”
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

lembro das lições de caligrafia
lembro das agendas rasuradas e esquecidas
lembro de línguas mortas e beijos ocultos
da lua cheia que nos enlouquecia

o mar ao longe, as ondas pálidas, o reflexo

ardente da lua nas águas
as passagens que a nenhum lugar levavam
rezas anáguas novenas jejuns e confissões

as recordações, as nuvens, o cheiro de chuva
flores que duravam apenas um dia
cantos sussurros e segredos

ruas de pedras, sobrados e azulejos
memórias
luar

[4]

“Vê-se, como tão rápido anoiteço.”
(Sousândrade)

se as manhãs trouxeram a vida e o amor
o sol dos dias
os dias que se seguem aos dias
como soldados marchando incessantes sob o sol

se as tardes vieram com flores e humores,
chá e febres
visitas inesperadas e sinos ao longe
cheiro de bolo de laranja e canela

as noites trouxeram perigos —
o esperar de alguém que nunca chega
a gargalhada descompassada ao longe

mas trouxeram também
a paciência e a temperança
as memórias guardadas nas folhas de um livro.

| os “Quatro poemas para o livro de um amigo” foram escritos para o livro *Minhas verdades incompletas*, do fotógrafo Denilson Machado (2020). |

Helena Arruda | Nasceu em Petrópolis, RJ. É mestra e doutora em Literatura Brasileira (UFRJ). Poeta, contista, ensaísta, pesquisadora e revisora, é autora dos livros *Interditos* — poemas (Batel, 2014) e *Mulheres na ficção brasileira* — ensaios (Batel, 2016). Publicou também nas antologias: *Elas escrevem; Moedas para um barqueiro* (Andross, 2011); *Por detrás da cortina; Amor sem fim* (Beco dos Poetas, 2012); *A literatura das mulheres da floresta* (Scortecci, 2013); *Hoje é dia de hoje em dia: literatura brasileira do século XXI* (Multifoco, 2013); *Rio dos bons sinais* (CMD, 2014); *O protagonismo feminino* (Scortecci, 2016); *Escritor profissional* (Oito e Meio, 2016); *Mulherio das Letras* (Costelas Felinas, 2017); *Mulherio das Letras* (Mariposa Cartonera, 2017); *Tabu* (Oito e Meio, 2017); *Casa do Desejo* (Patuá, 2018); *Mulherio das Letras* (Edição do Autor, 2018); *Mulherio pela Paz* (Edição do Autor, 2018); *Ficção e travessias: uma coletânea sobre a obra de Godofredo de Oliveira Neto* (7Letras, 2019); *Ato Poético* (Oficina Raquel, 2020); *Ruínas* (Patuá, 2020). Helena é também membro do corpo editorial da Revista Topus — espaço, literatura e outras artes, da UFTM. Atualmente, dedica-se ao seu primeiro livro de contos e à pesquisa acadêmica relacionada à literatura brasileira do século XXI. Este poema está no livro *Corpos-sentidos*, a ser lançado, ainda este ano, pela Editora Patuá.

envelhecer

aos 53 anos tive um insight na banheira
e
percebi que fui sendo tudo na vida
fui sendo criança sem saber
sendo adolescente sendo adulta
sendo mãe sendo velha
percebi aos 53 que não me preparei para
nada
a vida foi sendo e se desenrolando na minha frente assim

como uma árvore que vai crescendo e ficando verde e
ficando adulta e dando flores e frutos e amarelando
e caindo os frutos e continuando sem cessar sem cessar
percebi no espelho a minha cara lavada o meu corpo lavado
a minha flacidez e minha lentidão as minhas rugas e minhas mãos
percebi que não planejei a vida que ela foi acontecendo devagar e
rápida e devagar e rápida de novo e mais rápida ainda
e mais
percebi que não percebi nada e tudo foi indo e indo e tomando
proporção e eu ali meio silente meio falante fui indo
como uma pipa sem rabiola e voando e indo toda vida e
trabalhando sem cessar e vivendo um amontoado de coisas e
sendo mãe e sendo filha e sendo neta e
sendo aluna e sendo professora e
sendo irmã e sendo amiga
e sendo tudo ao mesmo tempo e
sendo mulher e sendo esposa e sendo traída
e sendo tantas e sendo eu mesma sempre e sendo tantas e sendo eu
e sendo
percebi hoje que agora posso planejar porque hoje fui acontecendo em
mim
e fui percebendo o impercebível e fui vendo a minha velhice chegar e
pensando
e acontecendo tudo de novo e eu sendo escritora e sendo poeta e sendo
sempre
cansada e sendo mestranda e sendo doutoranda e sendo pesquisadora
vou descobrindo
e sendo tantas ao mesmo tempo
mas agora eu planejei que sendo uma sou muitas
e agora eu descobri que sou muitas e sou eu
porque sou muitas e sendo eu quero ser outras
e sendo outras quero ser eu
sendo de novo eu e outras e de novo
e assim a velhice chegando
agora vou me planejando para ficar mais velha e ter umas mazelas e sendo
e a menopausa chegando e eu sendo eu e sendo tantas
e meu assoalho pélvico envelhecendo e eu sendo eu e sendo tantas

e eu te traindo porque sendo eu fui ser outras
e eu me traindo porque sendo eu fui ser outras
e sendo outras queria ser eu de novo
e percebi que vou planejar e velhice
já que fui sendo tudo na vida quero um tempo só pra mim
para planejar a velhice
e sendo vou planejando e viajando
e sendo mãe e sendo irmã e sendo amiga e sendo adulta e sendo tantas
e sendo eu e sendo mulher e sendo madura
e sendo madura posso esverdear
e posso virar flor e posso ser semente e posso germinar
e posso nascer de novo
e sendo eu posso ser múltipla e posso ser madura
e posso ser comida
e posso ser eu mesma
e posso ser eu mesma
e posso envelhecer
sendo.

Edimilson de Almeida Pereira | Poeta, ensaísta, professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

PORTRAIT DE FAMILLE

1

pela escarificação no rosto
cada um se dá a ler
como um jornal diário

em verdade, os textos
nessa pocilga rascunham
um lugar em trânsito

uma sílaba traíndo a outra
coloca no mesmo ringue
francisco e licutã

pelejam em nome do
 ab al
 to
 em língua selada
esfolam-se francisco e licutã

para salvar o crânio
 e seus dividendos
afiam a conversa no sangue

cada um de seu canto
não mede que está no outro
talvez, por isso,

se devorem
 para ler-se desde dentro

2

sob a escarificação outra
miragem
esperando a mão
tocar-lhe as vértebras

outra que não a urina
e as fezes
nem a coleira do cão — outra

que sitiando os piolhos
escala os anônimos — outra

CAMPO GRANDE

brumado

guinda careca

sapucaí cabaça
ibituruna

inficionado ambrósio

caraça

marcília isidoro

diversa de si — todo-o-avesso
revés que se serve
do zero
para informar o mundo

3

das cáries nenhuma
escreve mais
que o esquecimento

raros os fatos
que dão origem a uma
nova dor

nem o tendão
exposto da mãe, nem
o rapto, a morte — sim,

em outra língua, sobra
no inventário
de hostilidades

apesar dela o rosto
ao se desfazer
inaugura uma promessa

os mortos que foram
perdas
dobram a página para
viver nos livros

pela escarificação
das heranças
pouco se decifra, mas
uma vértebra
(o que basta)
prenuncia o corpo

PRAIA DO NÃO RETORNO

1

o cuidado de ulisses
com seu cão se explica a quem
antevê

um braço
a mais no escorpião: parentesco
que tece
a aflição da mulher

porque está ocupado, ulisses
tateia o pulso
de outro corpo “disseram

que a sombra de achiles
deteria o inimigo”

mas o bicho de
estimação já se habituara
ao zero
como destino

2

estendem a oliseo um
abismo
e em recompensa
os farelos

— há-de ser um mergulho,
insistem,
para que nenhuma
cifra o recupere

há-de ser fortuna esquecer
os músculos
e a estatura da palmeira

3

olisseo escreve o selo
do pai
o selo que ao pai dispersa

o *mater* selo, em
circuito fechado, nas
trevas

o zelo de olisseo contra
o selo
: à sua volta se acumulam

fendas uivos
sombas que na praia
ardem

olisseo se instrui
no pó
contra a incisão no carpo

— o *mater* selo do pai
recua
ante a fricção do mar

olisseo se lança, aporta
ao som
dos búzios

à deriva se dá, entre
signos
a que não se pode amarrar

(os signos
não plantados e que, no
entanto,

vingam em matas
livros mortos em rios
vogais)

oeco olisseo, de si
inteirado,
apruma-se salta-se elide-se

: para ser não se imprime,
olisseo,
o osso navio

4

olisseo carda a palavra
okoenda

sob a usura do assalto
se despe
se veste
em outra pele: cuendá
ulisses d'oro
arvorado argonauta

o eco

onde vais
where are you
où est-il

o devolve à planície
onde o leopardo não caça

por ser malhado

na linguagem quem captura

o
l
i
s
s
e
o

filho do se?

VOYAGES

de passagem por esta cidade — irmã das
nossas pelo comércio, danos & cia —
roeram-me o fígado as lisas pedras do
cais.

tantos pés as desposaram que faltando
um dentre os navios sentem-se viúvas. e
rosnam e urdem vinganças. “o
Especulador nos deve

COFFEE COTTON CLUB. o Boa Viagem GOLD
TOBACCO COOL. o Flor do Brasil COTTON
CACHAÇA BLOOD”. nós, que vemos as
nossas,

vemos também esta cidade endividada
em vítimas. qualquer especulador, por
mais dura seja a viagem, colhe sua flor
sua fortuna.

os caibros dos navios têm cãibras, as
notas fiscais não. na seara de usura e
cana pouso a constelação arfante o

p l a
u s r
o n o t u r n o d e n e t u n o

quem especula : [dor]
quem recupera : []
[dor] tenta : quem
[] vinga : quem
ninguém coopera [d'or]

por esta cidade, irmão, as âncoras se cravam em nós, nos hinos que atiramos aos ouvidos. já não há passagem se do mar chegam notícias

de morte. e a morte mesma desnuda, a morte em festa, em sua mais cara face, a que não se paga e nos indaga: não danças?

Estes poemas foram extraídos do livro *homeless* publicado pela Mazza Edições, de Belo Horizonte, em 2010. A respeito da obra comentou Steven White, poeta, tradutor e professor de Literatura Hispanoamericana da St. Lawrence University (Canton, USA), 2012:

“Por ser integralmente ligado à diáspora africana, o trabalho abrangente de Edimilson Pereira precisa ser considerado em relação a autores de descendência africana através das Américas que publicam em línguas variadas e se inspiram em tradições orais, eventos históricos relacionados à escravidão, e o poder musical de *spirituals*, *blues* e *jazz* por sua energia. Nos Estados Unidos, tais escritores incluiriam, entre outros, Lucille Clifton, Nathaniel Mackey e, com certeza, Kevin Young, cuja *persona* poética em *Ardency: A Chronicle of the Amistad Rebels* ressuscita um coro de vozes que busca por liberdade através dos mares do tempo. Onde fica o lar das vítimas da diáspora e de seus descendentes? Como habitantes forçados à adaptação a novas terras e sempre prontos a transformarem línguas impostas com vestígios do que ficou para trás, o lar está na própria palavra. Os poemas de *homeless* de Edimilson de Almeida Pereira formam não apenas um refúgio literário, como também uma comunidade conectada a outras comunidades. Eles são cartografias, tão importantes quanto qualquer legislação, para navegar do passado para o futuro.”



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo